

NOVOS RUMOS

ANO II Rio de Janeiro, semana de 29 de abril a 5 de maio de 1960 N.º 61

Diretor — Mário Alves Redator-Chefe — Orlando Bomfim Jr. Gerente — Guttemberg Cavalcanti

Repto ao "JB"

ORLANDO BOMFIM JR.

O «Jornal do Brasil» de domingo último dedicou ao Partido Comunista uma reportagem de página inteira (assinada por Newton Carlos) e o principal tópico de sua página de comentários. Tanto na reportagem como no tópico, as deturpações e tentativas de empulamento do leitor não conseguem disfarçar de toda a preocupação com os reflexos positivos da atual orientação política dos comunistas. Deve sentir-se na verdade muito assustada a senhora Condessa para nos brindar com mais de uma página, pois é sabido que sua ganância repousa na venda a alto preço do espaço do jornal, dividido e subdividido nos pequenos anúncios de poucos centímetros.

ESSA preocupação temerosa diante dos novos caminhos seguidos com êxito pelos comunistas brasileiros existe também em outros órgãos da imprensa de aluguel, particularmente os entrosados na campanha do sr. Jânio Quadros. E ela se tem manifestado num esforço para lançar a confusão no interior do movimento comunista, para influenciar simpatizantes e outros setores da esquerda. Já foi anunciada pela «Tribuna da Imprensa» (e o «Correio da Manhã» repetiu dias depois o anúncio) a publicação de um manifesto de «dissidentes» apoiando Jânio. O «Diário de Notícias» descobriu que os dirigentes comunistas iam reexaminar a questão do apoio a Lott. E o mesmo «Jornal do Brasil» noticiou que a ordem era fazer corpo mole, aguardando os acontecimentos. Como se vê, muda o tom, mas a toada é a mesma. E está afinada com o empenho do sr. Jânio Quadros em «fixar ao seu lado o eleitorado de esquerda, a vasta área sensibilizada pelo Partido Comunista», conforme afirmou o jornalista Carlos Castelo Branco na revista «O Cruzeiro».

OTÓPICO e a reportagem do «Jornal do Brasil» difundem a ideia de que o Partido Comunista está em declínio, «dividido e cheio de contradições internas», com «a maioria dos simpatizantes do comunismo tanta e desconfiada». Mas, a reportagem se encarrega de desmentir seu próprio título e desfazer as conjecturas do tópico, ao afirmar que «as bases do PCB vêm recebendo reforços razoáveis desde 1957». Estranho declínio, sem dúvida.

POR outro lado, é de se notar que toda a exploração é feita em torno do debate sobre as Teses e o Projeto de Estatutos. Mas esse debate — público e livre — constitui exatamente uma demonstração de vitalidade. Os comunistas não receiam expor e discutir, aos olhos de todos, amigos e inimigos, sem ocultar divergências ou contradições, o que pensam sobre os problemas do mundo e do país e quais as causas e objetivos da sua atividade política. Têm a certeza de que, assim agindo, saem fortalecidos, porque encontram os caminhos de luta mais acertados. E assim agem porque não são políticos que disputam postos de mando ou vantagens pessoais, usando como armas a intriga, os embalaches e golpes baixos de qualquer natureza. Ao contrário, atuam na base de princípios e tendo em vista a solução dos problemas fundamentais do país.

A PROPOSITO, vale a pena comparar, nestes momentos de campanha eleitoral, o comportamento das diversas agremiações partidárias, no cenário político e frente às suas questões internas. A casta UDN nos dá, em setores da sua cúpula, o exemplo mais expressivo. É um curioso lavar de roupa suja no qual a sujeira que aparece vai aumentando sempre. Eles mesmos se classificam de sem-vergonhas, desleais, negociastas, corruptores, etc., e continuam juntos, naturalmente ligados pela vigilância, que se diz eterna. Para nada disso, afinal, devem dar grande importância. Porque na realidade só estrilam quando os interesses pessoais ou de grupos são atingidos.

N O debate livre e público das Teses e do Projeto de Estatutos, os comunistas dão também um exemplo do caráter democrático do seu movimento. Em que outro partido se faz o mesmo? Em que outro partido os problemas ideológicos, de organização partidária (Estatutos), de elaboração da linha política são submetidos a um debate sério e de princípios, prolongado e coletivo, aberto a todos os membros?

AM as interrogações, como oportunidade para uma resposta do «J.B.». Se quiser. E se puder.

NACIONALISTAS REPELEM O JÔGO DO CONTINUISMO

Çandango Vibrou Com Sua Obra

Leia na 6.ª página do 2.º Caderno reportagem de LUIZ FERNANDO



Portaria 55 provoca protestos

CENTENAS de trabalhadores da faixa da cisca do Rio de Janeiro subiram as escadarias do Ministério do Trabalho, (foto) na última segunda-feira, e mpunhando disticos e cartazes, procurando o ministro Batista Ramos para exigir dêle a revogação da Portaria 55, que prorroga os mandatos dos atuais dirigentes sindicais até fevereiro de 1962. Formularam então, ao sr. Ayrão de Salles Coelho, o seu protesto contra a violação da autonomia sindical. Leia, a propósito do assunto a Nota Sindical, na segunda página deste caderno.

Prossegue debate sobre a política dos comunistas

AMPLO debate iniciado nas colunas de NOVOS RUMOS sobre a política dos comunistas brasileiros e o Projeto de Estatutos do Partido Comunista do Brasil prossegue na edição de hoje. TRIBUNA DE DEBATE publica, na 3.ª e 4.ª páginas do segundo caderno, artigo de Milton Eloy, Eugênio Chemp e Carlos Danielli, além da continuação do artigo de Maurício Grabois. Na 2.ª página (2.º caderno) tornamos publicar as normas para a publicação dos artigos dos companheiros que desejem participar do debate.

A INAUGURAÇÃO de Brasília e a enorme promoção publicitária nuz esse acontecimento representou para o sr. Juscelino Kubitschek este levando certos setores da situação a novas articulações contra a candidatura do marechal Teixeira Lott. Volta-se a falar em «mandato tampão» ou na prorrogação do mandato de JK. (Ler em «Panorama», 3.ª página)

Lucas Lopes e Roberto Campos: Agentes da «Hanna»!

UMA intensa batalha de bastidores está em curso, entre trustes imperialistas, pela posse do ministério de ferro do Brasil. Um dos trustes é a «Hanna Co.», empresa norte-americana, cujo projeto foi elaborado pelos conhecidos entreguistas Roberto Campos e Miguel Osório, contando com a assistência técnica de outro entreguista «honesto»: Lucas Lopes. Outro truste é a «Ferrostaal», associação germano-brasileira. Por fim, há o grupo Rockefeller-Cleveland que está na iminência de apoderar-se da Cia. Vale do Rio Doce. (Leia na 2.ª pág. do 2.º cad.)



Jânio conspirou com os lanterneiros em novembro de 55

A HISTÓRIA da participação de Jânio Quadros na golpe de novembro de 1955 é revelada aos leitores de NOVOS RUMOS na reportagem que é publicada na 1.ª página do 2.º caderno desta edição. Comparado do governo udenista que se apossou do Poder com a morte de Vargas, Jânio participou ativamente na conjura que pretendia impor ao país a ditadura do clube da lanterna. Mas o povo e o Exército imobilizaram os golpistas e derrotaram o lanterneiro Jânio Quadros. (Leia na 7.ª página do 1.º caderno. Na foto, soldado ianqu fuzila patriota coreano

Canto de cisne do ditador sul-coreano

D EPOIS de quinze anos de exílio, chega agora ao seu fim. Nas ruas das principais cidades do país, centenas de milhares de manifestantes exigiam a renúncia do ditador e do vice-presidente «eleito» e a convocação de novas eleições. Diante da situação, o governo norte-americano não teve outra alternativa e, para salvar a cara, condenou a ditadura que ele mesmo sustentou; provocando sua queda. Leia reportagem na 7.ª página do 1.º caderno. Na foto, soldado ianqu fuzila patriota coreano

Primeiro de Maio

LUIZ CARLOS PRESTES

SETENTA anos depois do massacre de Chicago, podemos afirmar que o Primeiro de Maio já não é apenas uma jornada de luta e de protesto, mas também um grande dia de festa em que os trabalhadores do mundo inteiro celebram a vitória de seus ideais socialistas, já triunfantes para um terço da humanidade.

N O BRASIL, os trabalhadores já sabem fazer do Primeiro de Maio um verdadeiro dia dos trabalhadores, uma festa efetivamente do trabalho, livre da interferência patronal e do Ministério do Trabalho, da demagogia enganadora de uma pretensa «paz social». Reunem-se em seus sindicatos e associações ou ganham a praça pública para, junto com outras forças patrióticas e populares balancear suas lutas e festejar as vitórias alcançadas na defesa de suas reivindicações e na luta pelo progresso social, na grande luta pela emancipação econômica de nosso país.

N O ANO decorrido, os trabalhadores brasileiros souberam defender com decisão e energia seu nível de vida. Diante da ameaça brutal de uma violenta carestia da vida, souberam unir suas fileiras e exigir do patronato e do Estado os aumentos de salários necessários, não permitindo de forma alguma que pudessem tomar corpo as tentativas reacionárias dos porta-vozes do imperialismo a respeito de qualquer congelamento de salários. E com razão já iniciam neste momento a batalha pela revisão do salário mínimo, bandeira de luta que, levantada pelos trabalhadores de São Paulo e de outros Estados, estender-se-á rapidamente a todo o país. Lutando em defesa da dignidade de seu nível de vida, os trabalhadores brasileiros reforçam sua organização e sua unidade e contribuem, assim, decisivamente para a salvaguarda das liberdades democráticas e das garantias constitucionais no país. Os trabalhadores cariocas, através de sua III Convenção Sindical e com a criação da Comissão permanente coordenadora do movimento sindical do Estado da Guanabara, consolidam sua unidade e indicam o justo caminho a seguir pelos trabalhadores dos demais Estados, como São Paulo, Santa Catarina, Estado do Rio, Rio Grande do Sul, que se reúnem neste momento em seus Congressos estaduais. E por este caminho avançam os trabalhadores para o grande Congresso Sindical Nacional, previsto para o próximo mês de julho, através do qual hão de dar um importante passo no sentido da consolidação da unidade dos trabalhadores de todo o Brasil sob

uma única orientação e direção, conforme a decisão adotada, por votação unânime, na histórica II Conferência Nacional dos Trabalhadores do Brasil.

C OM o reforçamento do movimento sindical colocam-se diante dos trabalhadores novas e mais importantes tarefas. Acentua-se, dia a dia, a contradição entre uma legislação trabalhista com características reacionárias, elaborada durante os anos do Estado Novo, e o desenvolvimento da democracia no país ou mesmo os próprios preceitos da Constituição Federal de 1946. Acentua-se, assim, a luta pela autonomia e a liberdade sindical, contra o famigerado decreto-lei 9.070, e preceitos legais que permitem decisões tão reacionárias como a recente portaria que prorroga por dois anos os mandatos dos dirigentes sindicais, contra a qual levanta-se no momento todo o movimento sindical operário no Brasil.

OS TRABALHADORES brasileiros têm também a certeza de que, a medida que unem suas fileiras, poderão através do movimento operário brasileiro dar uma contribuição crescente para a unidade internacional do proletariado. Fazendo do Primeiro de Maio um dia de solidariedade, manifestam seu protesto diante dos massacres racistas na União Sul-Africana, diante da reação sanguinária na Coreia do Sul, e expressam seu apoio ao povo irmão de Cuba e ao governo revolucionário de Fidel Castro. Tudo saberão também fazer para que a próxima conferência de cúpula chegue a resultados positivos, que determinem novo avanço no sentido da diminuição da tensão internacional.

OS TRABALHADORES brasileiros, que têm participado com decisão e energia das lutas patrióticas em defesa do petróleo e demais riquezas nacionais, e que em todas as suas reuniões e Congressos têm sempre se manifestado unânime pelas reivindicações nacionalistas, já se movimentam neste momento para dar sua inestimável contribuição na grande campanha da sucessão presidencial, dispostos a tudo fazer para garantir a vitória dos candidatos nacionalistas a 3 de outubro.

N ESTE Primeiro de Maio, dia da solidariedade internacional dos trabalhadores, o movimento operário brasileiro afirmará mais uma vez sua decisão de lutar sem desalocamento, junto com as demais forças patrióticas e democráticas, pela emancipação completa do país, por uma reforma agrária, pela paz e a democracia.

Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Carris Urbanos, Trolley-bus e Cabos Aéreos do Rio de Janeiro

Sede: Rua Maia Lacerda, 170 — (Edifício Próprio)

Telefones: 32-2650 e 52-5971 — Estado da Guanabara

Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Carris Urbanos, Trolley-bus e Cabos Aéreos do Rio de Janeiro, saúda o 1º de Maio e os trabalhadores de todo mundo, desejando aos trabalhadores do Brasil bom êxito em suas lutas por melhores condições de vida, pela paz e felicidade de nosso povo, fazendo votos também de bom êxito e de prosperidade ao novo Estado da Guanabara.

A Diretoria

Antonio Joaquim Crespo de Vasconcellos

Geraldo Soares

Mário Genuino de Freitas

Manoel Pinto de Oliveira Junior

Antonio da Silva Leite

Severino Menezes de Souza

Raymundo Gomes Filho.

Sindicato Dos Empregados na Administração Dos Serviços Portuários de Santos

1º de Maio

A passagem da Data Magna do Trabalhador a Diretoria saúda fraternalmente as entidades co-irmãs, os Podêres Constituídos e, muito em particular, os nossos prezados consócios

Almejamos que este 1º de Maio seja o marco decisivo para a solução dos problemas da classe operária, da emancipação econômica da Pátria e da concretização da Paz entre todos os Povos.

Viva o 1º de Maio!

Viva a classe operária!

Viva a paz universal!

Viva o Brasil!

Waldemar Neves Guerra
Presidente

Sindicato dos Oficiais Eletricistas e Trabalhadores na Indústria de Instalações Elétricas, Gás, Hidráulicas e Sanitárias do Rio de Janeiro.

Por motivo da passagem do Dia Primeiro de Maio, data máxima dos trabalhadores de todos os países, saudamos o nosso quadro social, e os operários das demais categorias profissionais, fazendo votos para que se unam cada vez mais em torno das suas entidades, reforçando a luta pelos seus direitos e por novas conquistas.

Orlando Maurício Scancetti — Presidente.

Nota Sindical

O Novo Ministro e a Autonomia Sindical

A Capital da República mudou-se para Brasília. Para a nova Capital irá um novo ministro. Saliu o sr. Fernando Nóbrega, entrou o sr. João Batista Ramos, ambos do PTB. Tanto na nomeação de um como na de outro, não houve nenhuma interferência dos trabalhadores, que não foram ouvidos nem consultados. Isso esclarece, de saída, que não haverá alteração na atitude de independência que o movimento sindical brasileiro vem mantendo em relação aos titulares da Pasta do Trabalho.

A posição dos trabalhadores de todo o país vem sendo definida nos congressos, conferências e convenções, onde o movimento sindical tem formulado as suas mais importantes reivindicações, entre as quais se incluem, fundamentalmente, a plena liberdade e autonomia sindicais, o reconhecimento efetivo do direito de greve, a reforma da previdência social, o combate à carestia da vida, estabelecimento de contratos coletivos de trabalho, revisão dos atuais níveis de salário mínimo, melhoria das condições de vida e trabalho, e defesa da economia, da indústria e da independência nacionais. A conduta do novo ministro face a essas reivindicações é que dirá se ele terá ou não o apoio do movimento sindical brasileiro.

Já no seu discurso de posse, o novo ministro comprometeu-se a tornar realidade inúmeras das velhas aspirações das massas trabalhadoras. O sr. Batista Ramos assegurou, entre outras coisas, que é pela total autonomia e liberdade sindicais. Isso é muito bom. Mas para ser coerente com a sua palavra o novo ministro terá de revogar, agora mesmo, a portaria 55, do ex-ministro Fernando Nóbrega, que viola grosseiramente a liberdade sindical, determinando que, mesmo com os mandatos extintos, os atuais dirigentes sindicais continuem ocupando os seus cargos até fevereiro de 1962. O objetivo da portaria é fazer com que os mandatos sindicais tenham início nos anos pares, com a posse dos eleitos na seguinte ordem: em março, nos sindicatos; em maio, nas federações; em junho, nas confederações.

Alguns líderes sindicais reivindicam, realmente, a coincidência de mandatos. O assunto é discutível. O que fica excluído, de saída, é que para alcançar tal objetivo se permita a violação da autonomia sindical. Dai os protestos veementes que surgem de todo o país contra o arbitrário ato do ex-ministro Fernando Nóbrega. A revogação da portaria 55 é a primeira exigência dos trabalhadores ao novo ministro. Revogando a referida portaria deverá o sr. Batista Ramos, se quiser acertar, ouvir a opinião dos autênticos dirigentes sindicais sobre a coincidência dos mandatos. Se as opiniões forem favoráveis, que se estude, então, a maneira de se alcançar tal objetivo sem ferir os princípios da liberdade e autonomia sindicais.

Os autores da portaria intervencionista douraram a pílula, pensando que com isso os trabalhadores a enguliriam satisfeitos. Mas a reação contrária dos trabalhadores foi imediata e por lá prova, agora mesmo, a sinceridade das palavras do novo ministro, acerca da autonomia sindical.

Nilson Azevedo

Os Comunistas e a Política Partidária Nos Sindicatos

JOVER TELLES

A Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria enviou uma «Mensagem» à Convenção Nacional do Partido Trabalhista Brasileiro, na qual propõe modificações nos Estatutos desse partido e apresenta um programa positivo de reivindicações. O documento, não obstante expressar um progresso da CNTI na formulação dos objetivos da luta dos trabalhadores pela liberdade e a autonomia sindical, é sumamente negativo porque prejudicial à unidade do movimento operário.

Sob o pretexto de que «... a legislação vigente veda a atividade político-partidária nos sindicatos». Sob pretexto de alcançar «... a participação direta do trabalhador na administração pública», e «considerando que a linha política-partidária do PTB atende aos anseios dos trabalhadores brasileiros», a CNTI reivindica que esse partido promova «... o alistamento ideológico do trabalhador...» e permita a «participação ativa e permanente dos trabalhadores na direção administrativa e política do PTB».

Como é evidente, a essência do documento da CNTI consiste em abrir caminho para a introdução da política partidária no movimento sindical, que pretende subordinar totalmente à orientação do PTB. Não por acaso o redator da «Mensagem» foi o sr. San Tiago Dantas. É uma tentativa de, em plena era atômica que se caracteriza pela transição do capitalismo ao socialismo, querer caricaturar no Brasil o Partido Trabalhista Inglês. Nesse sentido, também não é casual a recente visita ao nosso país do sr. Morgan Phillips, Secretário Geral daquele partido.

A «Mensagem», como é lógico, foi aprovada pelo PTB e, posteriormente, enviada às entidades sindicais acompanhada de uma circular pedindo a estas o rápido exame e apoio.

Como consequência e em consonância com isso, o sr. Oswaldo Lima Filho, líder do PTB na Câmara dos Deputados, apresentou um projeto de Lei que tomou o número 1738/60, com o qual pretende modificar os artigos 511 e 521 da Consolidação das Leis do Trabalho. O projeto foi assinado por diversos deputados.

Os signatários do projeto visam alcançar dois objetivos: introduzir a política partidária nos sindicatos e permitir que um empregado remunerado de sindicato, federação ou confederação possa acumular, juntamente com sua qualidade de empregado remunerado, o exercício de cargo eletivo.

A isso resumem-se os anseios de liberdade e autonomia sindical dos autores do projeto. Não se trata de libertar os sindicatos das peias ministerialistas. Tudo está bem, para os sig-

natários do projeto, e deve continuar. Deve continuar o «Enquadramento Sindical». Os dispositivos da Lei vigente, que permitem a tutela do movimento sindical pelo Ministério do Trabalho, devem continuar. A única coisa que os proponentes do projeto dizem aos dirigentes sindicais é o seguinte: Introduzam a política partidária nos sindicatos e dividam o movimento sindical entre os partidos políticos ou por ocasião das disputas eleitorais, que nós lhes pagaremos e possibilitamos-lhes a aquisição de dois salários: um como empregado remunerado de entidade sindical e outro como dirigente sindical. Não se trata de atender às exigências da CNTI, para não falar nas exigências de todo o movimento operário, expressas nos congressos e convenções sindicais e que, na Mensagem à Convenção Nacional do PTB, assim ficaram postuladas:

I — Direito das entidades sindicais de redigirem seus Estatutos e regulamentos administrativos, de elegerem livremente seus representantes, de organizarem sua administração e suas atividades e de traçarem seus programas de ação;

II — Proibição de qualquer intervenção tendente a limitar este direito ou a enfraquecer seu exercício legal, não ficando sujeitas as mesmas entidades sindicais à dissolução ou suspensão por via administrativa;

III — Direito amplo de filiação às organizações internacionais de trabalhadores;

IV — A aquisição da personalidade jurídica dos órgãos sindicais não poderá estar sujeita a condições cuja natureza limite a liberdade preconizada nos itens anteriores.

Portanto, com o projeto de Lei não se objetiva sanar a contradição existente no movimento sindical, materializada na vigência de uma legislação sindical corporativa, elaborada no período ditatorial do Estado Novo e baseada na Carta de 1937, em contraposição com os postulados constitucionais de 1946 e com o espírito dominante na atualidade. Não se visa adaptar a legislação sindical nem mesmo às conquistas que o proletariado, através do movimento sindical, já obteve na prática. Não se pretende, enfim, conceder ao movimento sindical a liberdade e a autonomia tão reclamadas e necessárias para que o proletariado possa melhor cumprir seu papel na luta de todo o povo brasileiro contra os imperialistas ianques, os latifundiários, pela emancipação e o progresso do país. Nada disso. Tudo

está bem, para os signatários do projeto.

O que parece realmente preocupar os autores do projeto é a crescente unidade de ação do movimento sindical, que vem sendo forjada, não obstante a subordinação legal dos sindicatos ao Ministério do Trabalho, apesar dos entraves da legislação sindical e utilizando-se de seus aspectos positivos. O que os preocupa é a elevação da consciência política da classe operária e o fortalecimento de sua organização. Diante disso, penalizam-se do movimento operário. Pobre movimento operário, dizem. Os dirigentes sindicais ainda não têm o direito elementar de realizar a política partidária nos sindicatos e de dividi-los entre os diversos partidos políticos. Pobres dirigentes sindicais, dizem. Como é possível uma legislação tão perfeita, tão liberal, simultaneamente ser tão desumana em relação à situação econômica dos dirigentes sindicais? Que pena! Mas não há de ser nada. Com o atual projeto mataremos dois jacus com um único tiro. Resolveremos uma e outra questão.

Diante de tão santas intenções, só nos resta exclamar: Que grande e generoso coração possuem os signatários do projeto! Que Deus os abençoe.

Como se vê, a «Mensagem» da CNTI, como o projeto da liderança do PTB, são dois elos de uma mesma cadeia em cujas voltas pretende-se aprisionar e paralisar o movimento operário. Por isso, os trabalhadores cariocas, em sua III Convenção Sindical, justa e unanimemente repeliram o projeto Lima Filho, bem como rechaçaram toda e qualquer medida que vise introduzir no movimento sindical a política partidária ou a subordinar esse movimento a qualquer partido político.

Nas condições de nosso país, a introdução da política partidária no movimento sindical e a subordinação das entidades sindicais à orientação político-partidária, constituiria grave perigo à unidade da classe operária, uma vez que tal caminho poderia ensejar a efetivação de manobras em prol da pluralidade sindical e a consequente divisão da classe operária em sindicatos trabalhistas, social-cristãos, socialistas, comunistas, janistas, perrepietas, etc., etc., o que enfraqueceria a capacidade de luta do proletariado e sua influência na vida política do país.

Se é verdade participarem do movimento sindical operários que professam as mais variadas doutrinas e credos políticos e religiosos, eles têm em comum seus interesses de classe e devem unir-se cada vez mais. O segredo dos êxitos obtidos nos últimos tempos pelo movimento sindical consiste, precisamente, em que a classe operária tem sabido unir-se, por cima das divergências político-partidárias, ideológicas ou religiosas, em torno de seus interesses de classe e da luta de nosso povo contra os trustes internacionais, pela emancipação nacional, pela democracia e o progresso.

Para desempenhar com sucesso sua função impulsionadora e coordenadora da ampla frente única de todas as forças patrióticas, progressistas e democráticas que se vem formando no Brasil, acima dos partidos políticos, das divergências de ordem ideológica, religiosa, etc., e para alcançar sua direção, o proletariado deve manter e reforçar a unidade e a independência do movimento sindical, como movimento próprio da classe operária, ao mesmo tempo em que luta para forjar sua aliança com o campesinato.

Os trabalhadores não se islam ou alheiam em relação à ação dos partidos políticos e do governo. Ao contrário, na III Convenção Sindical decidiu-se: «Apoiar a todo e qualquer partido político, indistintamente, bem como ao governo, sempre que estes se alinhem, a favor do Brasil, no quadro da luta emancipadora e democrática de nosso povo e, simultaneamente, criticá-los sempre que se afastem dessa luta».

Os trabalhadores compreendem que o caminho para sua unidade não é o da divisão dos sindicatos entre os partidos políticos, nem o de sua subordinação a qualquer partido, mas o caminho da intensificação da luta unitária pela aplicação das resoluções tomadas pela II Conferência Sindical Nacional e pelos demais congressos e conferências realizados pela classe operária. É o caminho da luta pela liberdade e a autonomia sindical, por liberar o movimento sindical da tutela governamental e pela aprovação do projeto que regulamenta o direito constitucional de greve. É o caminho da luta para adaptar a legislação sindical às conquistas inseridas na Constituição de 1946. É o caminho da luta pela realização, ainda este ano, de um grande Congresso Sindical Nacional, que reforce e consolide a unidade da classe operária sob uma única orientação e direção. O caminho para reforçar a unidade do movimento sindical é o da luta para conquistar o direito para os trabalhadores de filiar-se e manter relações com as organizações sindicais internacionais, de acordo com suas próprias deliberações democráticas, e não em obediência a decisões emanadas do Presidente da República, como é feito até hoje. É o caminho da luta conjunta com todo o povo brasileiro, pela modificação da política externa e interna executada pelo atual governo e para alcançar a constituição no Brasil de um governo nacionalista e democrático.

Esta é a estrada que o movimento operário vem percorrendo nos últimos anos. Esta é a posição dos comunistas, contida no documento: «O Movimento Operário e a Política Sindical dos Comunistas».

Assim, a iniciativa tomada pelos signatários do projeto Lima Filho, bem como a essência da Mensagem da CNTI à Convenção Nacional do PTB, são antiunitárias e, por isso, não podem ser aceitas pelo movimento operário.

Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Fiação e Tecelagem do Rio de Janeiro

Sede Própria — Rua Mariz e Barros, 65 — Tel. 28-4591

Salve o 1º de Maio!

A Diretoria do Sindicato dirige-se aos Trabalhadores Textéis do Rio de Janeiro e aos demais companheiros do Brasil, formulando votos de que nesse 1º de Maio, se unam mais e mais nas empresas e nos Sindicatos em defesa de nossas reivindicações econômicas e políticas

Rio de Janeiro, 28 de abril de 1960

A Diretoria

A FEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES NAS INDÚSTRIAS URBANAS saúda neste 1º de Maio seus filiados e todos os trabalhadores, reafirmando seus propósitos de luta pela conquista das resoluções das I e II Conferências Nacionais Sindicais. Concita também, seus filiados à unidade necessária para a conquista de suas mais sentidas e urgentes reivindicações, através deste órgão aglutinador.

A DIRETORIA

Defende Teu Direito

Aposentadoria — Volta ao serviço —

CÁLCULO DE INDENIZAÇÃO

Ildefonso de Sousa Mota endereça-nos a seguinte consulta: — «Um empregado que foi aposentado pode exercer o mesmo cargo que exercia, antigamente, na mesma casa?»

Estabelece o art. 745, parágrafo 1º da Consolidação das Leis do Trabalho que: «Recuperando o empregado a capacidade de trabalho e sendo a aposentadoria cancelada, ser-lhe-á assegurado o direito à função que ocupava ao tempo da aposentadoria, facultado, porém, ao empregador, o direito de indenizá-lo, nos termos do art. 477 e 478».

O assunto fica, assim, esclarecido, com a só transcrição do dispositivo legal que disciplina a matéria. Não só o empregado pode exercer a mesma função, mas esta lhe será assegurada, se, novamente, for incumbido de trabalhar.

Nos termos da lei, ao empregador é facultado rescindir o contrato de trabalho, pagando ao empregado as indenizações correspondentes, segundo as disposições dos artigos 477 e 478.

Divergem os Tribunais Trabalhistas quanto ao montante da indenização a ser paga. Exemplificadamente, a questão é a seguinte: — Em 1956 — digamos — o empregado entrou em gozo de auxílio-enfermidade, sendo, em seguida, aposentado. Em 1960, recuperando a sua capacidade de trabalho, recebeu alta da instituição de previdência social, retornando ao emprego. O patrão, como já vimos, tem a facultade de rescindir o contrato e indenizar o empregado, caso seus serviços não sejam mais necessários. Na base de que salário o indenizará? A base do salário vigente em 1956, quando foi aposentado, ou à base do salário de 1960, quando foi cancelada a aposentadoria? Entendemos nós, com apoio em uma corrente jurisprudencial bastante expressiva, que o cálculo da indenização deve ser feito levando-se em conta o empregado, ao tempo do cancelamento da aposentadoria. Há quem entenda, entretanto, de forma diversa. Se o art. 477 — argumentam — assegura ao empregado «uma indenização, paga na base da maior remuneração que tenha percebido na mesma empresa», e se o empregado, retornando da aposentadoria, não chegou a trabalhar, a menor remuneração que recebeu na empresa, foi aquela vigente ao tempo da concessão do benefício. Assim — voltando ao nosso exemplo — entendem que o cálculo da indenização deve levar em conta o salário vigente em 1956 e não o salário vigente em 1960.

Entendemos, ainda, que o Aviso Prévio é sempre devido, caso o empregado se decida pela rescisão do contrato. Isto também, é controverso. Se — dizem os que defendem a tese oposta — a rescisão do contrato é facultada por lei — art. 475 § 1º da C.L.T. — o aviso não é devido.

Voltaremos no assunto oportunamente, procurando trazer mais subsídios à discussão.

Everaldo Martins

Panorama Falso: pretextos de uma Velha Manobra

O abalo emocional representado pela inauguração de Brasília e, paradoxalmente, a crise que dilacera a UDN estão servindo, nas últimas semanas, para alimentar em certos setores do situacionismo, já insistentemente caracterizado, a velha tendência à revisão do quadro sucessório. Sabe-se muito bem que objetivos têm em mira esses defensores da "revisão": o afastamento da candidatura Lott por meio de recursos tortuosos como o emendatário, ou mediante uma emenda constitucional que abra margem para, e simplesmente, a reeleição de JK. Os promotores da pretensa revisão, que antes procuravam retardar o mais possível o reinício das atividades do Parlamento, ameaçam agora agitar a questão, em termos concretos, logo no se das sessões da Câmara.

A transferência da capital para Brasília e a necessidade de não se permitir uma interrupção no processo de desenvolvimento econômico do país são alguns dos argumentos em que mais insistem os articuladores das manobras revisionistas. Exploram, assim, com astúciosa habilidade, mas sem verdadeira convicção, motivos capazes de sensibilizar o povo brasileiro e levá-lo, eventualmente, a aceitar soluções que estão muito longe de atender aos seus interesses.

Ao contrário do que alegam, a candidatura de Lott, lançada e mantida desde o início contra a vontade das cúpulas partidárias, surge exatamente como uma imposição das forças mais interessadas no desenvolvimento nacional, que tem vista a perspectiva de um Governo capaz não só de dar continuidade ao desenvolvimento, mas de por em prática uma política que salutarmente nos diversos aspectos negativos que se verificam atualmente, sob o Governo de conciliação de JK. E em nome de um desenvolvimento independente e democrático para o nosso país — que nos liberte da plágio dos trustes lanques e faça do progresso material um fator de melhoria das condições de vida do povo — que as forças nacionalistas e populares se congregam em torno da candidatura do marechal Lott.

Se existe, realmente, por parte das direções partidárias, o desejo de não permitir interrupções na marcha de nosso desenvolvimento — aliás, hoje cada de tropeços e zigzagues —, que decorreriam inevitavelmente de uma sucessão viciosa de Jânio, a solução não pode ser a quebra da legalidade constitucional, mas o definitivo reforçamento da candidatura Lott, com o desaparecimento da inércia em que se encontram há tanto tempo as cúpulas dos grandes partidos situacionistas ou, mais concretamente, o PSD e o PTB.

O fato é que a apatia dessas direções partidárias não foi ainda abalada. A comissão interpartidária foi constituída e empossada, mas não desenvolve a atividade indispensável ao comando de uma campanha nacional. O candidato, em suas excursões eleitorais, percorre quase sozinho os Estados de onde recebe convites para visitas. Os comitês nacionalistas Lott-Jango, embora surjam em grande número por todo o país, por iniciativa das forças populares, não encontram quase nenhum eco ou ajuda no que se refere à cúpula dos partidos. É evidente que tal desinteresse só pode levar água para o moinho da tal revisão do quadro sucessório.

A firmeza com que os setores nacionalistas e populares, o movimento operário, a oficialidade patriótica das forças armadas e outros círculos defendem e propagam a candidatura Lott levaram até agora ao malogrado das tentativas feitas no sentido de ser afastada essa candidatura. Aquelas forças não só continuam a defender com decisão a chapa nacionalista Lott-Jango, como não estão dispostas a aceitar qualquer revisão que, sob tais pretextos, não corresponde aos interesses do povo.



Almir Matos

Universidade da Amizade dos Povos

Atendendo às numerosas solicitações que nos têm sido feitas por carta, telefone, ou pessoalmente, em nossa redação, notadamente por jovens estudantes, publicaremos no próximo número ampla reportagem sobre a Universidade da Amizade dos Povos, que funcionará em Moscou a partir do dia 1º de outubro do corrente ano.

Você pode ir a Brasília

Não podemos, como esperávamos e havíamos mesmo anunciado, publicar hoje as bases do Concurso entre os nossos leitores, com distribuição de prêmio semanais, na base de resposta a testes, e uma viagem no fim do ano. Estão sendo tomadas providências preliminares indispensáveis ao lançamento do Concurso. Logo que estas providências estiverem concluídas, daremos aos leitores informações pormenorizadas. Por enquanto, renovamos o conselho: conserve, leitor amigo, os números de NOVOS RUMOS. Eles lhe poderão valer uma viagem, a Brasília com dez dias de estada.

Leandro Renuncia Magalhães Ameaça

«Estou convencido de que a leviandade, a deslealdade, a astúcia, o suborno são desgraçadamente armas que dão, muitas vezes, grandeza na vida pública.»

Com esta «indireta», das mais diretas, que deixa muito mal a direção da UDN, o Sr. Leandro Maciel justificou afinal, pública e oficialmente, a sua renúncia, também ela «irrevogável», ao posto de candidato udenista à Vice-Presidência da República. «Retiro-me enojado dos estranhos e lamentáveis processos políticos em curso no país. Retorno ao meu pequeno e humilde Estado onde, mercê de Deus, tenho bons amigos, dedicados e leais correligionários.»

E assim foi-se o Sr. Maciel, para um lugar mais tranqüilo, onde a corrupção capitalista não perturba ainda as concepções do seu moralismo feudal. E foi deixando irremediavelmente aberta a crise na UDN, onde ele era uma última esperança de conciliação de que lançavam mão os grupos contraditórios que se escondem atrás de Jânio.

Mas a renúncia do ex-Governador de Sergipe é apenas um lado da

Julião Tem 12 Razões Para Apoiar Lott

«Já sei: o assunto é Cuba e Lott...»

De fato, o Deputado Francisco Julião acertou em cheio, quando recebeu com esta pergunta o repórter de NOVOS RUMOS. O repórter soubera de sua nova descida no Rio e logo o procurava, especialmente para esclarecer certos boatos veiculados pela imprensa «sadia», sobre a sua viagem a Cuba e o suposto apoio a Jânio, que dela teria resultado. O líder das Ligas Camponesas foi categórico:

«Nada disso tem o mínimo fundamento — disse. Quando aceitei o convite do Sr. Jânio Quadros para ir com ele a Cuba fiz questão de deixar claro, inclusive publicamente, que meu gesto nada tinha a ver com minha posição política ao lado do Marechal Lott — era uma homenagem que eu prestava ao bravo povo cubano, e não ao Sr. Jânio Quadros. Nada mudou depois disso.»

«Nem se arrependeu da viagem?»

O deputado Julião quase se assusta com a pergunta. Percebendo, entretanto, a boa intenção com que fora feita, torna a sorrir:

«Muito ao contrário. Minha visita a Cuba, embora breve, foi uma das experiências mais apaixonantes de minha vida. Vi todo um povo em luta heróica pela construção de sua pátria, vi sendo posta em prática a reforma agrária com a qual sempre sonhei — e isso, convenhamos, vale bem o risco de ser alvo das manobras e mentiras de certa imprensa...»

As doze razões

Mas o repórter não está satisfeito.

«Por que razões o Sr. apóia Lott, a quem se atribui vários preconceitos em relação à Cuba, e não Jânio, que o convidou para acompanhá-lo àquele país?»

A resposta de Julião é rápida:

«Porque o Sr. Jânio Quadros e o Marechal Lott são candidatos no Brasil, e não em Cuba, e é com base em suas posições sobre os problemas brasileiros que decido a qual dos dois apoiar.»

«E quais são suas razões para apoiar o Marechal Lott?»

Julião, agora, pensou um pouco, antes de responder. Era uma espécie de desafio amistoso que o repórter lhe fazia.

«Pois bem; vá anotando, que vou ditá-las», disse, e formulou as suas doze razões para apoiar o Marechal Lott:

1) a fidelidade do Marechal às instituições democráticas, atestada de modo decisivo com o movimento patriótico de 11 de novembro de 1955;

2) a sua declaração peremptória de que a Petrobrás é intocável, pondo uma barreira ante as manobras no sentido de modificar a política estatal do petróleo;

3) o seu pronunciamento corajoso sobre o controle das remessas para fora do país dos lucros das companhias estrangeiras;

4) sua declaração de que não se

opõe às Ligas Camponesas de Pernambuco, a menina de meus olhos, sendo favorável à sindicalização rural, ao direito de associação dos trabalhadores do campo em favor de suas justas reivindicações, e outras medidas em favor da reforma agrária;

5) sua declaração, feita perante os deputados Barbosa Lima Sobrinho, Domingos Velasco, Aurélio Viana, Carlos Luiz de Andrade, além de mim mesmo e outros companheiros do Partido Socialista, de que não está contra os objetivos da revolução cubana;

6) a circunstância de ser ele um homem de passado inatacável, de honradez provada, que nunca tirou proveito de suas posições no Governo para saquear os cofres públicos e a bolsa do povo;

7) o fato de se terem aglutinado em torno de seu nome, pela confiança que desperta a sua ação de patriota, as forças populares e democráticas mais sensíveis à luta pela emancipação econômica do Brasil e ao combate à dominação dos trustes estrangeiros;

8) a circunstância de não ter surgido na arena eleitoral qualquer candidato com qualidades morais e formação cívica capaz de resistir, sequer, a um ligeiro confronto com o Marechal Teixeira Lott;

9) a certeza de que, sendo o Marechal um dos candidatos ao pleito de 1960, teremos uma eleição livre e honesta, com os partidos políticos, a Justiça Eleitoral e as Forças Armadas pugnando, cada qual em seu setor, pelo fortalecimento e a cristalização na consciência popular das instituições democráticas;

10) a convicção de que, apesar de alguns pronunciamentos contrários aos justos anseios do povo brasileiro, o Marechal Lott, uma vez na Presidência da República, normalizará as relações comerciais e diplomáticas do Brasil com todos os povos do mundo, notadamente com a União Soviética e a China Popular, já que seu Governo terá como ponto mais alto a luta contra os trustes, luta que o levará, inevitavelmente, a reconsiderar seus preconceitos sobre o mundo socialista;

11) a certeza de que os testas-de-ferro e advogados dos trustes internacionais correrão o risco de ir parar na cadeia como traidores da pátria, ao lado dos tubarões da economia popular;

12) finalmente, a justificada esperança de que as leis agrárias existentes no Congresso Nacional serão debatidas e votadas, até que surja uma nova Lei Áurea em favor dos camponeses aviltados pelo latifúndio

Aos comunistas da Bahia

Os comunistas da Bahia comunicam que os srs. Alcebades Gomes e Waldemar Antônio da Silva não mais pertencem às fileiras do movimento comunista, tendo sido expulsos por atos de chantagem e desonestidade.

Fora de Rumo

O sr. Paulo de Tarso, deputado democrata-cristão de São Paulo, foi a Brasília através da Estrada de Damasco. Antigo perseguidor dos adeptos de JK, iluminado súbitamente, passou a exaltar a capital nova. Encontrou ali um apartamento melhor e mais barato que os do Rio, com uma bela vista para o lago de Brasília. Imaginem se desse apartamento ele pudesse avistar o lago de Genebra ou pelo menos a lagoa dos Patos!

Um redator do «O Globo» também voltou abismado. Comprou em Brasília laranjas grandes e doces a um cruzeiro. E' claro que no jornal do sr. Marinho há muita gente que não perdeu o gosto pelas coisas boas e simples da vida. Mas o sr. João Neves refletindo o pessimismo da Standard Oil, imagina tudo diferente: «A cidade não dispõe ainda de condições básicas de habitabilidade», escreve o redator do editorial do «O Globo», que também se queixa da «poesia interna»



Os homens da terra

Fidel, o que fez a reforma agrária em Cuba, o Julião, o pernambuco que luta para efetivá-la no Brasil, encontram-se. Ao lado, o jornalista Clodomir Morais, assessor das Ligas Camponesas

Lott e Jango em Campanha

A campanha Lott-Jango registra a realização de comícios e atos públicos, com a participação dos candidatos, em diversas regiões do país. Entre os dias 27 de abril e 4 de maio, Lott e Jango terão falado ao povo de Porto Alegre (dia 27), de Recife (dia 29), de Uberaba, em Minas Gerais (dia 30), de Volta Redonda (em 1º de maio) e de Campos e Haperuna (dia 4 de maio).

A visita do Marechal Lott e do Vice-Presidente João Goulart à Capital do Rio Grande do Sul tem particular importância, por seu efeito político. Os dois candidatos nacionalistas foram presidir a uma reunião de prefeitos do PTB e do PSD naquele Estado, apressando a unificação, na campanha eleitoral, das seções regionais destes partidos, que são tradicionais inimigos do Rio Grande do Sul.

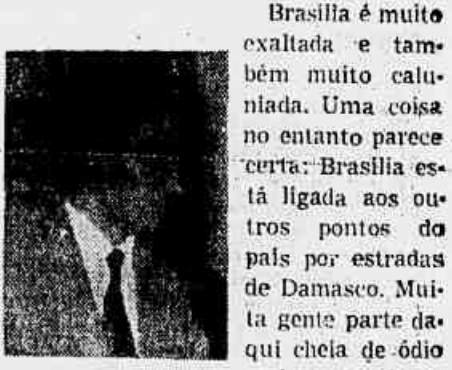
No Recife, Lott e Jango vão assistir ao Congresso dos Trabalha-

dores do Norte e Nordeste, onde reúnem representantes de mais de 200 sindicatos operários. Além do Congresso, está programada uma série de atos, na capital pernambucana, com a participação dos candidatos. Numerosa caravana de políticos pernambucanos de diversos partidos acompanha os candidatos na excursão ao Recife; entre eles, o Senador Barros de Carvalho e os deputados Osvaldo Lima Filho e Lamartine Távora, do PTB, os deputados Armando Monteiro, Milveres Lima e Andrade Lima, do PSD, e o deputado Barbosa Lima Sobrinho, do PSB.

Por outro lado, a campanha eleitoral vem recebendo impulso em todo o país, com o trabalho dos Comitês Nacionalistas Lott-Jango. Cerca de 1800 Comitês já estão instalados nos Estados, devendo ser intensificada a criação de novos comitês.



Paulo Motta Lima



Brasília é muito exaltada e também muito caluniada. Uma coisa no entanto parece certa: Brasília está ligada aos outros pontos do país por estradas de Damasco. Muita gente parte daqui cheia de ódio e chega por lá de fígado funcionando.

do bem. Vejamos esses dois exemplos de tolerância: o sr. José Talarico, geralmente enxovalhado pelo «O Globo», visitou em Brasília a sucursal do vespertino do entreguismo. Em compensação, o sr. Aloísio Alves, que pontificava com Lacerda na «Tribuna da Imprensa», visitou a sucursal de «Última Hora».

O Circo Janista

Igarapava é uma cidadezinha paulista, na zona da Mogiana. Uma das menores cidades do Estado: ao todo, algumas centenas de eleitores.

Pois bem, em uma de suas edições da semana passada, «O Globo», em seu delírio janista, descobriu que «chefes do PSD, PSP e PRP de Igarapava passaram a apoiar Jânio». Não se sabe o que é maior: se o delírio ou a ignorância, ou os dois juntos.

O fato é que Jânio que, apesar de também delirante, mas conhecendo São Paulo e a distribuição geográfica do eleitorado paulista, não gostou da mancha do sr. Roberto Marinho. E comentou com elementos do seu estado-maior:

«São uns loucos! Só parece que querem mesmo me desmoralizar. É preciso tomar medidas contra esses imbecis que encham os nossos jornais.»

—oOo—

O resultado da prova automobilística de Brasília, sexta-feira última, deu lugar a várias piadas ridicularizando o bando janista e seu satélite Fernando Ferrari. Como se sabe, a prova foi vencida pelo volante Jean Louis Lacerda, que pilotava uma Ferrari. Diz-se, por exemplo:

«Ferrari só pode correr assim mesmo: sendo mandado. Sózinho ele não vale. E outros:

«Brasília é generosa: como Lacerda e Ferrari não terão aqui um só voto, consolamos esses janistas permitindo que os seus nomes vençam numa prova automobilística.

Aliás, o carreirismo de Ferrari (agora, o próprio) causou a mais penosa impressão nos festejos da inauguração de Brasília. Cego pela sede de poder, mas revelando total insensibilidade política, Ferrari quis aproveitar-se das festas para fazer sua própria propaganda e vender um livrinho de sua autoria. Foi, em geral, repellido.

Federação dos Trabalhadores nas Indústrias Químicas e Farmacêuticas do Rio de Janeiro

Base territorial no Estado da Guanabara e Estado do Rio
Av. Venezuela, 27 — 8º andar — 826/828 — Fone: 23.03.95

Salve 1.º de Maio

Ao ensejo da passagem da data magna do proletariado, saudamos os trabalhadores do Brasil, e em particular, aos companheiros da indústria química e farmacêutica e exortamos a que, unidos, lutem pela paz entre os povos e o desarmamento, a unidade e o bem-estar da classe trabalhadora e do povo.

Rio de Janeiro, 1º de Maio de 1960

Presidente — Ary Campista
Secretário — Floriano da Silveira Maciel
Tesoureiro — José Pio Dutra

Federação Nacional dos Trabalhadores em Transportes Marítimos e Fluviais

Sede: Rua Camerino, 128 — 11º andar — Tel: 43-9427

1.º DE MAIO — UNIDADE DO TRABALHADOR DO MUNDO!

Na data em que se comemoram as lutas gloriosas da classe trabalhadora e se reverencia a memória dos bravos combatentes pela emancipação dos povos, saudamos fraternalmente a todos os trabalhadores e aos marítimos do Brasil, concitando a que se unam e formem uma invencível força lutadora pela paz e pelo bem-estar de todos os povos do mundo!

Taumaturgo da Silva Goya — Presidente
Nelson Pereira Mendonça — Secretário
Índio Villas Bôas — Tesoureiro

Sindicato dos Empregados no Comércio

Hoteleiro e Similares do Rio de Janeiro

Por ocasião das comemorações de 1.º de maio, dia do trabalhador, saudamos aos trabalhadores de nossa corporação de trabalho e a todos os trabalhadores do Brasil e do mundo. Conclamamos aos nossos companheiros a cerrarem fileiras em torno de nosso Sindicato a fim de que unidos possamos ser vitoriosos nas reivindicações que são atualmente o centro de nossa luta:

- 1) Alimentação
 - a) Estabelecimento de valores máximos para as refeições;
 - b) Observância das condições contratadas inicialmente, quando reajustado o salário mínimo;
 - c) Impossibilidade de efetuar o desconto, quando as refeições forem servidas fora do horário de trabalho;
 - d) Fixação do horário mínimo de 6 horas entre as duas refeições principais;
 - e) Faculdade de converter em dinheiro os valores atribuídos à alimentação sempre que surgirem condições novas para o empregado;
 - f) Adoção de um cardápio padrão fornecido pelo SAPS para alimentação do empregado.
- 2) Nulidade dos recibos de quitação de empregado com qualquer tempo de casa quando passado sem a assistência do seu sindicato.
- 3) Obrigatoriedade da contratação de empregados para "serviços extraordinários", ao sindicato dos empregados.

VIVA O 1.º DE MAIO

A DIRETORIA

Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Calçados, Luvas, Bólsas e Peles de Resguardo do Rio de Janeiro

Sede própria: Rua Santana 205 — sob. — Telefone — 32-6189
A Diretoria, por motivo das comemorações de 1.º de Maio, data universal dos trabalhadores, saúda os companheiros de nossa corporação de trabalho e de todos os trabalhadores do Brasil e do mundo.

Que os nossos companheiros se unam em torno de nosso Sindicato a fim de unidos podermos lutar por nossas reivindicações, contra o desemprego, pela aplicação das Resoluções da III Convenção dos Trabalhadores do Estado da Guanabara, pelo Direito de Greve, pela Lei Orgânica de Previdência Social, por justas soluções para os problemas do novo Estado da Guanabara, sendo ouvida a opinião dos sindicatos.

Viva a unidade da classe operária
Viva o 1.º de Maio.
Pela Diretoria: Plínio Alves — Presidente.

Carta do Sertão

Estado da Guanabara,
28 de mês corrente.
Pedinho de Zé Ruliço:
Sodade de nossa gente.

Vião o texto lá de riba?
«Estado da Guanabara».
Foi-se o pudé Federá,
O Rio vai mióra
prus pebe «pau de arara».

Agora sim, num tem mais,
aquele peitin maço:
• Senado das mamata,
a câmara dos disafio...
Tarvez num vá pra Brasília
os ladrão aqui do Rio.

S'êles tiverem corage
de hi praquela cidade,
e J.K. é preciso
erlá outa nuvidade.
Mandá tudo pru amazona.
pruquê lá naquelas zona
a onça come ametade.

As favela qui nós mor,
vai sé tudo censertada.
Vão butá gás das usina
e tombém água incanada.

O doutô das 7 câmara
é nosso governadô.
Cabôo munto sabido,
home de grande vaibô!

A cidade vai sé limpa
pelo govêrno istadudê.
No tempo dos federás
cada quâ qui mandasse mais
e findavam sem limpá.

O povo das outas terra
vão vim pru Rii de Janêro.
O rosto chêi de binooro,
o borço chêi de dinêro!
Pra vé tôdas as beleza
Desse país brasilêro.

Vô ganhá alguns miões
pra comprá um Fé-Nê-Mê.
Lotá de café no Sô
e hi pru Norte vendê.
De vorta trago pra cá
tudo quanto tivê lá
de coisas pra se cumê.

Lembrança pra Zé Ruliço
e pra vooc um abraço.
O teu amigo, de sempre,
Manezin dos Anastago.

Zé Proxedi

Sindicato Dos Cabos Foguistas, Foguistas e Carvoeiros da Marinha Mercante

No ensejo da passagem do 1.º de Maio, data mundial dos trabalhadores, a Diretoria saúda fraternalmente os prezados consócios, a coletividade marítima e os trabalhadores brasileiros em geral.

Completando um ano de seu mandato a Diretoria tem a grata satisfação de expor aos associados algumas das suas realizações durante esse período, tais como:

- a) Conquista de 30% de taxa de insalubridade;
- b) Pagamento de 100% nas horas extraordinárias;
- c) Melhoria no serviço de «bloco», com aumento do volume de trabalho administrado pelo Sindicato, e mais elevado nível de administração, alcançado graças ao eficiente trabalho da tesouraria que, sob a direção do atual titular, conseguiu estabelecer e dar cabal cumprimento ao pagamento semanal e normalizar as contribuições ao IAPM, diminuindo assim as aperturas financeiras dos trabalhadores e tranquilizando-os no que se relaciona com a previdência;
- d) Melhor atendimento no setor da assistência social, com visitas hospitalares e a domicílio por parte do diretor responsável, e andamento mais rápido dos processos de aposentadoria e pensões no IAPM;
- e) Participação ativa em tôdas as Conferências e Convenções de trabalhadores

realizadas no Rio de Janeiro nesse período, a exemplo da recente III Convenção dos Trabalhadores Cariocas.

No ano de gestão que ora inicia, a Diretoria espera brindar a coletividade dos Cabos Foguistas, Foguistas e Carvoeiros com a aquisição de uma nova sede social mais condigna com suas necessidades, possibilidades e merecimento. Além disso, a Diretoria se compromete a:

- empenhar o máximo de esforços para, em unidade com as demais categorias de trabalhadores marítimos, conseguir o integral cumprimento do acordo de novembro de 1959;
- lutar pela ampliação da democracia sindical, combatendo de imediato as portarias ministeriais que prorrogam os mandatos das diretorias de Sindicatos, federações e confederações;
- lutar por uma ampla participação dos Cabos Foguistas, Foguistas e Carvoeiros no Congresso dos Trabalhadores Brasileiros a realizar-se em julho do presente ano.

Viva o 1.º de Maio!
Viva a fraternidade universal dos trabalhadores!
Vivá o Brasil!

JOSE RIBEIRO DA SILVA
Presidente

CONFERÊNCIA AFRO-ASIÁTICA DE BANDUNG

Será realizado dia 28, quinta-feira, às 17.30 hs., no auditório do Ministério da Educação, um ato público comemorativo do 5º aniversário da Conferência Afro-Asiática de BANDUNG, com a presença dos representantes dos países africanos e asiáticos que a integraram.

A Comissão Organizadora do ato compõe-se do Senador Jarbas Maranhão, Deputados federais Celso Brant, Coutinho Cavalcante, Rogê Ferreira e Benjamim Farah, Prof. Roland Corbisier, Manuel Conrado Ribeiro (UNE), Aluizio Pahlano Ferreira (Sind. Bancários), Coronel Anderson Mascarenhas, Amílcar Alencastro e José Frejat.

A DIRETORIA

Sindicato dos Condutores de Veículos Rodoviários e Anexos do Rio de Janeiro

Rua do Camerino nº 66 — Estado da Guanabara

Por motivo das comemorações do 1.º de MAIO, data mundialmente consagrada aos trabalhadores, enviamos saudações fraternais a todos os trabalhadores do Brasil e do mundo.

Conclamamos aos nossos companheiros a se unirem cada vez mais em torno do nosso Sindicato a fim de que unidos possamos ser vitoriosos nas lutas por nossas reivindicações.

- Viva a unidade de nossa corporação de trabalho!
Viva a unidade dos trabalhadores do Estado da Guanabara
Viva a unidade dos trabalhadores de todo o Brasil!
Paz e Fraternidade a todos os trabalhadores do mundo!
Viva o 1.º de MAIO de 1960!



Nossa Mensagem

Ao ensejo das festas de 1.º de MAIO, data internacional dos trabalhadores, o SINDICATO DOS OPERÁRIOS NAVAIS formula votos de paz e prosperidades, não só aos operários a ele filiados, como aos demais operários do Brasil e do mundo inteiro, e conchama os mesmos a se fazerem dignos dos sacrifícios dos nossos mártires de Chicago, extensivos ao povo em geral, como construtores reais do engrandecimento da Pátria. Unamo-nos sob a bandeira pacífica do progresso para conseguirmos, na realidade, a independência completa da nossa nacionalidade.

Firmino Fernandes — PRESIDENTE
Djalma Prado de Lemos — SECRETÁRIO
Archimedes Marinho — TESOUREIRO

SINDICATO DOS OPERÁRIOS NAVAIS DO RIO DE JANEIRO

Sindicato dos Operários Navais do Rio de Janeiro

Guanabara: derrotar o Clube da Lanterna

Começando a libertar-se das incertezas de seus primeiros dias de vida — embora permaneça ainda a indecisão em relação a vários problemas — e do impacto da inauguração de Brasília, o Estado da Guanabara começa a tomar o caminho de sua normalidade administrativa.

Assumindo o exercício de suas funções, o governador Sette Câmara compôs seu secretariado, atendendo, segundo parece, às diversas forças políticas do novo Estado. Resta, agora, lançar-se à ação tendo em vista a premente necessidade de solucionar uma série de problemas inadiáveis da Guanabara.

Ao mesmo tempo, intensifica-se a movimentação entre os partidos em torno das candidaturas ao futuro governo e à Assembléia Constituinte. Por enquanto, essa movimentação está sendo extremamente dispersa, em face do grande número de candidatos a candidato, alguns dos quais inclusive já lançados à manobra publicitária da distribuição de cartazes pela cidade.

O mais provável, contudo, é que a disputa do governo do novo Estado seja feita em torno de duas candidaturas: de um lado, a UDN e seus escassos aliados, e do outro lado uma coligação que reúna as várias forças que se opõem às pretensões de Carlos Lacerda e o Clube da Lanterna de conquistar o domínio oficial na Guanabara. Quanto aos udenistas — que sabotaram até o último instante a autonomia política dos cariocas — tudo leva a crer que o candidato será o deputado Menezes Côrtes, que se notabilizou por sua participação no golpe lanterneiro de novembro de 1955, em que aparecia como o responsável pelos fuzilamentos e prisões em massa que se realizaram no caso de vencer a frustrada conspiração. Menezes Côrtes se distinguiu ainda pelo seu ódio furioso aos trabalhadores, tendo sido o autor da maior prisão de operários jamais havida no Brasil: o cerco policial do sindicato dos trabalhadores da Light e a prisão de mais de 800 dos seus sócios. Há, porém, na UDN outros candidatos em luta: Adauto Lúcio Cardoso e Mário Martins.

A necessidade de impedir que o Clube da Lanterna obtenha êxito no pleito estadual deve levar as demais forças políticas — até agora dispersas entre vários pretendentes — a se unirem em torno de um só candidato, que esteja indentificado com a candidatura do marechal Teixeira Lott, o que asseguraria plenamente a derrota de qualquer candidatura udenista.

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Panificação, Confeitaria, de Produtos de Cacau e Balas e de Torrefação e Moagem de Café, do Rio de Janeiro

A Diretoria do Sindicato, na data máxima da classe operária, saúda a todos os trabalhadores de nossa Pátria que, neste momento, se encontram empenhados na luta pela libertação econômica, política do Brasil, e a sua libertação social.

Viva o 1.º de Maio
Viva a Libertação de nossa Pátria
Viva a Libertação da classe Operária
Viva o Brasil.
Rio de Janeiro, 25 de Abril de 1960

as.) Inaldo Lima Rocha — Presidente; Carlos Sá Bezerra — Secretário-Geral; Oílton Lopes de Araújo — Secretário; Erasmo Paula de Aguiar — 1.º Tesoureiro; Uriel Maciel Brêtas — 2.º Tesoureiro.

NOVOS RUMOS

Diretor — Mário Alves
Gerente — Guttemberg Cavalcanti
Redator-chefe — Orlando Bonfim Jr.
Secretário — Fragmon Borges

REDATORES
Almir Matos, Rui Facó, Paulo Mota Lima, Maria da Graça, Luis Ghilardini.

MATRIZ
Redação: Av. Rio Branco, 257, 17º andar, S/1712 — Tel: 43-7344
Gerência: Av. Rio Branco, 257, 9º andar S/905

Endereço telegráfico — «NOVOSRUMOS»

ASSINATURAS

Anual Cr\$ 250,00
Semestral » 130,00
Trimestral » 70,00

Aérea anual, mais Cr\$ 100,00; semestral, Cr\$ 50,00; trimestral, Cr\$ 30,00.

Número avulso Cr\$ 5,00
Número atrasado » 8,00

Monteiro Lobato, Mario de Andrade e Humberto Campos falam sobre Lenin

Por sugestão do leitor L. Gonzaga, vamos reproduzir, a propósito do 90º aniversário do nascimento de Lenin, artigos de Monteiro Lobato e Humberto de Campos sobre o chefe da revolução russa. O artigo de Monteiro Lobato foi escrito durante o período do governo Bernardes, sob a inspiração de uma reportagem publicada na «Crítica», de Buenos Aires, pelo jornalista argentino Adolfo Agorio. O

artigo de Humberto de Campos é de 1918. Também reproduzimos um poema de Mário de Andrade. Os artigos e o poema revelam, sem dúvida, que a campanha de distorções e calúnias da propaganda imperialista foi incapaz, mesmo naquela época, de impedir que intelectuais brasileiros compreendessem a significação da obra genial de Lenin.

Há homens que trazem para a vida o doloroso destino dos batráquios. Inofensivos ou iguais aos outros, cerca-os pela aparência da figura ou pela má interpretação de seus gestos, de suas atitudes, a antipatia universal. Debalde o sapo, na margem da lagoa ou na cavidade da pedra, mostrará a inocuidade do seu leite, a honestidade do seu esforço, a fatalidade da sua tristeza. A natureza inteira continuará hostil, impiedosa, irreverente, até que a mão de um viandante ou a pata de um touro lhe faça estourar, de repente, o corpo frágil, em que reunir a beleza do seu ideal: os homens bons e maus, levantar-se-ão contra ele, apedrejando-o, insultando-o, enchendo-o de veneno, que voltará, depois, sobre eles, no momento da reação.

reiros esclarecidos e poderosos, e cuja popularidade é provada, aos olhos do mundo, pela rapidez com que desce, de vitória em vitória, para as batalhas do ocidente. O descrédito que se procura lançar sobre esses evangelistas não é, felizmente, uma arma desconhecida nessas formidáveis campanhas sociais. Os apóstolos da revolução Francesa foram vistos pelas sociedades conservadoras do século como um bando de despeitados famintos. Robespierre, Danton, Marat, Vergniaud, Bailly, Manuel, Crallier, Bonchamp, Desaix, Mirabeau, Henriot, Honchard, Jacobinos e montanheses, girondos e comunistas são vistos de longe como traidores, como celadores, como ladrões, como bando de feras, enfim, que se tivesse atirado sobre o cadáver da França. E, no entanto, quanto

mo ano, daquela Escola Superior e impedido de residir na cidade. Abandonou Kazan e seguiu para São Petersburgo. Em 1891 experimenta a matrícula na Universidade dessa capital e é admitido. Por essa ocasião conhece um velho propagandista, professor de colégios, e, estreitando a amizade, casa-o com a filha, Nadedia Constantinova Krupskaja, cujo espírito se formara no mesmo ambiente de fornalha. Em 1895 está Lenin em Genebra, onde entra em contacto com o grupo de exilados de Plekanov, dos quais vem a ser um reflexo dentro da Rússia. Descoberta sua atividade na imprensa socialista, é condenado, a 29 de janeiro de 1897, a três anos de exílio na Sibéria oriental. Em 1900, cumprida a pena em Irkustsk, Krasniarsk, no governo de Lenissir, segue para o estrangeiro, indo fazer parte, em Paris, do comitê central dos emigrados políticos. Em 1901, aliado a Martov e a Potressoff funda o jornal ISKRA de informação socialista universal. Dois anos mais tarde, em 1903, reúne-se o 2º Congresso do Partido Operário Social-Democrático, que abre cisão, triunfando Leni-

ne, que fica chefiando a maioria (grupo Bolchevique) sobre Martov que dele se separa com a minoria (grupo Menchevique). Em 1905, na primeira revolução, penetra Lenin sobrepotencialmente na Rússia, homisiando-se em Kocoklala, na Finlândia, a poucos quilômetros de São Petersburgo. Daí do seu esconderijo, orienta ele a facção bolchevique do Partido Social Democrático, cujos sonhos de liberdade faliram mais uma vez. Orientada a ação dos bolchevistas na 2a. Duma, Lenin, perseguido, abandona a Finlândia, voltando ao estrangeiro, onde multiplica, a sua operosidade como membro do Bureau Internacional do Partido Socialista, promovendo conferências, fundando jornais, e escrevendo, por toda parte, obras doutrinárias, de estilo conciso e ciência atrevida. Em abril de 1917 reentra, enfim, vitorioso na pátria ensopada de sangue, assumindo a chefia do grupo Bolchevista, que o seu espírito de organizador transformou, em poucos meses, com uma habilidade inegável, no partido mais poderoso da Rússia. Esse «bárbaro» tem a comprometer-lhe o heroísmo da vida, apenas, a intransigência da vontade e a rusticidade da figura. Detalhe medianho, mas de compleição robusta, Lenin encobre, com o seu aspecto pesado, a assombrosa atividade do espírito. A face vermelha, redonda e larga, emoldurada por uma barba curta, o bigode caído, a fronte alta e lançada para trás pela calvície, tudo isso lhe daria feição de um burguês farto, se o olhar, de uma dureza inteligente, não lhe modificasse essa materialidade arrogante. E é desse olhar que dependa, ontem, a sorte da Rússia e de penderão, talvez, amanhã, os destinos da Europa e do Mundo. Para derrotar Lenin, que representa hoje as aspirações de cem milhões de camponeses e operários do norte europeu, faz-se mister, talvez, destruir a Rússia. E Chateaubriand já perguntava, a propósito de Bonaparte: «Que general poderá bater um povo como esse, cuja última fortaleza é o pólo?»

O QUE É BOM

Dêses eu tenho nojo; allás, a bem da verdade, confesso que há certas pessoas que me dão enjoo; e olhem que tenho esmagado (até) as ruínas, tão reacionárias, tão irracionais e detestáveis são. Mas esses, os esnobes, causam nojo. Vivem no Brasil, trabalham no Brasil, ganham dinheiro — muitas vezes roubam legalmente, forma criminosas porém respeitada de roubar — o Brasil, só brilham no Brasil e vivem falando mal daqui. Reviram os olhos e proclamam que na França sim, na Itália ó, na Itália, etc. Ficam trêmulos de emoção falando em Washington e Nova Iorque, babam-se só de dizer Hollywood.

Ora, meus irmãos, se há coisa boa e bonita e gostosa para ser amada é Brasil. Naturalmente que há muita coisa errada, naturalmente que estamos começando uma vida, que somos um país menino subjugado, dominado, aprisionado pelos lanques, esses «doços» matadores de negros, esses que chamam seu país de democrático por causa da Estátua da Liberdade (não andará ela cansadinha?) e cadeira elétrica e câmara de gaz. Mas, apesar dos pesares, Brasil mesmo é que é bom.

Problemas não são apenas nossos, são do mundo esmagado pela luta de classes. Temos crianças abandonadas e famintas como na França, temos falta de escolas e de divertimentos para pequeninos e adolescentes, mas isso é problema de vários países. Abram um jornal de Nova Iorque e vejam — pasmem, seria melhor dizer — com o número de delinquentes infantis, com o número de meninos que matam por matar, que se abunam por roubar. Faltam muita coisa, mas temos também muita coisa que os outros países não têm: somos teimosos, audaciosos, arrogantes e com uma bruta vontade de viver. Amamos a Liberdade, a Independência, é verdade que só agora vamos adquirindo consciência de como conquistar essa independência.

Outro dia JK num discurso em Ouro Preto disse que Tiradentes continua nosso herói porque foi ele que ensinou aos brasileiros a lutar pela independência. De acordo. Nossa História não é feita de papel crepom nem de chibichés; temos poucos feitos e poucos heróis, mas o que temos é de melhor espécie.

Os esnobes não vêem nada disso. Não por miopia, pois usam óculos só para ficar na moda mas até que enxergam. Os esnobes são antibrasilhos não por convicções, mas por burrice. Um dia foram por aí em viagem e quando voltaram, depois de dois meses de ausência vieram dizendo «Bye, bye, achando o Rio imundo, falando em «boulevards» e «quartiers». Esqueceram a língua. Mas ficam aqui mesmo porque lá fora são piores que fraldinha de recém-nascida; não valem nada.

Dêses, eu confesso irmãos, tenho nojo. A minha vingança é que apesar de tudo o snobismo dêles, o Brasil continua e está cada vez melhor, muito melhor. Depois da revolução agrária é que eu quero ver a cara dos esnobes, esses infelizes. O bom mesmo é lutar para fazermos o Brasil melhor, cada vez melhor.

Encido

Lenine

HUMBERTO DE CAMPOS

heroísmo naqueles homens! quanta abnegação naqueles mártires! Os proceres da revolução russa não são menores do que os seus avós do ocidente. Há, mesmo, nesses bárbaros, nesses fulvos lobos do norte, mais humanidade. A pena de morte existe, como no estado de guerra, mas para os bandidos, para os criminosos comuns que se atiram ao saque, nos momentos de pânico. E se, de mistura com eles, tomba o corpo de um Romanoff ou de um ministro do antigo regime, é menos um ato dos homens do que, talvez, da serena justiça de Deus. Sobre Lenin, como chefe dessa corrente vitoriosa, desabam, neste momento, as maldições do capitalismo ameaçado. E quem é esse homem taciturno que fecha os punhos sobre o mundo? Vladimir Oulianoff, que atravessa a história com o apelido de Lenin, pertence, na Rússia, à nobreza hereditária. Seu pai, um antigo conselheiro do governo de Simbirsk, onde o futuro revolucionário nasceu a 10 de abril de 1870, deu-lhe inicialmente, uma educação compatível com a sua condição social e política: aos doze anos, em 1882, entrou Vladimir para o giná-

mo ano, daquela Escola Superior e impedido de residir na cidade. Abandonou Kazan e seguiu para São Petersburgo. Em 1891 experimenta a matrícula na Universidade dessa capital e é admitido. Por essa ocasião conhece um velho propagandista, professor de colégios, e, estreitando a amizade, casa-o com a filha, Nadedia Constantinova Krupskaja, cujo espírito se formara no mesmo ambiente de fornalha. Em 1895 está Lenin em Genebra, onde entra em contacto com o grupo de exilados de Plekanov, dos quais vem a ser um reflexo dentro da Rússia. Descoberta sua atividade na imprensa socialista, é condenado, a 29 de janeiro de 1897, a três anos de exílio na Sibéria oriental. Em 1900, cumprida a pena em Irkustsk, Krasniarsk, no governo de Lenissir, segue para o estrangeiro, indo fazer parte, em Paris, do comitê central dos emigrados políticos. Em 1901, aliado a Martov e a Potressoff funda o jornal ISKRA de informação socialista universal. Dois anos mais tarde, em 1903, reúne-se o 2º Congresso do Partido Operário Social-Democrático, que abre cisão, triunfando Leni-

Manhã

MÁRIO DE ANDRADE

O jardim estava em rosa ao pé do sol E o ventinho de maio que viera do Jaraguá. Deixando por tudo uma presença de água. Banzava gozado na manhã preciosa.

Tudo limpo que nem toada de flauta.

A gente se quisesse beijava o chão sem formiga, A boca rogava mesmo na paisagem de cristal.

Um silêncio noturno, muito claro! As sombras se agarravam no folhido das árvores. Talqualmente preguiças pesadas. O sol sentava nos bancos tomando banho-de-luz.

Tinha um sossego tão antigo no jardim. Uma fresca mão de mão lavada com limão, Era tão maripalara e descansante Que desejei... Mulher não desejei não, desejei... Se eu tivesse a meu lado ali passeando Suponhamos Lenin, Carlos Prestes, Gandhi, um desses...

Na docura da manhã quase acabada Eu lhes falava cordialmente: — Se abanquem um bocadinho. E havia de contar pra eles os nomes dos nossos preces, Ou descrevia Ouro Preto, a entrada de Vitória, Marajó, Coisa assim, que pusesse um disfarce de festa No pensamento dessas tempestades de homens

(18 III-1928)

Notas Sobre Livros

Para boa compreensão do momento histórico durante o qual surgiu o Partido Comunista do Brasil, em 1922, parece-nos indispensável fazer-se o levantamento, ainda que sumário, dos aspectos mais significativos da situação econômica do País ao iniciar-se a segunda década do século. Isto é, logo após a primeira guerra mundial. Recorremos, para isso, ao livro de Caio Prado Júnior — História Econômica do Brasil, onde se encontram dados e informações bastantes.

Veja-se aí, no capítulo consagrado à industrialização, as indicações relativas ao impulso industrial que se verificou entre nós em consequência da guerra: segundo o censo de 1920, havia então 13.336 estabelecimentos industriais em todo o País, com o capital de 1.815.156 contos, e empregando 275.512 operários. Desse total de estabelecimentos, 5.936 haviam sido instalados entre 1915 e 1919, prova evidente da influência produzida pela guerra. Partindo das estatísticas de 1920, podemos calcular que em 1922 haveria no Brasil, aproximadamente, uns 300.000 operários industriais, dos quais mais ou menos metade concentrados no antigo Distrito Federal e municípios vizinhos.

Convém esclarecer que a indústria que mais se desenvolveu, proporcionalmente, durante o período em apreço, foi a de alimentação, especialmente a de congelamento de carnes, estimulada esta última, pelo consumo crescente dos países beligerantes. Grandes frigoríficos se estabeleceram então, principalmente nos Estados do Rio Grande do Sul e de São Paulo, que ofereciam maiores facilidades regionais para aquisição de gado. E não esqueçamos, neste ponto, que tais frigoríficos foram instalados por organizações monopolistas estrangeiras, que até hoje concentram em suas mãos o negócio da carne no Brasil, e não apenas para a exportação mas também para o abastecimento do mercado interno.

Mas o impulso produzido pela guerra continua em seu bojo vários fatores. O conflito, além de ter originado, cujo desenvolvimento, inevitável com o conflito, só não ocasionou maiores perturbações devido às elevadas tarifas alfandegárias, e ainda a uma contínua depressão cambial. Quer dizer, aqueles países — em condições de paz — cujo modo substituído por fatores permanentes, os quais no entanto impregnavam a industrialização de tal ou qual feição parasitária, e daí, em parte pelo menos, frutas de suas debilidades industriais, com reflexos em suas economias sobre a situação de classes vizinhas.

De tais circunstâncias, acrescidas a outras, algumas das quais vivham de longe no tempo (Caio Prado Júnior exemplifica debilidade do mercado interno, dificuldades de transportes, deficiência técnica, só para ressaltar o que de fato resultou — uma indústria de baixo nível qualitativo). Falamos acima em concentração industrial, e portanto em regiões, em certas regiões. Expliquemos: não era questão de concentração técnica, traduzidas em grandes unidades industriais, a não ser em parte, a desproporção, na distribuição geográfica, da população e da produção em alguns pontos do território nacional, de numerosas estabelecidas entre de tipo médio e pequeno. A maior parte da indústria brasileira, escreve o historiador que estamos consultando, concentrava-se em certos lugares e dispersa em unidades insignificantes, de rendimento reduzido e produzido exclusivamente para estritos mercados locais.

Esses porém como base, o fato devidamente observado e ressaltado por C. Prado Júnior, é que desde então a indústria passou a ocupar posição de grande relevo no conjunto da economia brasileira.

Peço dados e indicações aqui resumidos, creio que poderão fazer uma ideia aproximada da paisagem econômica em que se desenvolveram as lutas de produção brasileira, durante o período de formação do Partido Comunista do Brasil.



Idéias Russas

MONTEIRO LOBATO

Na reportagem de Adolfo Agorio sobre a Rússia existe um trecho sobre o interessante relativo à questão sexual.

Lenin, esse ógre na opinião dos franceses, ainda há de dar o seu nome ao século como o maior reformador social de todos os tempos. Nenhuma criatura operou em maior escala, nem foi mais radical em suas idéias. Semeou como um deus, e até ao derradeiro momento de vida presidiu ao novo estado de equilíbrio social que implantou na Rússia. O tempo irá aos poucos corrigindo sua obra; a adaptação far-se-á; mas ninguém lhe tirará a glória de ter arquitetado o dia de amanhã.

O caudal de diatribes e infâmias que os lesados esguicham sobre o seu nome e difundem pelo mundo inteiro, passará, como passam os enxurros. Onde está hoje a massa formidável de libelos impressos na Grã-Bretanha contra o ógre de Corsega? Napoleão, no entanto, purificado, brilha na história com o Perseu de uma Corgona: o direito divino.

E' assim que a humanidade caminha — napoleonicamente, leninicamente, aos sacões. A prudência, tão preconizada pelo artritismo dos marqueses de Maricá, é virtude que apenas conserva, como o vinagre conserva o pepino, mas não cria coisa nenhuma.

No que diz respeito à mulher, Lenin aparece como o seu messias. Libertou-a da escravidão doméstica, aboliu o preconceito da sua inferioridade, pô-la em situação de ocupar todos os cargos da república, desde o comissariado do povo até o juizado. O regime de igualdade dos sexos é perfeito, pois, Lenin destruiu o formidável acervo de injustiças acumulado em vinte séculos de helenismo e outros tantos de civilização cristã — isto é, de despotismo do galo.

Houve um formidável saqueio de forças psicológicas adormecidas,

vento que varreu e ventileu o ambiente, desde o lar às mais complexas formas de atividade coletiva.

A mulher liberta-se da servidão conjugal. Os direitos dos dois cônjuges equiparam-se sob um severo regime de responsabilidade e deveres mútuos. A união livre, controlada pelo Estado, não significa a anarquia sexual que pintam os escribas anti-russos a serviço do cómodo status-quo capitalístico. Essa anarquia sexual existe sim, no regime burguês da mentira monogâmica sem divórcio, monstruoso Moloch que só funciona à custa do mais cruel lubrificante: a prostituição.

O casamento na Rússia repousa unicamente no amor, e é mais duradouro que o aligerado no dinheiro. Recorda Agorio o assombro de um seu companheiro de viagem ao verificar o número infimo de divórcios russos. No entanto, se é fácil casar, mais fácil ainda é divorciar: para o primeiro ato basta o comparecimento dos dois interessados perante o oficial civil; para o segundo basta o comparecimento de um.

A humanidade se divide em duas classes: os que possuem imaginação e os que a não possuem. Os imaginativos idealizam e, como idealizam, raro alcançam a felicidade — tanto o real é inimigo do ideal. Vem daí que os imaginativos são em regra infelizes no nosso regime sexual.

Na Rússia não. Mme. de Bovary não se suicida. Solta o primeiro marido, inservível por insuficiência glandular (devia ser isto), e vai sucessivamente casando até encontrar o eleito da sua fantasia. E acha, pois as almas andam aos pares, a afinidade eletiva é um fato e o tudo é que a sociedade não as impeça de se reunirem.

— Por que motivo, disse uma dama russa a Agorio, havemos de trazer sapatos apertados, que nos magoam o pé, se tornando os podemos tão-lhos cómodos? Ora, o nosso

coração não, merece menos que o nosso pé, além de que as feridas não abertas são de muito maior duração.

Quem sofre com o regime russo é o homem. Perde a liberdade de borboletear de mulher em mulher, clandestinamente, qual um boursour lúctico, sem nenhuma consequência funesta para seu egoísmo. Não mais se regala com o sadismo de fazer mãe a uma virgem e largá-la à sua triste sorte, sob os olhares complacentes do status-quo. Sua responsabilidade torna-se absoluta. O código bolchevista, que no fundo é a lógica reação do pobre espezinhado contra o rico prepotente, garante todos os direitos da maternidade. As obrigações do homem não são neste caso para com a mulher, e sim para com a mãe. Ao fundar as bases da família nova, quis Lenin poupar ao seu país o espetáculo degradante da mulher desamparada no seu transe mais nobre, convertida em máquina de abertos e infantílicos, escrava do regime social que faz dela um objeto de compra e venda, um símbolo reduzido a campo de experiências dos monstruosos apetites e das abomináveis paixões, não d'go masculinas, mas homossexuais.

A mulher trabalha livremente e possui igual ao homem a iniciativa no amor. Pode escolher à vontade. Nenhuma barreira se opõe aos impulsos do seu coração. Contribui para a manutenção da sociedade conjugal e assim afirma a sua independência e justifica os seus direitos.

Não há na Rússia essa classe de mulheres que vivem em absoluto à custa do marido, qual ostras no cepo. Mas d'el' ainda é ver-se o contrário disso, como, por exemplo, o chopim da nossa organização atual.

O problema do celibato, concebido em mente, desaparece. A solteirona é o pó anomalia de tempe-

ramento, já que nada a impede de afrontar a experiência matrimonial. No nosso regime, a cuja monstruosidade não atentamos porque o olho não atenta à coisa quando a recebe desde o nascer, milhões e milhões de pobres criaturas murram no tormento da castidade à forna, ao lado de outros milhões que se rebolcam nos prostíbulo, de vorações, umas, de hábitos vários e outras de varia ordem física, para que o Monsieur Home's, da Liberdade ao conselheiro Agorio, possa sentir, ao gravemente:

— O casamento é uma utilidade divina. Não lhe temer!

Os homens e as mulheres na Rússia não se olham como inimi-

cos, clamam entre o amor e o ódio, pelos os mesmos exaltados sentimentais, não enchem as folhas com o esmagado diário do seu encolhimento, de seus tira de revoar, de seus faceões. Olham-se como companheiros, mas os direitos, porém nos deveres. E certo avogar pela soberania de si mesmos, e desde então reflexivo da própria responsabilidade diz Agorio que nada perderam do encanto feminino, é justo que fechemos os portos aos navios russos que trazem em tripas tais idéias.

Viriam perturbar a deliciosa lambança sexual, lida e cega, em que vivemos, com um olho nos bismutos e outro nos macacos de Veronoff...

O SINDICATO DOS PROFESSORES DO RIO DE JANEIRO, envia nesta gloriosa data, sua saudação fraternal a todos trabalhadores, particularmente ao professorado brasileiro.

Estado da Guanabara, 1º de Maio de 1960
 Begavim Demaria Boiteux
 Hélio Marques da Silva
 Elson Carlos de Souza
 Levy Borborema Porto
 Walter Ribeiro Lemos
 Silvio Ferba Costa

União dos Servidores Municipais

R. Paralba, 19 — 34-8419

SALVE O 1º DE MAIO!

A data de 1º de maio tem um significado especial para os antigos servidores municipais, hoje integrados no Estado da Guanabara, especialmente para aqueles que exercem funções atinentes ao pessoal operário.

Em 1º de maio de 1919 o saudoso Prefeito Paulo de Frontin estendia ao quadro operário da então Prefeitura do Distrito Federal os direitos assegurados aos empregados municipais: horário de 8 horas de trabalho, direito a férias, assistência e previdência social, estabilidade após 10 anos de serviço etc.

Quinze anos após Pedro Ernesto completou a obra de Paulo de Frontin ao reconhecer, em 1º de maio de 1933, o direito do pessoal operário à percepção do salário mínimo, fixado na época em trezentos mil réis.

Recordando este grato acontecimento diretores e associados da União dos Servidores Municipais irão comemorar, na data de 1º de maio, às 10 horas da manhã, aos túmulos de Paulo de Frontin e Pedro Ernesto, no Cemitério de São João Batista.

Esta data é, também, uma data de luta e confraternização. Por isso saudamos calorosamente aqueles colegas recentemente transferidos para o Estado da Guanabara, concitando-os a cerrar fileiras em torno da Coligação das Sociedades de Servidores Municipais, futura coligação das Sociedades de Servidores do Estado da Guanabara.

VIVA O 1º DE MAIO!

VIVA A UNIDADE DOS SERVIDORES DO ESTADO DA GUANABARA, PELA CONQUISTA DO PLANO DE CLASSIFICAÇÃO DE CARGOS E FUNÇÕES!

ALACRINO TAVARES DIAS
 PRESIDENTE



EM VOLTA REDONDA

Convenção Sindical do Estado do Rio

A 1ª Convenção Sindical dos Trabalhadores do Estado do Rio será instalada no dia 29 do corrente, às 9 horas, no Ginásio da Companhia Siderúrgica Nacional, em Volta Redonda. O con-

clave, que se prolongará até o dia 1º de maio, reunirá representantes de 120 entidades sindicais fluminenses. No seu teor consta: 1) problemas econômicos e sociais; 2) contrato coletivo de trabalho; 3) Congresso Nacional dos Trabalhadores; 4) problemas nacionais; 5) organização e eleição do Conselho Sindical Fluminense. O ato de encerramento, que será às 15 horas do dia 1º de maio, contará com a presença do vice-presidente da República, sr. João Goulart, e do sr. Roberto Silveira, governador do Estado. Os trabalhadores da construção civil de Volta Redonda, (foto) elegeram a sua delegação à Convenção na mesma assembleia em que ratificaram a conquista do aumento salarial de 38,6%.

Federação Nacional dos Portuários

A passagem da Data Magna do Trabalhador — 1º DE MAIO — temos a satisfação de saudar fraternalmente às Entidades Sindicais, bem como a gloriosa classe operária.

Pela Diretoria
 Walter Meneses
 Presidente

Sindicato Nacional dos Contramestres, Marinheiros, Moços e Remadores em Transportes Marítimos

1º de Maio — Dia Internacional do Proletariado

No dia de lembrar nossos mártires, os que lutaram pela conquista de nossos direitos, dia de estreitarmos nossos laços de fraternidade e solidariedade, saudamos, em nome dos marinheiros, no transcurso do 1º de Maio, a todos os trabalhadores do Brasil e do mundo, apelando para que aumentem e ampliem sua unidade.

Pela paz e pelo bem-estar de todos os povos!

Waldir Gomes dos Santos — Presidente; Francisco Silva — Vice-Presidente; Sebastião Jaccoud — 1º Secretário; Luiz Maurício Sobrinho — 2º Secretário; Jorge Moura do Valle — Tesoureiro e José Pereira Jacques — Diretor de Assistência Social.

Aos Bancários, Aos Securitários e Demais Trabalhadores

Na oportunidade em que comemoramos o Dia Internacional do Trabalhador, saudamos efusivamente e calorosamente a todos os companheiros, formulando ardentes votos de sucesso na luta comum por melhores dias para as nossas famílias e pelo progresso e emancipação de nossa pátria.

Aos colegas bancários e securitários, conclamamos a lutarem unidos e organizadamente pela conquista do Contrato Coletivo de Trabalho, pela moratória da Previdência Social e pelo Direito de Greve

Teatro

“O Romance do Vilela”

A Associação de Cultura Franco-Brasileira demonstrando compreensão e desejo de cooperar conosco, no incentivo ao movimento teatral dos jovens, colocou o agradável teatrinho da Maison de France à disposição das Jovens Companhias Teatrais. Coube ao Estudo 53 iniciar a temporada, com a peça “O Romance do Vilela”, em 3 atos desenvolvidos em 12 quadros de autoria de Francisco Pereira da Silva, jovem autor nordestino, não sei se de Sergipe ou Piauí. A peça estará em cartaz durante 7 semanas, findas as quais, outra companhia jovem ocupará esse teatro. A direção é de Carlos Alberto Murinho, organizador, um dos fundadores e diretor assim como ator do conjunto. No papel de Cambraia, o cantor, ele interpreta ao violão e com voz agradável dois “BECES” e duas canções de despedida. O assunto, quase o indica o título, trata da vida do jovem cangaceiro Vilela, das circunstâncias que o levaram ao cangaço, das questões de terra, exploração e opressão do camponês nordestino — idêntica a que ocorre em qualquer dos nossos Estados, onde haja o problema do latifúndio. Apresenta o drama das populações das cidades percorridas por cangaceiros e seus perseguidores “as volantes”, sofrendo as consequências da luta entre autoridades e rebeldes. Em uma destas vilas de interior, onde nasceu o Capitão Vilela, a amigulha de infância, ex-namorada, está de casamento marcado com um noivo que detesta, por imposição do pai. No segundo ato surge ao encontro do cangaceiro com quem se casa. E aí começam seus esforços, especialmente ao sentir os primeiros indícios de maternidade, para modificar o curso da vida do marido, afastando-o da violência, que é imposição das contingências, necessidade de autodefesa. Ao fim do último ato, em luta corporal com seu perseguidor mais ferrenho, isolado dos homens de sua tropa, depois de tê-lo dominado, é compelido pela esposa, já então mãe de seu filho, a poupar a vida ao inimigo. Certo de que seu destino é matar para não morrer, resolve fugir ao dilema, atirando-se do alto do despenhadeiro. O texto é bom, a maneira de apresentá-lo, intercalando ação com a narração do cantor é bem achada. É pena que o tratamento dado ao assunto seja demasiado literário, com frases construídas de maneira correta, respeitando plurais, concordâncias, boa colocação de pronomes etc. Por outro lado, os intérpretes acentuam isso que consideramos uma falha, pronunciando com tanta clareza e correção que se assemelham a doutores e não a cangaceiros ou camponeses. Apontamos deficiências mas recomendamos o espetáculo. Tanto o Estudo 53, como a direção da Maison de France, merecem todo apoio. E o espetáculo, em conjunto resulta bom.

Beatriz Bandeira

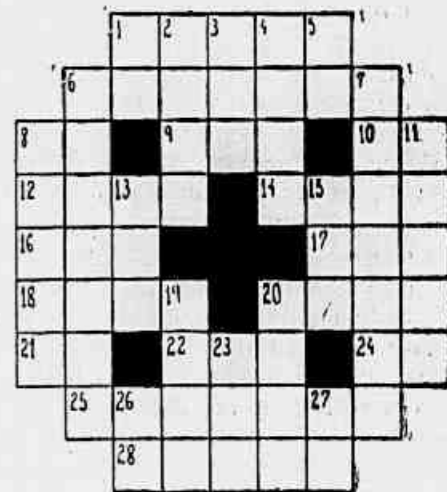
Palavras Cruzadas

F. Lemos

PROBLEMAS Nº 8

HORIZONTAIS: 1 — Sacrificia; 6 — Sentinela; vigia; 8 — Antônio Maria; 9 — Soberano; 10 — Décima sétima letra do alfabeto grego; 12 — Capital da Itália; 14 — Instrumento de ataque e de defesa; 16 — Agora, atualmente; 17 — Do verbo «IR»; 18 — Peça elástica, de metal ou outra substância, destinada a reagir, depois de haver sido dobrada ou comprimida; 20 — Cidade da Itália; 21 — Artigo feminino plural; 22 — Carbonato de cálcio amorfo, vulgarmente chamado «greda branca»; 24 — Artigo masculino plural; 25 — Julgar habilitado; 28 — Embarcação estreita, leve e rápida (plural).

VERTICAIS: 1 — Magnetismo pessoal (gíria estrangeira); 2 — Nome próprio feminino; 3 — Interjeição. Serve para chamar, para saudar e também indica espanto; 4 — Qualidade, casta; 5 — Grito de dor; 6 — Carinhosa; 7 — Equipador de navios; 8 — Perfume agradável; 11 — Lugar aprazível entre outros que não o são; 13 — Moléstia; 15 —



Curso de água natural, mais ou menos caudaloso; 19 — Quebradiço, rápido; 20 — De pouco peso; 23 — Relação, lieta; 26 — Letra do alfabeto grego; 27 — Artigo feminino plural.

RESPOSTAS DO PROBLEMA Nº 7

HORIZONTAIS: 1 — Guanabara; 5 — És; 6 — Os; 7 — Aba; 10 — Pão; 12 — Pior; 13 — Anal; 15 — Lá; 16 — Rô; 17 — Avir; 19 — Irra; 21 — Ana; 22 — Ama; 23 — Ara; 24 — Aia; 26 — Caravelas. VERTICAIS: 1 — Gê; 2 — Usai; 3 — Rosa; 4 — As; 8 — Bolinar; 9 — Arara; 10 — Pária; 11 — Anormal; 12 — Pia; 14 — Lóa; 18 — Vara; 20 — Raia; 23 — A.C.; 25 — As.

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Energia Elétrica e da Produção do Gás do Rio de Janeiro

Mensagem aos Trabalhadores Brasileiros:

Ao ensejo do 1º de MAIO, data internacional dos trabalhadores, o Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Energia Elétrica e da Produção de Gás do Rio de Janeiro saudamos entusiasticamente a todos os trabalhadores brasileiros que lutam, como nós, pela melhoria constante das condições de trabalho e dos níveis salariais, pela Emancipação política e econômica de nossa Pátria e pelas liberdades públicas e sindicais.

Rio de Janeiro, 1º de Maio de 1960.

Pela Diretoria,
 Argemiro Rocha Junior
 Presidente

Sindicato Nacional dos Aeronautas

Na data em que se comemora internacionalmente o dia do trabalhador, o Sindicato Nacional dos Aeronautas interpretando o sentimento de fraternidade da classe que representa, saúda entusiasticamente os trabalhadores do mundo inteiro e em particular os trabalhadores brasileiros.

Ass. A DIRETORIA

Federação Nacional dos Trabalhadores nas Indústrias Gráficas

MENSAGEM

Ao ensejo da data de 1º de maio de 1960, a Diretoria da Federação Nacional dos Trabalhadores nas Indústrias Gráficas concita a todos os seus membros e unidade de ação na Conquista da Lei Orgânica da Previdência Social e Regulamentação do Direito de Greve, bem como, Revisão do Salário Mínimo e Combate simultâneo à Carestia de Vida.

Estando previsto para julho deste ano o 1º Congresso Sindical Nacional, desejamos que os nossos filiados desenvolvam o máximo de suas atividades no sentido de se fazerem presentes neste Conclave de importância fundamental não só para os gráficos brasileiros, como também para os trabalhadores de nossa Pátria.

SALVE O 1º DE MAIO DE 1960
 SALVE O 1º CONGRESSO SINDICAL NACIONAL E
 VIVA A UNIDADE DE AÇÃO DOS TRABALHADORES BRASILEIROS.
 DANTE PELLACANI, Presidente
 ASSIS BRASIL, Secretário
 NEWTON OLIVEIRA, Tesoureiro

PARALELO 38, 7 ANOS DEPOIS

Ao Norte Desenvolvimento ao Sul Fome e Terror

Depois de um mês de manifestações pacíficas e violentas, com a participação de centenas de milhares de pessoas em toda a Coreia do Sul, o governo norte-americano chegou à conclusão de que a camarilha de Syngman Rhee não presta mais para testa-de-ferro. Numa corrida para salvar os «restos do incêndio», o Departamento de Estado publica agora repetidas notas condenando o regime da Coreia do Sul, na esperança de acabar em alguns dias com o justo ódio do povo coreano pelos 16 anos de opressão. O golpe sobre a ditadura de Syngman Rhee, entretanto, foi decisivo. Diante da manifestação pública dada pelos Estados Unidos de não apoiar mais Syngman Rhee, a assembléia nacional sul-coreana aprovou por unanimidade uma moção de censura à ditadura: Syngman Rhee resolveu então renunciar e convocar novas eleições.

Falando recentemente numa conferência o subsecretário de Estado norte-americano Douglas Dillon disse que uma das perguntas fundamentais que devem ser feitas à União Soviética é a seguinte: quando irá a URSS «desistir da ficção» representada pela República Democrática Popular da Coreia e permitirá a «reunificação mediante eleições livres»? Como se vê, o Departamento de Estado perdeu todo o resto de escrúpulos que ainda lhe restava para defender a ditadura cambaleante de Syngman Rhee.

O sr. Dillon não deve acreditar no ditado segundo o qual «não se fala em corda em casa do enforcado». Falar em «eleições livres» para reunificar a Coreia quando o protesto popular contra a farsa eleitoral de Syngman Rhee agia o nível de insurreição nacional, é perder todo o senso do absurdo. Em Seul, Masan, Pusan e várias outras cidades da Coreia do Sul, dezenas de milhares de pessoas, desobedecendo a lei marcial, desfilavam pelas ruas desafiando a polícia e o exército, abundantemente armados pelos Estados Unidos. A revolta popular foi tão mais intensa em vista do caráter aberto da fraude eleitoral. Como a própria revista *Time* confessa, em Masan,

por exemplo, o Partido Liberal de Syngman Rhee era sistemática e fragorosamente derrotado. Publicados os resultados das eleições, a população da cidade verificou que tinha «eleito» Rhee numa proporção de 36 votos contra 7.

Candidato único

U... mais características da «democracia» sul-coreana é, como não podia deixar de ser, a original «pluralidade» de partidos e candidatos às eleições. Em todos os últimos pleitos os candidatos contra Syngman Rhee ou foram presos e assassinados, ou morreram subitamente, em condições mais ou menos misteriosas. Milhares de pessoas eram assassinadas e dezenas ou centenas de milhares eram arbitrariamente presos. Mas o terror não basta, e é preciso recorrer também à fraude. Um relatório oficial do governo francês assinalava, em 1946, «que os próprios moderados reconhecem terem sido caracterizadas pela fraude» as eleições daquele ano.

Em 1948 novo banho de sangue dá o poder absoluto à camarilha de Syngman Rhee, que, para garantir seu domínio, prende e tortura mais de 100.000 sul-coreanos no ano seguinte. A oposição ao terrorismo, entretanto, ganha corpo em todo o país, principalmente à vista do desenvolvimento democrático que se realiza na Coreia do Norte. E, apesar de todos os esforços de Syngman Rhee para corromper e aterrorizar a população com o dinheiro e as armas dos Estados Unidos, em 30 de maio de 1950 seu partido perde 70% das cadeiras que tinha na assembléia. Era claramente o começo do fim. Syngman e seus assessores norte-americanos recorrem, então, à última cartada: a guerra civil.

A guerra devastadora

A guerra da Coreia, feita oficialmente em nome das Nações Unidas, a pretexto de uma «agressão comunista» e para salvar a «democracia sul-coreana ameaçada», foi na verdade uma guerra de opressão para manter o regime ditatorial de Syng-

man Rhee e tentar estendê-lo à Coreia do Norte. A miséria econômica e o terror policial só poderiam ser mantidos com a ocupação do país pelo exército norte-americano. Um milhão e seiscentos mil soldados ianques tomaram parte na luta; quatrocentos mil não voltaram às suas casas.

Na Coreia, tanto ao sul como ao norte do paralelo 38, a devastação foi quase completa. Na Coreia do Sul 125 mil órfãos e 300 mil viúvas formaram o balanço trágico da luta. Dos 21 milhões de habitantes, mais da metade ficou sem condições de sustento ou trabalho. Na Coreia do Norte, 40% das casas foram destruídas, quase todo o parque industrial que tinha sido reconstruído depois do fim da guerra, foi novamente destruído. O esforço de cinco anos ficou reduzido a quase nada.

Essa foi a guerra que estourou seis dias depois da instalação de uma assembléia em que a camarilha de Syngman Rhee tinha perdido a maioria. Se alguém ainda podia duvidar do verdadeiro caráter da guerra da Coreia, o general MacArthur, comandante supremo das forças que lutaram sob a bandeira da ONU, veio acabar com estas dúvidas. Em entrevista concedida há alguns dias, disse o general que nunca recebeu qualquer ordem da ONU enquanto esteve na Coreia. Quem dava ordens a MacArthur, atual presidente do truste Remington Rand, senão os monopólios e seus homens do Pentágono?

Contraste inevitável

Contraste entre as duas Coreias, principalmente depois do fim da guerra, em 1953, passou a ser feito pelos próprios coreanos. Enquanto

que a miséria, a estagnação e o atraso reinavam na Coreia do Sul, cuja produção industrial e agrícola ainda não alcançou os níveis de 1949, na República Democrática Popular da Coreia a atividade abnegada do povo, sob a direção do Partido do Trabalho, realizava verdadeiros milagres. Pela primeira vez em toda a história da Coreia, a indústria e a agricultura produziram o suficiente para vestir, alimentar e dar moradia ao povo.

A produção industrial da Coreia do Norte em 1959, no meio do primeiro plano quinquenal, aumentou 9 vezes em relação a 1954, e 6 vezes em relação a 1949. Com uma população de 9 milhões de habitantes, a Coreia do Norte produz mais de oito bilhões de quilowatts-hora de eletricidade por ano, isto é, mais da metade do que o Brasil, que tem uma população sete vezes maior; além disso, segundo planos já em execução, por volta de 1965, a Coreia do Norte já estará produzindo 20 bilhões de quilowatts-hora. A produção de ferro gusa, em 1958, era praticamente um terço da brasileira, devendo dobrar até o fim deste ano e atingir 4 milhões de toneladas em 1965, mais de três vezes a atual produção brasileira. Com a produção de aço ocorre o mesmo. Também a indústria leve, principalmente a de construção, tecidos, calçados, etc., se desenvolve a passos largos.

A decisão dos coreanos sobre o contraste entre as duas Coreias não é menos favorável à Coreia democrática: apesar de todos os esforços da camarilha de Syngman Rhee, dezenas de milhares de coreanos que residiam no Japão exigiram seu repatriamento para a República Democrática Popular da Coreia.

A Base de Sustentação de Rhee



Desde 1946 o regime sanguinário de Syngman Rhee só se manteve pelo apoio financeiro e militar dos Estados Unidos. Com a retirada deste apoio a queda será fatal, pois o descontentamento do povo sul-coreano já é maior que a própria barreira armada ianque.

Nehru não quis acordo

Segundo as notícias divulgadas pelas agências os primeiros ministros da Índia e da China Popular não conseguiram chegar a um acordo definitivo sobre o litígio de fronteiras entre os dois países. As conversações duraram três dias, findos os quais Chou En-lai dirigiu-se ao Nepal para ratificar o acordo sino-nepalês, como já tinha acontecido na Birmânia.

As questões fronteiriças no sueste asiático, como em vários outros pontos, são uma herança do domínio colonial. «Donas» dos países oprimidos, as potências colonialistas traçaram fronteiras segundo os seus interesses e não de acordo com as tradições e a evolução histórica. Tal é o caso da «linha Mac Mahon».

Persistindo em sua posição de não chegar a um acordo com a China Popular, o governo de Nehru cede a pressões dos grupos mais reacionários da Índia e seus «amigos» das potências imperialistas, mas esta é uma política sem futuro.

Camponeses esmagam golpistas na Venezuela

Foi abafado na Venezuela o movimento contra-revolucionário que pretendia substituir o governo de Betancourt por uma ditadura mais dócil aos interesses dos monopólios norte-americanos. Na luta contra o golpe as milícias operárias e camponesas desempenharam papel de primeira importância. Os principais elementos contra-revolucionários, inclusive o ex-general Castro León, foram presos pelos camponeses, armados de machados, enxadas, paus e facões.

Enquanto isto, o governo de Betancourt proíbe manifestações convocadas em Caracas por comunistas e setores progressistas do próprio partido socialista. Ação Democrática. Uma agência de notícias chegou mesmo à divulgar a informação atribuída a elementos do governo segundo a qual o Partido Comunista seria posto na ilegalidade. Único crime do PC: combater os golpistas e defender os verdadeiros interesses do povo venezuelano.



Em 14 anos, 9 de guerra

Arrensado por duas guerras sangrentas em menos de quinze anos, oprimido, primeiro pelo imperialismo japonês e depois, ao sul do paralelo 38, pelo norte-americano, o povo coreano conheceu uma miséria e fome sem fim.

Nota Internacional

A Conferência de Cúpula e o Brasil

Estamos a três semanas da conferência de cúpula, e a atenção da opinião pública se volta cada vez mais para os dirigentes dos Estados Unidos, França, Inglaterra e União Soviética que têm atualmente em suas mãos a possibilidade de tomar decisões de importância decisiva para o futuro do mundo. A paz e a guerra não dependem exclusivamente de reuniões a portas fechadas, mas nunca uma conferência esteve tão perto de garantir o desenvolvimento pacífico da humanidade pelos caminhos traçados pelos interesses e a vontade dos povos. Nunca as condições foram tão favoráveis para que se chegue a um acordo para a solução sem guerra das divergências e contradições entre os Estados. Esta a grande importância da conferência de cúpula convocada depois do início do decênio nas relações internacionais.

Por que existem hoje condições favoráveis para um acordo sobre a coexistência e o desarmamento? Porque a vontade dos povos encontra hoje porta-vozes autênticos de suas aspirações à emancipação nacional e social. Quase um bilhão de pessoas vivem atualmente nos países socialistas, cujos governos defendem infatigavelmente e intransigentemente a coexistência pacífica entre todos os países, o movimento de emancipação dos povos coloniais e dependentes e o princípio da autodeterminação dos povos. Outro bilhão de pessoas vivem nos países recém-libertados do colonialismo e nos que ainda lutam por sua emancipação, e estão diretamente interessados em que exista um clima de paz para que possam sair do atraso e da espoliação para uma vida mais humana. Nos próprios países capitalistas, milhões de pessoas lutam pela coexistência e o desarmamento, por um futuro de paz e progresso.

As contradições e antagonismos sociais e nacionais não desaparecerão com a implantação do desarmamento e a coexistência pacífica, mas estarão abertos o caminho para que estas contradições e antagonismos possam ser resolvidos sem as imensas destruições de vidas e riquezas causadas pelas guerras. Esta possibilidade foi consideravelmente aumentada nos últimos tempos pelos contatos entre os dirigentes de países com sistemas sociais diferentes, principalmente pela visita de Nikita Kruschov aos Estados Unidos e à França, e a próxima visita de Eisenhower à União Soviética. O fantasma da propaganda de guerra sofreu duros golpes com a calorosa acolhida com que o povo dos Estados Unidos e da França recebeu o chefe do governo da URSS.

Também ao Brasil interessa essa nova tendência nas relações internacionais. Além de afastar o espantoso da guerra, a coexistência pacífica criaria condições propícias à luta do nosso povo pelo progresso nacional e social e ao afastamento da política de blocos criados pela política imperialista de guerra fria. Esta a necessidade da luta de nosso povo contra a política de guerra, pela coexistência pacífica.

Fausto Cupertino

A doença infantil do "esquerdismo" no comunismo de VLADIMIR ILITCH LENIN

Importante obra teórica de grande atualidade
Um combate cerrado contra o sectarismo, o dogmatismo e o revisionismo

Edição comemorativa do 90º aniversário de nascimento do autor

LANÇAMENTO DA EDITORIAL VITÓRIA LIMITADA

A VENDA NAS LIVRARIAS

Caixa Postal 165/Rio de Janeiro
Pedidos pelo reembolso para **Cr\$ 100,00**

O SINDICATO NACIONAL DOS AEROVIÁRIOS, ao ensejo do transcurso da data máxima dos trabalhadores de todo o mundo, saúda as classes laboriosas do Brasil augurando-lhes crescentes Vitórias na luta contra o subdesenvolvimento e por melhores condições de vida e de trabalho.

Salve os trabalhadores de todo o mundo!

Viva a democracia do povo, pelo povo e para o povo!

Viva e esteja em nossa luta a memória dos que tombaram pelas liberdades dos povos!

Eterna seja a chama que ilumina o futuro do Brasil para a sua completa, total e definitiva emancipação econômica!

Ass. A DIRETORIA

Nixon, o imperialismo e as colônias

Fazendo uma conferência numa universidade norte-americana, o vice-presidente dos Estados Unidos Richard Nixon lamentou a falta de previsão que, segundo ele, caracteriza a política externa de seu país. Em particular, o sr. Nixon lembrou o fato de que, mesmo antes da revolução de 1911, os bolcheviques já tinham compreendido o enorme papel que seria desempenhado pelos países coloniais, em particular a China e a Índia, no passo que os Estados Unidos só passaram a compreender esta realidade quando ela se mostrou a todos depois da IIª guerra mundial.

Dilema da Itália: esquerda ou crise

Depois de quase dois meses de marchas e contramarchas, continua quase sem qualquer alteração a crise política italiana. Em poucas palavras, a crise pode ser definida como resultante da impraticabilidade de um governo de centro-direita e da vacilação dos dirigentes democratas-cristãos em marchar para a esquerda.

Enquanto perdura a crise, aguçase a contradição entre as bases da democracia cristã, que apoiam um governo baseado numa ampla coligação incluindo os republicanos, social-democratas, socialistas e comunistas, e sua direção, que atende às pressões reacionárias, do Vaticano e dos monopólios.

Diante da desistência de Fanfani, o primeiro-ministro Gracchi convidou Fernando Tambroni a tentar novamente formar um gabinete centrista. Em caso de novo fracasso de Tambroni, um dos únicos recursos que lhe restaria seria a convocação de novas eleições. Contudo, estas eleições que se abrem a vitória quase inevitável da esquerda.

Todos á Praça Mauá, ás 2 Horas da Tarde

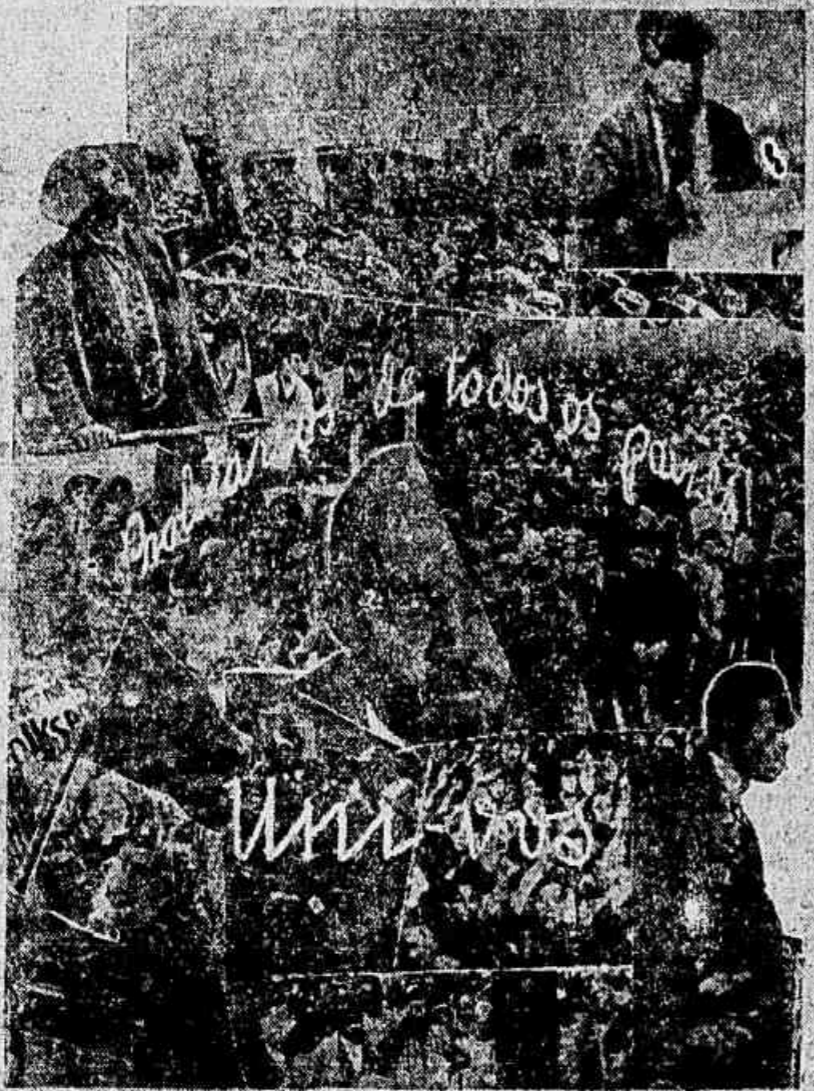
A CLASSE OPERARIA

Jornal de Trabalhadores. Feito Por Trabalhadores, Para Trabalhadores

AO COMICIO-MONSTRO

Os Trabalhadores de Todos os Paizes

1º de Maio de 1929



A Situação Econômico-Política do País e as Tarefas Imediatas do Partido Comunista

EDICAO DE HOJE 30 MIL EXEMPLARES

Manchete anunciando

A «Classe Operária» de 1º de maio de 1929, cuja primeira página reproduzimos em fac-símile, convocou os trabalhadores cariocas para uma concentração na Praça Mauá. O jornal dos comunistas se colocava, assim, à frente das comemorações da grande data da solidariedade combativa e internacional dos operários.

Diário Carioca

Decorreram animadíssimas as comemorações de 1º de maio

O «MEETING» DA PRAÇA MAUÁ REUNIU UMA MULTIDÃO DE MAIS DE DEZ MIL PESSOAS — FALARAM REPRESENTANTES DE ORGANIZAÇÕES OPERARIAS DO RIO, DOS ESTADOS DO CHILE E DA AMÉRICA DO NORTE

OS MANIFESTANTES PERCORERAM A AVENIDA RIO BRANCO, NUM CORTEJO SENSACIONAL, E SE REUNIRAM NA SÉDE DO CONGRESSO OPERÁRIO NACIONAL, ONDE SE REALIZOU UMA Sessão

Manchete noticiando

O 1º de Maio de 1929 alcançou, com a participação de marinheiros de outros países de passagem pelo Rio, êxito surpreendente. A concentração terminou em entusiástica passeada pela Avenida. A imprensa burguesa não pôde silenciar. O fac-símile reproduz a primeira página do «Diário Carioca» do dia seguinte

RIO, 1929: 1º DE MAIO

Bandeiras Vermelhas Desfilam na Avenida

A 1º de Maio de 1929, noticiando as comemorações operárias que se realizaram na Praça Mauá, o «Diário Carioca» publicava: «Comemorando o 1º de maio, os trabalhadores brasileiros juntaram o seu protesto ao brado de revolta dos obreiros de todas as nações, onde a classe operária sofre as consequências de uma grande pressão econômica e política».

Não ficou por aí o jornal, que não se limitou a aceitar, com essas palavras, a existência da exploração do homem pelo homem, com a divisão do mundo em classes. As comemorações do 1º de Maio tiveram honras de primeira página, com clichês de cinco colunas. Num desses clichês, um flagrante do discurso do intendente Minervino de Oliveira, do Bloco Operário e Camponês, ao pé da estátua de Mauá. Noutros clichês eram reproduzidas faixas, com estrêlas vermelhas, a faice e o martelo. «Pela vitória dos grevistas gráficos de São Paulo», dizia uma faixa. Com efeito, em São Paulo, na ocasião, havia uma grande greve de gráficos.

Expressão de um protesto

Segundo orientação liberal, filiado à corrente que depois, em novembro de 1930, derrubaria o governo reacionário de Washington Luis, o «Diário Carioca», em 1929, exprimia o protesto de grande parcela de nosso povo, desejava de lutar pela melhoria das instituições democráticas. E o tom obreirista no noticiário de primeiro de maio, nas colunas de um jornal burguês? Esse fato poderia ser explicado pela presença, na direção técnica do jornal, de figuras como as de Leonidas de Rezende, Osório Borba, Sady Garibaldi e Benjamin Cabello, todos homens de esquerda, alguns filiados ao Partido Comunista. O contrôlo dos verdadeiros donos do «Diário Carioca» nunca foi muito rígido, muito menos em seus primeiros anos de existência de jornal desejoso de consolidar seu prestígio popular, através de uma orientação democrática

A grande data universal

Na edição de 1º de Maio de 1929, o jornal trazia esta manchete, em toda a largura de sua primeira página: «A grande data do proletariado Universal». No centro da página, uma bela gravura de Di Cavalcanti: um operário, partindo os grilhões da opressão capitalista, com o punho direito fechado, no gesto da velha saudação comunista. No pé da página, uma mensagem de Maurício de Lacerda ao proletariado, onde se lia: «A batalha travada vai se desenvolvendo com os maiores riscos e as mais duras provações para os que ousaram contrapor as reivindicações supremas do seu espírito à consciência obscura dos retardados morais que exploram o governo do Brasil. Os operários, como os revolucionários políticos, têm aprendido mais com os reveses do que com os próprios livros».

Um comunicado convocava para a tarde desse primeiro de maio os trabalhadores. Em nome da C.G.T., firmava-o o intendente Minervino de Oliveira; em nome da F.S.R., Roberto Moreira (pseudônimo de Roberto Morena); pelo Comitê de Mulheres, Laura Silva (pseudônimo de Laura Brandão); pelo Partido do Proletariado (Partido Comunista), Sady Garibaldi.

Ainda nessa edição preparatória do comício, um protesto do Bloco Operário e Camponês contra a prisão, pela polícia, «lacaia fiel e serva da burguesia», dos militantes Joaquim Nepomuceno, Jaime Ferreira e Altamiro dos Santos, que distribuíam volantes sobre o 1º de Maio.

A notícia

Na edição de 2 de maio, noticiava o «Diário Carioca»:

«Decorreram animadíssimas as comemorações do 1º de Maio. Reuniram-se na Praça Mauá mais de dez mil pessoas. Falaram representantes de organizações operárias do Rio, dos Estados, do Chile e da América do Norte. Os manifestantes percorreram a Avenida Rio Branco, num cortejo numeroso, recolhendo-se em seguida à sede do Congresso Operário Nacional, onde se realizou uma sessão.»

A notícia tomava toda a primeira página e em sua introdução havia essa apreciação que refletia a opinião do próprio «Diário Carioca»:

«Nega o governo aos trabalhadores o cumprimento das leis que os beneficiam, como sucede à lei de férias. Nega o direito de greve. Verificam-se

duzentas prisões de gráficos em São Paulo. Trabalhadores são espancados por ordem do delegado Ibrahim Nobre».

As ligações do governo Washington Luis com o imperialismo foram mencionadas através da denúncia do «região» e dos empréstimos externos cada vez mais nos amarrando aos cofres dos banqueiros de Londres e de Nova Iorque».

A Praça Mauá

Voltemos ao noticiário do comício: «Uma grande bandeira vermelha com a faice e o martelo era o estandarte do Centro de Cultura dos Jovens Proletários do Brasil. No pedestal da estátua de Mauá tremulavam diversas bandeiras vermelhas, representando as organizações obreiras. De bordo dos navios atracados no cais vários trabalhadores vieram aderir ao comício. Entre eles, vestindo uma blusa cáqui, um tipo de atleta dirigiu-se aos promotores do «meeting», pedindo permissão para falar. Era um representante da «Industries Workers World», dos Estados Unidos. Acompanhava-o um outro marítimo, de nacionalidade chilena, representando a «Federación General del Trabajo» do Chile. O chileno serviu de intérprete ao americano, depois de falar em nome de seus companheiros do Chile. Num e noutro discurso, quase as mesmas palavras de ordem, os mesmos protestos ouvidos anteriormente, com sotaque de trabalhadores nortistas, com o acento espanholado dos representantes do Rio Grande do Sul.»

O desfile apoteótico

«Encerrado o comício — continua o «Diário Carioca» — o povo assistiu a um espetáculo que há dez anos o Rio não observava: um desfile de 1º de Maio, num cortejo de cerca de dez mil pessoas, à frente bandeiras vermelhas e uma banda de música tocando o hino dos trabalhadores, a «Internacional», que a massa acompanhava cantando.»

Moção do PCB

Antes do desfile Sady Garibaldi leu, do pedestal da estátua de Mauá, uma saudação do Partido Comunista do Brasil. «De todos os países irrompem as vagas espontâneas de greves — dizia a mensagem. Cabe a nós, da vanguarda revolucionária do proletariado do Brasil, que é uma parcela do proletariado internacional, medir bem nossa responsabilidade, traçar diretivas seguras, coordenando e consolidando as forças proletárias».

E noutro trecho: «Tudo que tendes aí em matéria de organização de massas, trabalhadores, é obra de nosso Partido, do Partido Comunista, orientado pelos ensinamentos de Marx e Lenine. Ajudado pela experiência internacional do proletariado, êle vos guiará seguramente para a vitória».

O imperialismo presente

O documento dizia: «O imperialismo anglo-americano tem os olhos em nós. Ele adivinha, com o seu faro desenvolvido, que este país semicolonial, de imenso território, abriga em seu seio contradições múltiplas, que o levarão a uma conjuntura revolucionária e farão dele o teatro de lutas formidáveis».

Quando se fazia a leitura desse trecho um popular apontou para o edifício da «A Noite», ainda em construção. No terceiro andar postavam-se, entre tábuas de andaimes, engenheiros americanos, que apreciavam com muito interesse o comício. Começaram então a ser ouvidos brados de protesto contra os ausentes. Essas manifestações em pouco tempo se tornaram hostis e os americanos, prudentemente, mudaram seu palanque do terceiro para outro andar muito mais alto.

A mensagem terminava com vivas à Internacional Comunista, ao Partido Comunista do Brasil e à Confederação Geral do Trabalho. Era assinada pelo Presidium do Partido Comunista do Brasil.

Repercussões

Tendo lido essa inflamada edição de seu jornal, saíra à sua revelia, o sr. Macedo Soares foi a redação e irônicamente observou, sem contudo perder o bom-humor:

— Gostei muito do número da «Pravda» de hoje.

Enquanto isso o sr. Chateaubriand chamava a seu gabinete o secretário da redação do «O Jornal» e reclamava, muito irritado:

— Veja essa primeira página do «Diário Carioca!» Que bonita reportagem, que belo serviço fotográfico! Nós aqui demos uma pequena notícia, perdida numa página de dentro. Vocês, na redação não compreenderam a importância jornalística de um acontecimento desses, um desfile comunista na Avenida Rio Branco, com banda de música e bandeiras vermelhas!

NOVOS RUMOS

Praça Quinze - Antes e Depois

Muita gente está pretendendo dividir em dois períodos a vida do país, como no conto de Machado de Assis, sobre o funcionário cujo sonho era ser chefe, e que conseguiu sê-lo, embora interinamente, passando a dividir a sua vida em duas fases, antes e depois da interinidade. Antes de Brasília e depois de Brasília. Antes do Estado da Guanabara e depois do Estado da Guanabara. Mas não é assim que o tempo é dividido na história. E não será Brasília, com as suas promessas de felicidade, que servirá de marco histórico à vida do povo brasileiro. Lá, dizem, todas as crianças terão escolas, todas as famílias terão ensos, todos os homens terão alegrias. Será? Não podemos crer numa ilha da perfeita felicidade, em meio às necessidades gerais de educação, de moradia, de assistência médica, de terra, de aproveitamento da mão-de-obra e até da necessidade de sobrevivência da maioria da população. É anticientífico. Precisamos compreender, sem falsas emoções, que Brasília é a nova Capital e mais uma grande cidade. É com uma nova Capital, no interior, por razões que vêm sendo discutidas desde o tempo do império. É muito positivo a construção de uma nova e grande cidade, também no interior, ligada por estradas a outros centros distantes, como fator de desenvolvimento. Mas modificaram-se, por acaso, as relações de produção? Houve modificações fundamentais na estrutura econômica do país? Construiu-se uma grande cidade, com o sacrifício de muitos. Foi colocada uma nova estrêla, a do Estado da Guanabara, na bandeira nacional. E é só.

Alinhavo êsses pensamentos ao encontrar a Praça XV tal como era antes do dia 21 de abril. Continua a Praça XV a avenida inacabada. Continuam as filas de pés torcidos nos buracos e de pernas salpicadas de lama. Continua o mesmo espetáculo degradante de todas as noites, oferecido por um grupo que pede esmolas. Uma senhora de idade, cega, conduzida por outra em adiantado estado de gravidez, que leva nos braços uma criança pequena, seguidas por duas outras crianças, que se encarregam da coleta de níqueis. O menino nem sabe falar. Emite uns sons que não se chega a entender se são gemidos, soluços, imprecações ou súplicas. Talvez seja tudo isso. Construíram-se tantos palácios e essa gente não tem onde morar! Realizaram-se tantas festas e solenidades e essa gente não tem a menor noção de beleza! Só conhece a degradação, que é mais dolorosa, ainda, porque lhe é distribuída em forma de caridade. Que lhe importa Brasília, o Estado da Guanabara, a nova estrêla na bandeira nacional, as notícias que correm mundo, as bênçãos do Papa, as promessas de felicidade? Por acaso, tudo isso modificou a miséria em que vive?

O grupo está todas as noites na Praça XV: uma velha cega, uma senhora grávida e três crianças de idades indefinidas, pedindo esmolas, no horário das grandes filas.

Ainda não é Brasília, como vocês vêem, que dividirá a história do Brasil em dois períodos. Mas o sr. Sete Câmara prometeu, solenemente, fazer um governo justo no Estado da Guanabara. Esperemos, de todo o coração, que essa justiça alcance, já não digo os subúrbios, mas, pelo menos, a Praça XV.

Ana Montenegro

Jânio Conspirou em 1955 Com o Clube da Lanterna

Reportagem de ALMIR MATOS

Não são de hoje as ligações do sr. Jânio Quadros com o Clube da Lanterna — com Carlos Lacerda, Juarez Távora, Menezes Côrtes, Eduardo Gomes, Afonso Arinos e, de contrapés, o integralista Pena Boto. Embora ele escondia, foi sempre com essa gente que o «our boy» da Standard Oil, desde que assumiu a Prefeitura de S. Paulo, se entendeu, fez política e conspirou contra os interesses do povo brasileiro. Em 1954, pouco antes do golpe que levaria ao suicídio o Presidente Vargas, Jânio já aparecia sorridente, de vassoura em punho, ao lado de Otávio Mangabeira e Carlos Lacerda. Apoiou o Governo lanterneiro de Café Filho, com o qual acertou, em troca de escandalosos favores, a candidatura golpista de Juarez Távora. Participou ativamente na conjura de novembro de 1955, apoiando em seguida a chamada batalha judiciária, através da qual a UDN e o Clube da Lanterna, tendo sido esmagado o golpe, pretendiam impedir a posse dos candidatos eleitos — Juscelino e Jango.

Agora o sr. Jânio Quadros se diz defensor da legalidade e, com hipócrita humildade, se declara disposto a submeter-se à vontade que o povo manifestar nas urnas. Exatamente o contrário do que dizia e fazia em novembro e dezembro de 1955.

É que vamos mostrar nesta reportagem: o golpista Jânio Quadros pondo-se a serviço do Clube da Lanterna para fazer de São Paulo a base política e militar de um golpe cujo objetivo era implantar no Brasil uma ditadura terrorista, como a do finado Batista em Cuba ou a do quase finado Stroessner no Paraguai.

Antes de o «Tamandaré» levantar ferros e zarpar na direção de Santos, na manhã de 11 de novembro de 1955, o seu então comandante Silvio Heck, ouvira de Bulcão Viana, comandante dos Portos em Santos, por telefone, a confirmação de que o governador Jânio Quadros reiterara a sua solidariedade ao movimento golpista e já havia tomado todas as providências necessárias a fim de acolher em São Paulo o «Governo federal».

«Governo federal» significava, no caso, o bando de golpistas que, derrotados no Rio, transformaram o velho cruzador em República Flutuante e fugiam desabaladamente para São Paulo: Carlos Luz, Carlos Lacerda, Pena Boto, Amorim do Vale, Prado Kelly e outros valentes lanterneiros.

Outra chefe da conspiração, o brigadeiro Eduardo Gomes, dirigia-se no mesmo instante também para São Paulo, comandando um grupo de aviões da FAB. Seu destino, traçado antecipadamente, era a Base Aérea de Cumbica. Pensava fazer junção, logo em seguida, com unidades da Marinha em Santos.

O plano era converter São Paulo em base para uma ação militar contra o governo legal de Nereu Ramos e desencadear, assim, uma sangrenta guerra fratricida. Fracassou a estratégia, por dois motivos: a resistência das forças democráticas e do povo paulista e a prontidão com que agiu o general Olímpio Falconieri, assumindo o comando da 2ª Região, ocupando a base de Cumbica e tomando medidas para o desembarque de tropas em Santos.

O fracasso do plano foi também um fracasso de Jânio.

Jânio prera

As providências de Jânio para a instalar em São Paulo a sede da ditadura, a que se referia o comandante Bulcão Viana, vinham sendo tomadas muito antes do dia 11. Para ganhar espaço, enumeremos algumas, resumidamente:

- a preparação psicológica do povo paulista para uma solução extralegal, caso fosse derrotada a candidatura Juarez. Falando num comício em Santos, Jânio advertiu, sem meios palavras: «Agiremos com mão de ferro»;
- as confabulações secretas com Juarez na cidade balneária de Guarujá e, em seguida, nos Campos Elísios;
- a publicação do ignóbil «relatório do DOPS», redigido pelo policial Ribeiro de Andrade e exaltado publicamente por Jânio, em que eram feitas as mais grosseiras provocações contra os candidatos Juscelino e Jango;
- a tática de agravar deliberadamente os problemas sentidos pelo povo (sabotagem dos serviços de água e esgotos e do transporte urbano, ameaças de incêndio pelo Corpo de Bombeiros, etc), além do aquecimento

da crise entre o Estado e a Prefeitura de São Paulo, com o propósito de levar a população ao desespero e aceitar facilmente uma solução «salvadora»;

• ataques sistemáticos às organizações sindicais e à imprensa democrática, visando esmagar a resistência do povo ao golpe;

• mensagem à Assembléia Legislativa pedindo o aumento do efetivo da Força Pública do Estado de 16.500 para 34.500 homens.

Jânio executa

Perfeitamente identificada com os golpistas, tratava-se já no dia 11 de novembro, de assegurar aos seus comparsas as condições para — tendo São Paulo por base — desencadear a guerra civil que os trustes norte-americanos esperavam.

Lembremos algumas das medidas adotadas por Jânio:

- autorização para que as forças militares dos golpistas se concentrassem em São Paulo;
- conferência, nos Campos Elísios, com Eduardo Gomes, assim que este chegou ao Estado;
- conchavo com os generais golpistas Tasso Tino e Honorato Pradel na 1.ª G. da 2ª Divisão de Infantaria — surpreendido pelo general Levy Cardoso — do qual resultou a nota do general Tasso e brigadeiro Ivo Borges conclamando as tropas a resistirem ao governo legal de Nereu Ramos. Esta nota foi escrita em papel timbrado da Secretaria de Segurança de São Paulo e distribuída à imprensa por funcionários do DOPS;
- ordem à Força Pública para cavar trincheiras e colocar ninhos de metralhadoras nos pontos de acesso à capital e em ruas e praças da cidade;
- ordem a unidades da Força Pública de se deslocarem para Santos a fim de garantir o desembarque da «República flutuante», o que só não se verificou devido à pronta ação do general Stênio Caio de Albuquerque;

• ocupação militar da capital por soldados da Força Pública e policiais do DOPS a fim de impedir que o povo paulista manifestasse sua solidariedade ao governo Nereu-Lott.

• ocupação de sindicatos, violências contra a imprensa e proibição de «manifestações públicas de qualquer natureza», instaurando em São Paulo o terror que os golpistas queriam implantar em todo o país;

• relutância, mesmo depois da derrota, em reconhecer o governo constitucional, ao contrário do que fez a Assembléia Legislativa do Estado.

Jânio não vacilou na tentativa de arrastar o país à beira de uma luta criminosa, na qual o sangue dos brasileiros seria derramado em proveito exclusivo dos trustes ianuas.

Jânio insiste

Frustrado o golpe udeno-lanterneiro e preservada a legalidade constitucional, Jânio jamais deixou de conspirar com os seus antigos parceiros. A sua atual campanha eleitoral tem sido caracterizada por Carlos Lacerda nos mesmos termos em que era apresentada a candidatura de Juarez: «A revolução (isto é, o golpe) pelo voto». E o que ela é, na verdade, é um prolongamento da conjura de 1955. Os lemas são os mesmos. A base política é a mesma. Os adversários são os mesmos. E são os mesmos também os comparsas: Carlos Lacerda, Juarez, Eduardo Gomes, Prado Kelly, Pena Boto, Mangabeira, Afonso Arinos, Menezes Côrtes, Mamede, os heróis melancólicos de Aragarças — nada de novo.

Só as datas serão diferentes: em 1955 a derrota foi a 11 de novembro, em 1960 será a 3 de outubro.



O capa preta do golpe

Apesar de se cobrir com uma capa preta, a criminosa participação de Jânio na conjura de novembro de 1955 não pôde ser escondida. O comparsa de Carlos Lacerda fez tudo para converter São Paulo na base da ditadura pretendida pelo Clube da Lanterna.

NOVOS RUMOS

ANO II Rio de Janeiro, semana de 29 de abril a 5 de maio de 1960

Nº 61



Fantasiando-se de santo e insistindo na ridícula impostura de se dizer «esquerdistas», a verdade é que Jânio Quadros sempre esteve ao lado de Carlos Lacerda e do Clube da Lanterna em todos os momentos cruciais da luta de nosso povo pela independência e as liberdades. Assim foi, por exemplo, em novembro de 1955, quando o bando lanterneiro que empolgara o poder com o suicídio de Vargas pretendia, através de um golpe, impedir a posse dos candidatos eleitos e implantar uma ditadura terrorista, com Lacerda, Eduardo Gomes, Juarez, Menezes Côrtes e outros lanterneiros à frente. Jânio abriu as portas de São Paulo aos golpistas, só não conseguindo desencadear uma guerra fratricida devido à resistência das massas populares e da oficialidade patriótica do Exército.



Batalha democrática

No mesmo tempo que o sr. Jânio Quadros conspirava com os golpistas, o Parlamento travava a batalha para assegurar a sobrevivência da democracia no país. Duas posições distintas, a revelar o caráter do homem que hoje tenta alcançar a presidência. No 11 de novembro o governador de São Paulo preparava um verdadeiro banho de sangue, aprisionando dirigentes sindicais que deveriam ser executados se o golpe terminasse vitorioso.

A placidez burocrática em que vinha modorrando há dois anos o Grupo de Trabalho sobre a Expansão das Exportações de Minério de Ferro (Conselho de Desenvolvimento) foi bruscamente quebrada. Em plena semana santa, na quarta-feira, um ofício vindo de outro Conselho, e de Segurança Nacional, obrigou a que se reunissem às pressas os componentes do Grupo de Trabalho para examinar matéria urgente: o projeto da «Hanna Co.» para extração e exploração do minério de ferro de Morro Velho, e do vale do Paraopeba.

Autores do projeto: **Roberto Campos** e **Miguel Osório**;

Consultor técnico: **Lucas Lopes**. Quando dizíamos que essa gente não bota prego sem estopa, não afirmávamos mais que a verdade. Agora, ai está. Os dois famosos entreguistas e mais outra pequena vestal entreguista, pondo de lado a folha de parreira, aparecem finalmente de público como dois autênticos serviços de um truste norte-americano — a «Hanna Co.»

Também não pode passar despercebido o estranho fato do Conselho de Segurança Nacional manifestar tanto interesse pelo incremento da exportação de minérios, no momento em que pelo menos três trustes estrangeiros afiam as garras e se preparam para dar o bote contra o país.

O "segrêdo"

Nos meios a cujo cargo está afeta a elaboração da política de minérios do país, impera um argumento singular, segundo o qual o Brasil entrou com atraso no mercado mundial de minérios. Para conseguir ampliar sua exportação, deve atrair a participação de capitais dos países importadores. Referindo-se a países que teriam conseguido grandes êxitos com as exportações de ferro, escrevia, há dias, «O Estado de S Paulo»: «O segrêdo» desses países consiste em se terem ligado a um grande país consumidor.»

Preconiza-se, desse modo, o investimento estrangeiro numa atividade típica da economia colonial. Isto é, na extração de minérios. Além disso, só um entreguista pode ver vantagens na associação do vendedor ao comprador, passando este último a dupla condição de comprador e vendedor... Se já agora os grandes trustes do ferro e do aço ditam e aviltam os preços do minério, que não sucederá

"RUSH" IMPERIALISTA CONTRA O FERRO BRASILEIRO

Lucas e Roberto Campos São Agentes da "Hanna"!

quando esses mesmos trustes tiverem a possibilidade de «vender» a si mesmos?

"Rush" imperialista

E, porém, à sombra dessa alegação que se processa a ofensiva imperialista contra o minério de ferro no Brasil. E é também à sombra, nos bastidores, que se vem travando uma luta surda entre duas empresas imperialistas — a «Hanna Co.», norte-americana e a «Ferrosstaal», alemã —, enquanto um outro truste norte-americano, o grupo Cleveland-Rockefeller, está na iminência de apoderar-se da Companhia Vale do Rio Doce.

"Hanna" versos "Ferrosstaal"

Para conseguir a realização do seu projeto, a «Hanna» não se limitou a mobilizar os Lucas Lopes e Roberto Campos, nem a providenciar uma reunião urgente do Grupo de Trabalho. E que, não tendo ainda obtido autorização (concessão) para explorar o minério de ferro de Morro Velho, a «Hanna» lançou em campo outra diligente figura, o Oton Leonardos, que já ocupou lugar de realce na fauna entreguista nacional. Até o momento em que redigimos estas notas, a concessão ainda não havia sido dada e o Leonardos continuava em sua febril advocacia administrativa.

Sucede que o projeto da «Hanna» prevê a exploração das jazidas de Morro Velho e de jazidas particulares do vale do Paraopeba, que, anteriormente, figuravam no projeto da «Ferrosstaal»...

Mesmo que a disputa entre os trustes não chegue ao «gangsterismo» — como entre os «gentlemen» —, como entre os «gentlemen» — mr. Frawley (americano) e o barão van Der Elst, (belga) em torno da empresa de diamantes «Interamerican Mining Co.» —, mesmo que não tenha um desfecho tão cruento, o certo é que a luta está em curso...

Um perigo maior

Perigo ainda maior, no setor dos minérios, é o que pesa sobre a Cia. Vale do Rio Doce, empresa mista com grande maioria de capitais públicos. É que, encastelados na direção da empresa, entreguistas estão tramando a sua entrega pura e simples a um conhecido amigo do sr. Jânio Quadros: Nelson Rockefeller. Com efeito, está em exame — podemos acrescentar: em fase avançada de elaboração — um projeto de associação da CVRD com o grupo norte-americano Cleveland-Rockefeller. Segundo esse projeto, passariam para os monopolistas norte-americanos 49 por cento das ações da Cia. Vale do Rio Doce e, além disso, seria assinado um contrato de administração da empresa a longo prazo para exploração e beneficiamento de Itabirito (minério de ferro), inclusive com a possibilidade de controle sobre a «Acesita». Esta última empresa, que fabrica aços especiais, acha-se em poder do governo, através do Banco do Brasil que assumiu seu patrimônio.

Habitualmente, os entreguistas

defendem a entrega de empresas estatais ao capital estrangeiro, alegando que o Estado é mau administrador e tais empresas são um peso para o país. No que toca, porém, à CVRD, dá-se o oposto. Segundo o último relatório da diretoria sobre as atividades da empresa, esta assinalou, em 1959, excelentes resultados. A extração de minérios passou de menos de 2,8 milhões de toneladas, em 1958, para quase 4,5 milhões de toneladas, em 1959. Os lucros somaram 1,4 bilhões de cruzeiros, em 1959, constituindo pouco menos de um terço do total dos lucros auferidos pela CVRD em 12 anos (de 1948 a 1959). As ações ordinárias, pertencentes ao Tesouro Nacional, receberam agora um dividendo de 7 por cento, enquanto as ações preferenciais, nominativas e ao portador receberam 13 por cento.

No mercado de valores, as ações da CVRD apresentam-se em excelente posição.

Por que, pois, entregar a companhia a Rockefeller? Não é, além disso, profundamente estranho que tal pretensão ocorra justamente quando a empresa está em sólida situação e quando suas perspectivas são melhores do que nunca?

O capital da Companhia Vale do Rio Doce é constituído por 2,6 milhões de ações, distribuídas entre o Tesouro Nacional, autarquias e particulares. A parte destes últimos é de 242.084 ações, isto é, sete por cento do total. Dessa forma, com 49 por cento das ações, Rockefeller teria o controle absoluto e indisputado da empresa.

Açodamento

A entrega da Companhia Vale do Rio Doce a Rockefeller está sendo apressada ao máximo, de tal modo que seja um fato consumado antes da posse do novo presidente da República. Sabem os entreguistas

que Lott não permitiria tal operação. Ao mesmo tempo, na remota hipótese da vitória de Jânio, seria este poupado da dificuldade de apresentar-se desde cedo como um serviçal de Rockefeller.

Por isso é que a firma norte-americana Kellogg está trabalhando em regime de urgência nos projetos da usina de ferro-esponja de Itabirito, empresa que seria montada pela associação espúria da CVRD com Rockefeller.

Como se vê, a ameaça é iminente.

Para que?

E para que tudo isso? Para ampliar as exportações brasileiras de minérios, respondem. Entretanto, para se ver o quanto há de fantasia, e ao mesmo tempo de entreguismo, em tais projetos, basta dizer que se fossem todos realizados, o Brasil estaria em condições de exportar, em três anos, 30 milhões de toneladas, quando em 1959 não conseguiu exportar sequer 4 milhões...

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Gráficas do Rio de Janeiro

Sede própria: Av. Presid. Vargas, 529 — 9º andar — Tel. 43-19-11

No transcurso da gloriosa data de 1º de Maio, a Diretoria do STIGRJ reverencia a memória dos bravos de Chicago e saúda a Classe Gráfica e todos os trabalhadores em geral, reafirmando sua convicção num futuro melhor para as classes obreiras, como consequência de sua unidade e das lutas que vêm sustentando em prol de seus direitos.

Rio de Janeiro, 30 de abril de 1960
Pela Diretoria — Giovanni Francisco Amadeo Romita — Presidente

Sindicato dos Oficiais Marceneiros e Trabalhadores nas Indústrias de Serrarias e de Móveis de Madeira do Rio de Janeiro

Sede própria: Rua Camerino, 128 — 3º andar — Tel. 43-9567

SALVE 1º DE MAIO

Comemorando a data histórica do proletariado, saudamos em nome dos trabalhadores nas indústrias de móveis, serrarias e carpintarias do Estado da Guanabara, a todos os que lutam pela paz, pelo desarmamento e pela unidade indestrutível dos trabalhadores e dos povos do mundo.

Viva a unidade internacional da classe operária!
Pela Diretoria: José Amaral de Menezes — Presidente

Sindicato dos Oficiais Alfaiates, Costureiras e Trabalhadores nas Indústrias de Confeccões de Roupas e de Chapéus de Senhoras do Rio de Janeiro.

Sede própria — Rua Camerino, 128 — 6º e 7º andar — Tel. 43-7413

1º de Maio

No transcurso de mais um aniversário da data histórica do proletariado mundial, saudamos o trabalhador brasileiro em geral e, em particular os nossos companheiros e companheiras da indústria do vestuário e conceitamos a que se unam, ingressem e fortaleçam o nosso glorioso sindicato.

Salve o 1º de Maio
Pela Diretoria
Adauro Rodrigues

Associação dos Comissários da Marinha Mercante

Por motivo da passagem do 1º de Maio, data internacional dos trabalhadores, a Associação dos Comissários da Marinha Mercante saúda os seus associados e os trabalhadores brasileiros em geral, fazendo votos para que sob a bandeira da paz e do progresso a nossa Pátria se desenvolva e os trabalhadores conquistem dias mais felizes.

A Diretoria

Dicionário

Subfaturamento (2)

Também a falsificação de mercadorias verificou-se a fraude cambial do subfaturamento. Não se trata, aqui, de desvalorizar a mercadoria, como no caso do café, que mencionamos nesta edição no número anterior. Outras são as razões e outros os processos, no caso do subfaturamento das importações. Segundo a lei de tarifas, as importações brasileiras são feitas 1) mediante o curso no SUDOC, obtendo o importador uma certa quantidade de dólares a câmbio favorecido; 2) mediante a compra nos leilões de câmbio, até em limite de 50 mil dólares por leilão; e 3) sem cobertura cambial (máquinas e outros equipamentos, principalmente). Mas, a lei não permite que as importações sejam feitas pelo mercado livre de câmbio, onde as moedas podem ser obtidas por preços sensivelmente inferiores aos dos leilões de câmbio.

Tomemos um exemplo, para melhor compreensão: o fabricante X tem necessidade de determinada matéria-prima importada, que lhe custaria, digamos, cinco mil dólares. Para adquiri-la, o fabricante terá que ir a leilão e pagar, por dólar, cerca de 210 cruzeiros (categoria geral) e cerca de 450 cruzeiros (categoria especial). No primeiro caso, que compreende as importações consideradas mais essenciais o importador teria que despendir um milhão e cinquenta mil cruzeiros no segundo, que compreende importações menos essenciais, mas ainda assim necessárias para numerosas indústrias, o fabricante teria que comprar os cinco mil dólares por dois milhões duzentos e cinquenta mil cruzeiros.

Como é feita a burla? O importador, que precisa de cinco mil dólares para adquirir a mercadoria, compra no leilão de câmbio apenas três mil, suponhamos. E, estabelecida a combinação entre o exportador, a mercadoria vem faturada por três mil dólares, pagos regular e legalmente ao exportador. Resta, porém, uma diferença entre o preço faturado, de três mil dólares, e o valor da mercadoria, de cinco mil dólares. Essa diferença de dois mil dólares é retirada do mercado livre — apesar da proibição das importações por essa via — e remetida através de escrituras ou outros meios ao exportador, fora do país. No câmbio livre, esses dois mil dólares estarão à cotação atual cerca de 330 mil cruzeiros. De tal modo, o dispêndio total em cruzeiros feito pelo importador seria no primeiro caso (categoria geral) de Cr\$ 1.910 mil e na segunda categoria (categoria especial) em vez dos Cr\$ 2.250 mil cruzeiros, nada mais que Cr\$ 1.730 mil cruzeiros.

Portanto, com um dispêndio menor em cruzeiros, o subfaturamento, o fabricante X teria os mesmos cinco mil dólares de matéria-prima importada.

Concurso da Rádio Moscou

A Rádio Moscou transmite, diariamente para o Brasil, de 19 às 21 horas (hora do Rio de Janeiro), na faixa de 25 metros, nas frequências e comprimentos de ondas de:

- 11,75 megacíclos (25,93 metros)
 - 11,87 megacíclos (25,27 metros)
 - 11,92 megacíclos (25,17 metros)
- e na faixa de 21 metros, nas frequências e comprimentos de ondas de:
- 9,43 megacíclos (31,15 metros)
 - 9,80 megacíclos (30,61 metros)

CONCURSO
Todas as quartas-feiras, às 20,30 horas, é transmitido um programa especial (Rádio Universidade), com interessante concurso e distribuição de prêmios.

AOS FERROVIÁRIOS

A Federação Nacional dos Trabalhadores Ferroviários, na data magna consagrada universalmente aos trabalhadores, saúda os ferroviários brasileiros e suas respectivas famílias, augurando votos de paz e concórdia no seio da classe, para a conquista de todas as suas justas reivindicações.

Salve 1º de Maio de 1960

A Diretoria:

- Raphael Martinelli — Presidente
- Geraldo da Costa Mattos — Secretário-Geral
- Alcyr Pignatti — Tesoureiro-Geral.

Conselho fiscal:

- José Galdino Jorge da Silva
- Elpidio de Oliveira Camargo
- Saturnino Gomes de Oliveira.

Federação Nacional Dos Estivadores

MENSAGEM

Nesta data em que todos Trabalhadores do Mundo, comemoram o grande feito dos Mártires de Chicago, que com o Sacrificio de sua própria vida reivindicaram o direito de oito horas de trabalho diário a FEDERAÇÃO NACIONAL DOS ESTIVADORES, pela sua Diretoria em nome dos ESTIVADORES DO BRASIL, vem de público manifestar a sua alegria, juntando-se às comemorações, e hipotecar irrestrito apoio às lutas sindicalistas, assim como reafirmar nesta oportunidade aos ESTIVADORES de todos os Portos, a necessidade de nesta data Histórica de Sacrificio e de lutas, unirmo-nos pela conquista de nossas reivindicações.

Salve 1º de Maio de 1960

- Oswaldo Pacheco da Silva — Presidente
- Eufraziano Nunes Galvão — Secretário
- Miguel Freire da Silva — Tesoureiro.

Nota Econômica Reivindicação Inaceitável

Os fazendeiros e exportadores de café já disputaram as primeiras salvas na batalha que será travada em torno da próxima safra. A 1ª de julho começará o ano comercial de 1960-1961 e os fazendeiros e exportadores, com todos os seus argumentos, pretendem a elevação do chamado dólar-café, atualmente fixado em 76 cruzeiros. Tal pretensão apoia-se em dois argumentos principais: de um lado, a elevação geral do custo das utilidades e de outro a circunstância de que, supostamente, teríamos em 1960-1961 uma safra reduzida. Quando pediram o aumento do dólar-café para a safra em curso, do que resultou o esquema de compra de toda a safra pelo IBC nas bases vigentes, os homens do café estimavam o total da safra em 30 milhões de sacas. De fato, a safra chegou aos 42 milhões e com esse pequeno golpe, conseguiram eles que o governo pagasse a uma média de 2.100 cruzeiros por saca não os 30 milhões previstos, mas os 42 milhões, realmente colhidos. A política oficial de aquisição de todo o café produzido no país, que vem da safra de 1954-1955, conduziu a que, a 30 de junho de 1959, segundo dados oficiais do IBC, o governo tivesse comprado e em estoque nada menos de 246 milhões de sacas, com a consequente imobilização de 50,4 bilhões de cruzeiros, aproximadamente. Da safra atual (1959-1960), de 42 milhões de sacas, estima-se que serão exportados, no máximo, uns 17 milhões e consumidos no país cerca de 5 milhões. Assim, a 30 de junho próximo, aos 246 milhões já estoçados, virão mais outros 20 milhões da atual safra, num total de 44 milhões de sacas em estoque. O capital imobilizado pelo governo eleva-se a aproximadamente 80 bilhões de cruzeiros, de acordo com o esquema oficial.

Nenhuma outra fator interno da economia nacional contribui de modo mais brutal para o agravamento da inflação do que essa política do café. Es, portanto, essa política consiste em dar mais cruzeiros aos fazendeiros e ex-

portadores (geralmente através de emissões moedas), na medida em que os monopólios fazendeiros — nos quais estão ligados os principais exportadores e muitos intermediários — reduzem os preços do produto. Tal política é chamada, com razão, de assalto às importações.

Pois e nesta situação que os fundos do café estão planejando mais cruzeiros por dólar de este ano. A alegação de que a safra será pequena e que a inflação do dólar-café, estimada há meses em 30 e 24 milhões de sacas, foi depois ampliada para 25 milhões de sacas, e já agora alguns fazendeiros consideram que a safra será superior a 30 milhões de sacas. De qualquer modo, estando a safra de 115 milhões de sacas, os outros fazendeiros, exportadores e o governo compra a safra de café por 2.100 cruzeiros, em vez dos 2.300 que em teoria vem pagando a produtor.

Não é difícil de perceber o impacto inflacionário que significaria tal aumento de quase 50 por cento nos preços do café em cruzeiros. De outro lado, a contradição inevitável seria uma ainda maior desvalorização das moedas em dólar, o que, aliás, já começou a ocorrer a nível nacional na reivindicação do aumento do dólar-café. A própria queda nos preços do café no exterior, que não se verifica, e que quer dizer menos dólares para os produtores essenciais, tem relação direta com a absurda pretensão dos donos do café.

Não é possível que continue sendo essa política que contraria os interesses do resto da nação, em benefício de um reduzido grupo de fazendeiros e exportadores. A. Forças nacionalistas e democráticas não devem deixar de si um importante front, no qual poderiam enfrentar o grupo de ação de todos os principais setores da economia nacional.

Tribuna de Debate

MAURICIO GABOIS

Duas Concepções, Duas Orientações Políticas

A economia Brasileira e os principais entraves ao seu desenvolvimento

O processo da industrialização do país

9. No período da segunda guerra mundial, devido a certa diminuição da pressão imperialista e às dificuldades de importação, tornou-se impulsionado o processo de industrialização. Este processo intensificou-se após o término do conflito mundial com a grande afluência de capital estrangeiro, resultante da redução do campo de investimento dos países imperialistas. Ao mesmo tempo que aumentavam as inversões estrangeiras, desenvolviam-se, também em grande escala, a participação do capital nacional no processo de industrialização do país.

A produção de aço, em particular depois da criação da usina siderúrgica de Volta Redonda, elevou-se rapidamente, atingindo em 1959 1.850.000 toneladas. Em 1945, a potência das usinas geradoras de eletricidade era de 1.320.000 KW enquanto que, em 1957, já atingia 3.444.000 Kw. A indústria de pneumáticos, quase inexistente antes da segunda guerra, produzia em 1951, 1.440.000 unidades e, em 1957, alcançava 1.986.000 unidades. Cresceu também a produção de cimento portland comum. Em 1945, era de 770.000 toneladas e, em 1959, orçava 3.750.000 toneladas. Neste período, surgiu uma série de novas indústrias, destacando-se as do petróleo e derivados, a do alumínio, estanho, etc. Mais recentemente, adquiriu um grande impulso a indústria de automóveis. No que se refere à indústria de bens de consumo, a produção nacional já abastecer quase todo o mercado interno.

Verifica-se, assim, um acentuado desenvolvimento econômico no país, o qual resulta, de uma parte, do crescimento do capital nacional e, de outra parte, do incremento, sem precedentes, das inversões de capital estrangeiro, principalmente norte-americano.

O Brasil, país subdesenvolvido

10. O desenvolvimento econômico, no entanto, não conseguiu modificar o caráter atrasado do país. O Brasil é um país subdesenvolvido e dependente. A sua renda per capita, em 1954, era de 160 dólares, enquanto a dos Estados Unidos era de 1841 dólares. O consumo energético per capita do Brasil é um dos mais baixos do mundo. Apesar do aumento da produção siderúrgica, o consumo brasileiro dessa produção é de 31 Kg, anuais, per capita, ao passo que em alguns países adiantados alcança 600 Kg. No que se refere à produtividade agrícola, seus índices são muito baixos. O Brasil produz 0,18 toneladas por hectare de algodão, quando os Estados Unidos obtêm 0,47. Mesmo na produção de café, é também baixa a produtividade. Enquanto a Colômbia obtém 5,45 toneladas por hectare, o Brasil consegue, apenas, 4,06. No comércio exterior o Brasil conserva as características coloniais do passado. A exportação ainda é constituída quase que totalmente de produtos agrícolas e extrativos, cabendo dois terços ao café.

A situação do Brasil como país subdesenvolvido se revela também pelos baixíssimos índices de alimentação, saúde e educação do povo. O consumo anual de carne per capita dos brasileiros não vai além de 23 kg. Menor ainda são os índices de consumo de leite, manteiga e ovos, razão por que o povo brasileiro se encontra no rol dos povos subalimentados. A mortalidade infantil no país é das mais elevadas do mundo. De cada 100 crianças que nascem, somente 40 chegam aos 15 anos. Na Argentina, 89 chegam a esta idade, e nos Estados Unidos, 93. Vinte por cento das crianças nascidas vivas morrem antes de atingir 1 ano de idade. No que diz respeito à educação, é reduziíssima a taxa de escolarização. De uma população de 12,5 milhões de crianças, entre 7 e 11 anos de idade, 7 milhões não frequentam escolas. E de uma população de 14 milhões de jovens, entre 11 e 18 anos de idade, apenas 950.000 estão nas escolas.

O domínio do imperialismo norte-americano no Brasil

11. A condição de país subdesenvolvido do Brasil é determinada, fundamentalmente, pelo domínio do imperialismo, em particular do norte-americano, e pelas sobrevivências feudais.

Os monopólios norte-americanos dominam setores básicos da economia nacional. Importantes ramos das indústrias encontram-se em mãos dos imperialistas ianques, tais como os da energia elétrica, automóveis, pneumáticos, vidro plano, produtos farmacêuticos, frigoríficos, etc. Controlam, também, juntamente com o grupo anglo-holandês, quase 100% do comércio atacadista do petróleo. As grandes reservas nacionais de ferro e de manganês, assim como de outros minerais, são exploradas pela United States Steel e a Bethlehem Steel. No comércio exterior, o capital monopolista dos Estados Unidos tem posição privilegiada, dominando a exportação de café, cacau, etc. Esta posição permite-lhe controlar

os principais produtos brasileiros no mercado internacional, cujos preços são por ele ditados. Os Estados Unidos compram matérias-primas e outros produtos a baixo preço e vendem seus artigos industriais por preços elevados, com graves danos para a economia nacional. Poderosos bancos norte-americanos, realizando as operações de depósito, empréstimos e financiamentos, exercem controle sobre importantes setores da economia nacional e facilitam a penetração imperialista.

Enquanto em 1946, as inversões diretas norte-americanas alcançavam 323 milhões de dólares, os investimentos públicos e privados dos Estados Unidos, atualmente, totalizam no Brasil, 2,5 bilhões de dólares, sem contar com os empréstimos das agências financeiras internacionais que estão subordinadas diretamente aos monopólios ianques. Os empréstimos norte-americanos, incluídos também os concedidos pelo Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento e pelo Fundo Monetário Internacional, representam mais de 70% dos empréstimos realizados pelo país no exterior. Tudo isto é um poderoso instrumento nas mãos dos imperialistas norte-americanos para explorar o povo brasileiro e para submeter o país à sua dominação.

Além do mais, o capital norte-americano, por sua atuação monopolista, coloca sob sua influência, ponderável parcela de capitais nacionais e se associa, também, a capitalistas brasileiros em empresas mistas. Os monopolistas dos Estados Unidos absorvem, assim, grande parte da renda nacional e consomem imensa parcela de divisas provenientes das exportações brasileiras. Parte dos lucros exportados, pelas empresas ianques não resultam das inversões vindas do exterior, mas dos reinvestimentos de capitais oriundos dos lucros obtidos por estas empresas no país.

Desta forma, o domínio imperialista norte-americano dificulta a acumulação interna de capitais, necessária ao desenvolvimento do país, e conduz a graves deformações na economia nacional. Por seu poderio, e contando com os favores oficiais, as empresas norte-americanas fazem séria concorrência à indústria nacional, opondo obstáculos a sua expansão e, em alguns setores, liquidando os empreendimentos nacionais. A exploração do imperialismo norte-americano freia consideravelmente o progresso do país e determina o agravamento das difíceis condições de vida das massas.

O imperialismo norte-americano saqueia o país, é o principal inimigo do povo brasileiro.

A penetração imperialista se faz, também, por outras potências. Cresce o volume de capitais alemães e japoneses que afluem ao Brasil, investidos, principalmente, em setores básicos da economia. Igualmente a França, embora em ritmo menor, aumenta sua aplicação de capitais. A Grã-Bretanha luta por conservar suas posições. Trava-se, deste modo, acirrada luta interimperialista no país. Mas os monopólios norte-americanos mantêm o predomínio sobre seus concorrentes.

A estrutura agrária brasileira

12. O monopólio da terra e as relações pré-capitalistas de trabalho constituem a base da estrutura agrária do Brasil. Ainda que a indústria tenha feito acentuado progresso, a economia brasileira é ainda, predominantemente, de caráter agrário. 63% da população brasileira vive no campo.

Cerca de 12,5 milhões de pessoas constituem a população ativa na agricultura e na pecuária. Para o conjunto desta população existem pouco mais de dois milhões de propriedades. Mais de dez milhões de camponeses não possuem terra e labutam nas condições mais difíceis sem qualquer garantia. A área total das propriedades agrícolas é de 200 milhões de hectares, o que corresponde somente a 23% da superfície do país. Contudo, a área cultivada é de 22 milhões de hectares, portanto, 9,5% da superfície total das propriedades, o que revela ser inexplorada a quase totalidade dessas propriedades.

No campo brasileiro predomina a cultura de um reduzido número de produtos. O café, o milho e o algodão ocupam 55% de toda a área cultivada do Brasil. A pecuária é extensiva.

Cento e quarenta e nove mil proprietários agrícolas são donos de 3/4 partes da área total das propriedades. Este pequeno número representa 8% de todos os proprietários agrícolas, ou 1,4% do total das pessoas que trabalham na terra.

Isto evidencia o predomínio quase absoluto do monopólio da terra no campo brasileiro, o quanto está concentrada nas mãos de uma reduzida minoria a propriedade territorial no país. Neste monopólio da terra se baseiam as sobrevivências feudais, as formas pré-capitalistas de exploração, como a parceria (meia e terça), a prestação de serviços gratuitos, etc. Em consequência, milhões de camponeses são submetidos à dura exploração na base de contratos de arrendamento extorsivos, são vítimas das arbitrariedades dos grandes proprietários de terras. A legislação social é quase desconhecida para os assalariados agrícolas. Isto resultam as péssimas condições de vida das massas camponesas. Não obstante, em algumas áreas se empregam métodos modernos de cultivo, a agricultura brasileira é atrasada, retrógrada, onde a técnica é quase ausente e a

mecanização é utilizada em escala muito reduzida. Por isso é baixa a produtividade agrícola.

Conservando o monopólio da terra e as relações pré-capitalistas de trabalho, o capitalismo vai penetrando lentamente no campo. Como resultado, cresce o número de assalariados e semi-assalariados agrícolas. Isto não modifica, porém, o grau de exploração das massas trabalhadoras do campo.

A estrutura agrária do Brasil é constituída, portanto, pela grande propriedade de tipo atrasado — o latifúndio — que predomina esmagadoramente; pela pequena propriedade existente em áreas reduzidas do país; por algumas plantações de cultivo de tipo capitalista; e por ínfimas parcelas — o minifúndio — disseminadas em várias regiões do território nacional.

O latifúndio e as relações dele decorrentes são um dos principais obstáculos ao progresso do país. O grande proprietário de terra, devido à existência de milhões de camponeses sem terra, prescinde do emprego da técnica e das máquinas, o que contribui para o fraco rendimento da produção agrícola. Esses milhões de brasileiros sem terra possuem um baixíssimo poder aquisitivo, o que constitui um freio ao desenvolvimento do mercado interno e, conseqüentemente, um entrave ao progresso industrial. É imperiosa, assim, a liquidação dessa estrutura retrógrada.

A crise de estrutura em que o país se debate

13. O domínio do imperialismo, particularmente o norte-americano, e a existência do monopólio da terra constituem os principais fatores de atraso do Brasil e determinam a crise de estrutura em que se debate o país. Múltiplas são as manifestações desta crise.

A produção cafeeira, principal fonte de divisas e um dos estímulos da economia nacional está em situação crítica. No corrente ano, os estoques em poder do Instituto Brasileiro do Café atingirão 30 milhões de sacas, sem qualquer perspectiva de escoamento. Para financiar os fazendeiros de café, adquirir o produto excedente e sustentar a produção cafeeira, o governo emite bilhões de cruzeiros, sem possibilidade de retorno aos cofres da ação. Isto não impede, porém, que se manifeste crise neste setor da economia.

Acentua-se a carência de divisas no país. Aumentam o volume de lucros e capitais que se transferem para o exterior e o montante para o pagamento de amortizações e juros dos empréstimos externos. Entretanto, as fontes de divisas que o Brasil dispõe não crescem, ou crescem lentamente. Tornam-se mais frequentes os déficits na balança comercial. O comércio exterior do Brasil, de 1950 a 1959, apresentou saldo negativo durante 8 anos. Tudo isso acarreta o déficit crônico no balanço de pagamentos que o governo procura enfrentar com novos empréstimos externos e com a desvalorização da moeda.

Os déficits nos orçamentos da República, dos Estados e dos Municípios são cada vez maiores. A fim de fazer face a estes déficits são aumentados brutalmente os impostos diretos e os governos da União e dos Estados fazem crescer a dívida pública com a emissão de ações e títulos. Além disto, o governo federal recorre à inflação, aumentando o meio circulante com lançamentos maciços de papel-moeda.

Aprofundam-se as desigualdades no desenvolvimento das diferentes regiões do país. Grande é o atraso das regiões norte e nordeste em comparação com as regiões centro e sul do país. Enquanto nestas há um acentuado desenvolvimento industrial, aquelas regiões permanecem quase inteiramente agrárias. A produção agropecuária do nordeste, entre 1948 e 1956, cresceu de 25% e a industrial, no mesmo período, 49,8%. Nas regiões do centro-sul, nesse mesmo espaço de tempo, a produção agropecuária teve um acréscimo de 32,4% e a industrial 81,2%. Segundo dados oficiais, a renda per capita no centro-sul do país em relação ao nordeste está na proporção de 3 para 1. Somente o Rio de Janeiro e São Paulo, com menos de 20% da população brasileira, alcançaram uma renda de mais de 50% da renda total do país. Na região norte se observa a estagnação, ou mesmo a decadência, da sua economia.

A crise de estrutura se manifesta ainda na falta de gêneros alimentícios essenciais que se vem observando nos últimos anos. Esta carência no abastecimento da população brasileira está ligada à estrutura agrária arcaica que determina uma agricultura rotineira e uma pecuária extensiva.

14. Agravam-se, assim, as condições de vida do povo e aumenta a exploração dos trabalhadores. O salário real dos operários do Rio de Janeiro, uma das regiões de mais alta remuneração salarial, no período de 1940 a 1958, sempre esteve abaixo do de 1920. As rendas das massas camponesas diminuem. O trabalhador não pode, como antigamente, sustentar sozinho sua família. Todos os membros da família, em condições de trabalhar, são obrigados a exercer uma atividade remunerada. Reduz-se a participação percentual dos operários na distribuição da ren-

da nacional. Entre os anos de 1955 a 1958, o salário-hora cresceu em ritmo menor do que o preço do produto-hora. Além disto, os trabalhadores são obrigados a elevar a produção sem que, muitas vezes, se verifique a introdução de melhoramentos técnicos, o que acarreta a elevação do grau de exploração do proletariado. Entre a classe média se desenvolve um processo de proletarianização crescente. Em muitas regiões do país, aumenta o número de pessoas que não encontram ocupação permanente, constituindo as chamadas populações marginais desprovidas dos mínimos recursos. As condições de vida das massas foram seriamente agravadas pela carestia de vida resultante, em grande parte, do processo inflacionário. Embora tenha crescido no país o número de escolas e leitos hospitalares, o ritmo deste crescimento é inferior ao do aumento da população, determinando uma agravada constante dos problemas da educação e da saúde públicas. É certo, que alguns setores de classe média e uma pequena camada do proletariado, melhoraram de situação. No entanto, a tendência dominante é para o empobrecimento relativo e absoluto dos trabalhadores.

15. Evidencia-se, em tais condições, o aprofundamento da contradição entre as forças produtivas em desenvolvimento e as relações de produção atrasadas, baseadas nas sobrevivências feudais e na dependência ao imperialismo. Isto coloca na ordem-do-dia como tarefa primordial a liquidação dos entraves que se opõem ao progresso do país. É necessário, portanto, libertar o Brasil do jugo do imperialismo norte-americano e realizar as transformações democráticas radicais, com a supressão do monopólio da terra.

III

O caráter e as tarefas da Revolução Brasileira

Os sustentáculos internos da dominação imperialista

16. A dependência do país ao imperialismo norte-americano tem como sustentáculos sociais os latifundiários e uma parte da burguesia. Os imperialistas dos Estados Unidos são o ponto de apoio das forças mais reacionárias da sociedade brasileira. Ao imperialismo interessa a manutenção do monopólio da terra. No passado, foi através dos latifundiários que entrou no Brasil o capital monopolista estrangeiro e, hoje, é ainda em grande parte, nêles apoiada que se realiza no país a exploração imperialista norte-americana. Em particular, serve aos monopólios ianques a parte dos latifundiários que com eles têm ligação por vender sua produção no exterior e depender daqueles monopólios para dar saída aos seus produtos.

O setor da burguesia que está aliado ao imperialismo norte-americano é constituído, em primeiro lugar, por numerosos grandes comerciantes que atuam na esfera do comércio exterior, vinculados a firmas importadoras e exportadoras e aos bancos norte-americanos que operam no país; por boa parte de banqueiros, comerciantes industriais cujos interesses estão ligados aos monopólios ianques; e por todo um conjunto de agentes dos magnatas norte-americanos — políticos, advogados, administradores, proprietários de jornais e estações de rádios, etc. a eles vendidos. De um modo geral, é entre a grande burguesia que se encontra aquela parte dos capitalistas que, juntamente com os latifundiários, sustenta dentro do país as posições do imperialismo.

São imensas e poderosas, porém, as forças sociais que se opõem aos inimigos do povo brasileiro. Incluem o proletariado, os camponeses, a pequena burguesia urbana e a burguesia nacional, além de outros elementos patrióticos. Toda estas forças estão interessadas na liquidação do domínio imperialista e na extinção do monopólio da terra.

17. As forças reacionárias constituem uma ínfima minoria da nação. Mas possuem grande poderio econômico e dispõem do aparelho estatal. Apoiadas neste aparelho, defendem seus interesses e mantêm seus privilégios. O Estado brasileiro representa, no fundamental, os interesses dos latifundiários e da grande burguesia. No seio da grande burguesia há uma parte aliada ao imperialismo e outra parte que, ora resiste ao imperialismo, ora com ele concilia. Isto se verifica, sobretudo, com aquela parte que tem seus interesses ligados à indústria. O Estado é, assim, utilizado pelos imperialistas norte-americanos para explorar o povo brasileiro. Eventualmente, o Estado pode contrariar os interesses dos imperialistas. Isto, porém, não altera, no essencial, o seu caráter de defensor dos latifundiários e grandes capitalistas e de instrumentos do imperialismo ianque nas questões fundamentais da política externa e numa boa parte dos problemas internos.

A forma de atuação dos diferentes órgãos do poder estatal, mais democrática ou mais arbitrária, varia de acordo com a pressão realizada pelas massas, em

especial, pela classe operária, bem como pela necessidade de que têm as classes dominantes em utilizarem meios adequados à manutenção de seu domínio. A existência de franquias democráticas não nega o objetivo fundamental do atual Estado — servir aos interesses dos latifundiários, da grande burguesia e do imperialismo.

O atual regime vem assegurando a exploração e a opressão do povo brasileiro por parte dos imperialistas dos Estados Unidos. No que se refere a política exterior, o governo brasileiro segue orientação ditada pelo Departamento de Estado norte-americano. Assinou o Acordo Militar Brasil-Estados Unidos, cedeu a ilha de Fernando de Noronha para servir de base militar ianque e firmou outros tratados lesivos ao país. Adapta a sua política financeira às determinações das entidades internacionais dirigidas pelo governo norte-americano, em prejuízo dos interesses da nação. Reprime as lutas das massas populares por melhores condições de vida e pelos direitos democráticos. Usa a violência contra os camponeses quando estes defendem as terras por eles ocupadas.

Para liquidar o domínio do imperialismo norte-americano e o monopólio da terra é necessário substituir o regime político vigente do país por um novo regime que corresponda às tarefas da atual etapa da revolução.

O caráter da revolução brasileira

18. Nesta etapa, a revolução no Brasil não tem caráter socialista. Não existem condições objetivas, nem subjetivas para uma revolução deste tipo. Na atual etapa, a revolução no Brasil é antiimperialista e antifeudal, nacional e democrática. Deve criar um novo regime econômico e político.

Este regime assegurará, no terreno econômico, a completa emancipação do Brasil do jugo imperialista, em particular do norte-americano; a transformação radical da atual estrutura agrária, com a liquidação do monopólio da terra e das relações pré-capitalistas de trabalho; o desenvolvimento independente e progressista da economia nacional. Os interesses da burguesia nacional não serão afetados, pois a revolução, nesta etapa, não visa à liquidação do capitalismo. Não serão atingidos igualmente os interesses dos camponeses ricos. Desde que não hostilizem a revolução, serão mantidas, sob controle, as empresas estrangeiras não dependentes aos trusts norte-americanos.

Estas tarefas expressam os dois aspectos da revolução: o nacional e o democrático. Estes dois aspectos estão intimamente ligados. Embora, na presente situação, o sentido principal da revolução seja antiimperialista, dado que o imperialismo norte-americano é o principal inimigo do povo brasileiro, ela é também antifeudal, agrária. A luta contra a exploração imperialista norte-americana e contra o monopólio da terra, ainda que tarefas distintas, constituem um processo único. Não será possível realizar as tarefas de caráter antiimperialista sem que simultaneamente, no curso da atual etapa, sejam resolvidas as tarefas de caráter agrário.

No terreno político, o novo regime deve criar um Estado democrático e um governo democrático e antiimperialista, diferente, por sua composição de classe e por seus objetivos, de todos os governos que o Brasil já teve. Ainda que a revolução, nesta etapa, corresponda às tarefas democrático-burguesas, o novo Estado não poderá ser um Estado burguês moderno, dirigido pela burguesia. A burguesia no Brasil, pelo seu duplo caráter — revolucionário e conciliador — é incapaz de resolver até o fim os problemas fundamentais do desenvolvimento da economia nacional, da plena democratização do país e da melhoria efetiva das condições de vida do povo. O novo poder deve ser um poder da frente única das forças democráticas e antiimperialistas, dirigido pela classe operária, bem diverso, portanto, de um Estado burguês daquele tipo. Tal fato se origina da circunstância de que o proletariado terá que dirigir as forças revolucionárias e também por que

a revolução, apesar de não ser socialista, é parte integrante da revolução socialista mundial.

O novo Estado deve assegurar a plena democratização da vida política brasileira, garantindo, entre outros direitos democráticos, ampla liberdade de palavra, de reunião, de associação, de greve, de imprensa, de culto religioso; a representação proporcional dos partidos políticos em todas as eleições; o direito de voto a todo cidadão, independentemente de sexo, bens, nacionalidade, residência e instrução; a abolição das desigualdades que existem em relação às mulheres; completa supressão das organizações policiais de repressão e democratização das forças armadas; a autonomia política e administrativa dos Estados, Territórios, Distrito Federal e Municípios. O novo Estado defenderá a cultura nacional e tornará a instrução acessível às amplas massas do povo.

Diante do povo brasileiro coloca-se a tarefa histórica de conquistar um governo democrático e antiimperialista — expressão de uma ampla coalizão de forças, onde estarão representados a classe operária, os camponeses, a pequena burguesia urbana, a intelectualidade e a burguesia nacional.

O caminho democrático da revolução brasileira

19. São fortes os inimigos da revolução, apesar serem numericamente reduzidos. Voluntariamente, não cederão suas posições e, sempre que estiverem ameaçados de perdê-las, procurarão usar a violência. Por isso, o governo democrático e antiimperialista, governo revolucionário, não será alcançado de maneira gradual, evolucionista ou por simples acumulação de reformas, embora as reformas sejam importantes e necessárias. A conquista de um governo de tal natureza implica em luta árdua e difícil, implica no aprofundamento da luta de classe. Para esmagar a resistência das forças reacionárias, as forças democráticas e antiimperialistas terão que se empenhar em ações combativas e energéticas. Nas condições atuais, as forças progressistas devem utilizar o mais possível as formas legais de luta e defender, como questão vital para o povo brasileiro, a ampliação e a consolidação da democracia no país. A existência de um clima democrático estável é de primordial importância para o mais rápido desenvolvimento e fortalecimento da frente única e para alcançar êxito na luta pela conquista de um poder democrático e antiimperialista. Isto impõe a necessidade de combater quaisquer retrocessos antidemocráticos e salvaguardar as liberdades públicas para favorecer a ação independente das massas trabalhadoras e populares. Neste sentido, as eleições são um meio importante para fortalecer as posições das correntes democráticas e antiimperialistas.

Na luta pela realização das transformações radicais não é inevitável a luta armada e a guerra civil. A revolução brasileira poderá trilhar por um caminho pacífico. Mas a via pacífica só será possível se, entre outros fatores, vigorar no país a plena democracia, se as forças armadas predominarem os patriotas e democratas e se a frente única se consolidar sob a direção da classe operária. Será de grande significação a conquista de uma sólida maioria democrática e antiimperialista num parlamento, eleito sem quaisquer restrições antidemocráticas. Enfim, o caminho pacífico pressupõe que as forças revolucionárias tenham uma superioridade tal sobre as forças reacionárias que possam impôr a estas aquele caminho.

Os comunistas aspiram à solução pacífica para os problemas da revolução brasileira. Mas a escolha das formas e meios para libertar o país do domínio do imperialismo norte-americano e realizar as transformações radicais, não dependem somente do proletariado e das demais forças antiimperialistas. Se os inimigos do povo recorrerem à violência, as responsabilidades pelos sacrifícios e sofrimentos que recaem sobre a nação serão de sua exclusiva responsabilidade. Em todas as circunstâncias, o proletariado e seu partido devem estar preparados do ponto de vista ideológico para qualquer das soluções. (Continua)

HAROLDO SANTIAGO

Saudando o Aparecimento Das Teses

Prezados Senhores:

Apesar de não ser membro do Partido Comunista do Brasil, venho como simpaticante de sua causa levar-lhes a minha solidariedade em sua luta pela «Legalização».

Outrossim, aproveito a oportunidade para saudar a publicação dos «Projetos de Estatutos», que era uma grave falta dentro da organização partidária, mesmo para mim que estou ligado a ela mais como observador de seus fenômenos do que como participante direto.

Quando às «Teses para Discussão» não há dúvidas a respeito de seu valor como documento para a compreensão dos fenômenos sociais brasileiros. É sem favor um belo trabalho.

Sendo só o que me oferece para o momento, subscrevo-me muito atentamente,

a) Haroldo Santiago

COMUNICADO

Os responsáveis pela TRIBUNA DE DEBATE comunicam a todos os interessados que foram estabelecidas as seguintes normas sobre a publicação dos artigos e cartas:

a) A fim de possibilitar a participação do maior número de companheiros no debate, cada participante terá direito a um máximo de 10 laudas dactilografadas (30 linhas por lauda) em cada edição de TRIBUNA DE DEBATE. Os artigos que excederem a este limite serão divididos e publicados em série.

b) Os artigos e cartas serão publicados por ordem de recebimento na redação de NOVOS RUMOS. Em cada edição da TRIBUNA DE DEBATE figurará uma relação dos artigos recebidos, segundo a ordem em que serão publicados.

Tribuna de Debate

MILTON ELOY

Em Defesa Das Teses, em Tese

As Teses representam um novo instrumento, mais um passo positivo do caminho da emancipação.

— Indispensável à concretização do caminho pacífico da revolução a tática de luta por soluções positivas, ao caráter do movimento, ao momento e da passividade, exige da classe operária e do seu partido de vanguarda a mais ativa, multifórmula e permanente intervenção no movimento político e real, a fim de mobilizar as grandes massas e quebrar a resistência das forças entreguistas e reacionárias. (Tese 35).

— Não fomos nós, como se dizia do Programa aprovado pelo IV Congresso, que é obra da maioria revisionista. É, porém, a melhor tentativa até hoje realizada, em nosso país, para dar uma interpretação marxista aos problemas brasileiros.

— Estamos em uma das etapas mais críticas da luta por soluções positivas, ao caráter do movimento, ao momento e da passividade, exige da classe operária e do seu partido de vanguarda a mais ativa, multifórmula e permanente intervenção no movimento político e real, a fim de mobilizar as grandes massas e quebrar a resistência das forças entreguistas e reacionárias. (Tese 35, alínea já citada anteriormente).

— Estamos em uma das etapas mais críticas da luta por soluções positivas, ao caráter do movimento, ao momento e da passividade, exige da classe operária e do seu partido de vanguarda a mais ativa, multifórmula e permanente intervenção no movimento político e real, a fim de mobilizar as grandes massas e quebrar a resistência das forças entreguistas e reacionárias. (Tese 35, alínea já citada anteriormente).

— Estamos em uma das etapas mais críticas da luta por soluções positivas, ao caráter do movimento, ao momento e da passividade, exige da classe operária e do seu partido de vanguarda a mais ativa, multifórmula e permanente intervenção no movimento político e real, a fim de mobilizar as grandes massas e quebrar a resistência das forças entreguistas e reacionárias. (Tese 35, alínea já citada anteriormente).

— Estamos em uma das etapas mais críticas da luta por soluções positivas, ao caráter do movimento, ao momento e da passividade, exige da classe operária e do seu partido de vanguarda a mais ativa, multifórmula e permanente intervenção no movimento político e real, a fim de mobilizar as grandes massas e quebrar a resistência das forças entreguistas e reacionárias. (Tese 35, alínea já citada anteriormente).

— Estamos em uma das etapas mais críticas da luta por soluções positivas, ao caráter do movimento, ao momento e da passividade, exige da classe operária e do seu partido de vanguarda a mais ativa, multifórmula e permanente intervenção no movimento político e real, a fim de mobilizar as grandes massas e quebrar a resistência das forças entreguistas e reacionárias. (Tese 35, alínea já citada anteriormente).

— Estamos em uma das etapas mais críticas da luta por soluções positivas, ao caráter do movimento, ao momento e da passividade, exige da classe operária e do seu partido de vanguarda a mais ativa, multifórmula e permanente intervenção no movimento político e real, a fim de mobilizar as grandes massas e quebrar a resistência das forças entreguistas e reacionárias. (Tese 35, alínea já citada anteriormente).

— Estamos em uma das etapas mais críticas da luta por soluções positivas, ao caráter do movimento, ao momento e da passividade, exige da classe operária e do seu partido de vanguarda a mais ativa, multifórmula e permanente intervenção no movimento político e real, a fim de mobilizar as grandes massas e quebrar a resistência das forças entreguistas e reacionárias. (Tese 35, alínea já citada anteriormente).

— Estamos em uma das etapas mais críticas da luta por soluções positivas, ao caráter do movimento, ao momento e da passividade, exige da classe operária e do seu partido de vanguarda a mais ativa, multifórmula e permanente intervenção no movimento político e real, a fim de mobilizar as grandes massas e quebrar a resistência das forças entreguistas e reacionárias. (Tese 35, alínea já citada anteriormente).

— Estamos em uma das etapas mais críticas da luta por soluções positivas, ao caráter do movimento, ao momento e da passividade, exige da classe operária e do seu partido de vanguarda a mais ativa, multifórmula e permanente intervenção no movimento político e real, a fim de mobilizar as grandes massas e quebrar a resistência das forças entreguistas e reacionárias. (Tese 35, alínea já citada anteriormente).

— Estamos em uma das etapas mais críticas da luta por soluções positivas, ao caráter do movimento, ao momento e da passividade, exige da classe operária e do seu partido de vanguarda a mais ativa, multifórmula e permanente intervenção no movimento político e real, a fim de mobilizar as grandes massas e quebrar a resistência das forças entreguistas e reacionárias. (Tese 35, alínea já citada anteriormente).

— Estamos em uma das etapas mais críticas da luta por soluções positivas, ao caráter do movimento, ao momento e da passividade, exige da classe operária e do seu partido de vanguarda a mais ativa, multifórmula e permanente intervenção no movimento político e real, a fim de mobilizar as grandes massas e quebrar a resistência das forças entreguistas e reacionárias. (Tese 35, alínea já citada anteriormente).

— Estamos em uma das etapas mais críticas da luta por soluções positivas, ao caráter do movimento, ao momento e da passividade, exige da classe operária e do seu partido de vanguarda a mais ativa, multifórmula e permanente intervenção no movimento político e real, a fim de mobilizar as grandes massas e quebrar a resistência das forças entreguistas e reacionárias. (Tese 35, alínea já citada anteriormente).

— Estamos em uma das etapas mais críticas da luta por soluções positivas, ao caráter do movimento, ao momento e da passividade, exige da classe operária e do seu partido de vanguarda a mais ativa, multifórmula e permanente intervenção no movimento político e real, a fim de mobilizar as grandes massas e quebrar a resistência das forças entreguistas e reacionárias. (Tese 35, alínea já citada anteriormente).

— Estamos em uma das etapas mais críticas da luta por soluções positivas, ao caráter do movimento, ao momento e da passividade, exige da classe operária e do seu partido de vanguarda a mais ativa, multifórmula e permanente intervenção no movimento político e real, a fim de mobilizar as grandes massas e quebrar a resistência das forças entreguistas e reacionárias. (Tese 35, alínea já citada anteriormente).

— Estamos em uma das etapas mais críticas da luta por soluções positivas, ao caráter do movimento, ao momento e da passividade, exige da classe operária e do seu partido de vanguarda a mais ativa, multifórmula e permanente intervenção no movimento político e real, a fim de mobilizar as grandes massas e quebrar a resistência das forças entreguistas e reacionárias. (Tese 35, alínea já citada anteriormente).

— Estamos em uma das etapas mais críticas da luta por soluções positivas, ao caráter do movimento, ao momento e da passividade, exige da classe operária e do seu partido de vanguarda a mais ativa, multifórmula e permanente intervenção no movimento político e real, a fim de mobilizar as grandes massas e quebrar a resistência das forças entreguistas e reacionárias. (Tese 35, alínea já citada anteriormente).

— Estamos em uma das etapas mais críticas da luta por soluções positivas, ao caráter do movimento, ao momento e da passividade, exige da classe operária e do seu partido de vanguarda a mais ativa, multifórmula e permanente intervenção no movimento político e real, a fim de mobilizar as grandes massas e quebrar a resistência das forças entreguistas e reacionárias. (Tese 35, alínea já citada anteriormente).

— Estamos em uma das etapas mais críticas da luta por soluções positivas, ao caráter do movimento, ao momento e da passividade, exige da classe operária e do seu partido de vanguarda a mais ativa, multifórmula e permanente intervenção no movimento político e real, a fim de mobilizar as grandes massas e quebrar a resistência das forças entreguistas e reacionárias. (Tese 35, alínea já citada anteriormente).

— Estamos em uma das etapas mais críticas da luta por soluções positivas, ao caráter do movimento, ao momento e da passividade, exige da classe operária e do seu partido de vanguarda a mais ativa, multifórmula e permanente intervenção no movimento político e real, a fim de mobilizar as grandes massas e quebrar a resistência das forças entreguistas e reacionárias. (Tese 35, alínea já citada anteriormente).

CARLOS DANIELLI

Sobre as "Teses Para Discussão"

A publicação das Teses para discussão e do Projeto de Estatutos... A publicação das Teses para discussão e do Projeto de Estatutos, inicia um debate entre comunistas que muito poderá contribuir para o fortalecimento de nossas fileiras, estreitar a unidade do Partido no terreno político, orgânico e ideológico e suas ligações com as massas. A extensão das Teses dificulta seu exame, mas participando dos debates, devemos visar à correção dos erros que se apresentaram em nossa atividade e à elaboração de uma orientação que permita a vitória da revolução antiimperialista e antiféudica em nosso país. Debater a orientação e atuar entre as massas para aplicar nossas decisões tal deve ser nossa conduta.

Os erros e debilidades na atividade do Partido

As conclusões do XX Congresso do PCUS, a nova correlação de forças políticas surgidas no mundo e as modificações experimentadas no Brasil no terreno econômico, político e social exigem dos comunistas, mormente quando reconhecemos que não contribuímos suficientemente para acelerar o processo revolucionário em curso no país. Isso se deve a que, em toda a vida do Partido, quando tentamos corrigir erros de direita calmos em posição esquerdista e ao combater estas incorretos em desvios oportunistas de direita, como se verifica agora. Isso se deve a que, em várias épocas, nossa orientação política tem sido errada em muitos de seus aspectos básicos e, também, a que quando combatemos uma tendência errônea descuidamos do combate a seu oposto, que então floresce e se desenvolve, colocando, às vezes, em perigo a própria existência do Partido.

No período da legalidade do Partido em que tivemos uma linha política em geral errada, oportunista de direita, de colaboração de classes, sofremos reveses apesar dos êxitos obtidos nas eleições, no crescimento das fileiras do Partido, na utilização das possibilidades legais, etc. Corrigindo as posições oportunistas, sob o fogo do inimigo de classe e no período da "guerra fria", nosso Partido cometeu graves erros setoriais e esquerdistas, iniciados no Manifesto de Janeiro de 1948 e agravados, seriamente, com o Manifesto de Agosto de 1950. Neste documento pregávamos a nacionalização das grandes empresas e bancos, inclusive as de capital nacional, exultamos, assim, a burguesia nacional da frente única confundindo as duas etapas da revolução brasileira, queríamos realizá-las de uma só vez. Com a perspectiva de guerra imediata, transpluvamos mecanicamente a divisão do mundo em 2 campos para o Brasil e colocávamos o dilema de libertação nacional ou domínio total pelo imperialismo, só em contradição para sair desse dilema o caminho da luta armada, a derrubada imediata do governo, sem que para isso tivéssemos força. Idealizávamos a formação de uma Frente Democrática de Libertação Nacional e de um Exército de Libertação Nacional, instrumentos da revolução. Essas posições levaram-nos ao abstencionismo eleitoral. No pleno de 1950 se derrotaram candidatos apoiados por forças políticas e sociais diferentes. Com a eleição de Getúlio Vargas adotamos uma atitude de oposição sistemática ao seu governo, quando no seu dia mesmo já havia surgido uma corrente nacionalista burguesa, representada, fundamentalmente, pelo general Estácio Leald. Todas essas posições setoriais e esquerdistas trouxeram-nos graves prejuízos e, apesar de alguns êxitos obtidos, atrasaram o processo de polarização das forças patrióticas e democráticas que se opunham ao imperialismo e ao latifúndio.

A realização do IV Congresso e o Programa nele aprovado foi um passo adiante, pois já distinguíamos no mesmo as duas etapas da revolução brasileira. Caracterizando a sua primeira etapa como antiimperialista e antiféudica, concentrávamos o fogo no imperialismo norte-americano e estabelecíamos uma disposição das forças em choque de uma maneira geral correta, incluindo entre as forças que se opõem ao imperialismo norte-americano a burguesia nacional, o que era negado pelos documentos do Partido a partir de 1948. Entretanto, a falha mais grave do Programa se referia à tática, que era confundida com a estratégia correta, traçada para a etapa atual da revolução brasileira. Partindo da falsa concepção de que a economia nacional se encontrava em atraso progressivo e de que nossa economia nada mais era que um apêndice da economia de guerra do imperialismo dos E.E.U.U., da inflação de uma guerra mundial o Programa chegava à conclusão que o Brasil perderia suas características de nação soberana e colocava a necessidade da derrubada imediata do governo, instrumento útil e necessário ao imperialismo. Era a teoria da revolução a curto prazo. Nestas condições, as eleições não eram consideradas com uma importante forma de luta. A vida impõe logo modificações na tática do Partido. Exemplo disso é a resolução sindical de junho de 1952. Aprofundou-se mais a contradição entre a realidade, nossa posição política prática e a tática esquerdista e subjetiva que traçamos no Programa quando da campanha sucessória de 55 e a luta pela posse dos eleitos. Apoiamos Juscelino e Jango governos que, eleito de acordo com o Programa, teria que ser imediatamente derrubado. Com a morte de Getúlio, forçados pelos acontecimentos, modificamos nossa orientação frente ao PTB e buscamos aliança com ele. Nos acontecimentos de 11 e 21 de novembro de 1955 tivemos uma posição correta ao

apoiarmos o movimento armado que visava impedir que o país se afundasse numa ditadura de caráter fascista. Após a eleição de JK, fomos obrigados a retirar a palavra de ordem que exigia sua derrubada, o que era justamente tentado pelos agentes do imperialismo e da reação, os golpistas, que combatemos com firmeza, apoiando o então Ministro da Guerra nas medidas contra eles tomadas e apoiar o setor nacionalista do governo.

Entre os Manifestos de Janeiro e de Agosto e o Programa há diferenças, mas também há questões em comum: a confusão entre os objetivos finais (a estratégia) e as formas de chegar a eles (a tática). A tática esquerdista e setorial se resumia quase que à estratégia, embora sejam partes integrantes e inseparáveis.

Os erros que cometeu em política refletiram-se necessariamente no terreno da organização partidária, nos métodos de direção e nas relações do Partido com as massas e suas organizações. Predominava uma exagerada centralização, a utilização de métodos de direção mandonistas e uma política de quadros subjetiva. Praticamente não existia no P. a direção coletiva, nem mesmo a luta de opiniões, prevalecendo o vontade de alguns dirigentes. O Partido se desligava das massas e se transformava em uma seta. O dogmatismo, o esquerdismo e o setarismo que predominavam em nossa orientação e em nossa atividade precisam ainda ser combatidos.

Os erros de nosso Partido ficaram para nós mais evidentes após o XX Congresso, pois as decisões que antes tomávamos, mesmo em contradição com a nossa orientação, eram apresentadas como enriquecimento do Programa ou flexibilização em sua aplicação. O XX Congresso do PCUS, as novas teses teóricas nele aprovadas e a luta contra o culto a personalidade levaram-nos a abrir um debate, que se bem com atraso, teve o mérito de ajudar a corrigir muitos dos erros que hoje criticamos e autocriticamos, pois deles participamos. Mas, junto aos aspectos positivos do debate, surgiram na imprensa opiniões revisionistas, liquidacionistas e de direita muitas das quais, intelectualmente, foram introduzidas em nossa orientação política traçada na Declaração de Março de 1958.

As "Teses" fazem uma crítica severa dos erros esquerdistas e setoriais, mas muitas vezes chegam a cair nas posições negativistas quanto aos êxitos inegáveis do Partido a partir de 1948, mesmo com a linha geral errada. No entanto, são indulgentes, tolerantes, explicativas quanto à orientação oportunista de direita do período da legalidade, visando dar mais uma justificativa para a linha política atual da Declaração.

Devido à orientação política atual as tendências revisionistas são as mais frequentes agora em nossa atividade. A direção da linha ideológica, em nosso Partido, deve-se voltar contra o revisionismo e o oportunismo de direita, perigo principal no movimento comunista mundial e brasileiro, sem dar trégua às tendências setoriais, esquerdistas e dogmáticas.

Argumentar-se com os êxitos atuais do Partido para concluir-se que a linha da Declaração comprometeu-se na prática é ridículo. Não negamos os êxitos e vitórias atuais do movimento nacionalista e democrático, com a participação destacada dos comunistas. Mas, em 1947-48, quando tínhamos uma linha oportunista de direita, obtivemos mais êxitos e vitórias do que agora o Partido, na completa legalidade, chegou a ter mais de um centena de milhares de membros, o movimento sindical se unificou com a CTE, as Ligas Camponesas estavam em ascenso, elegemos numerosas bancadas comunistas, etc. E a linha, no fundamental, era errada. Foram êxitos momentâneos, que se desmoronaram aos primeiros golpes do inimigo.

A Declaração de Março e as "Teses para discussão"

Os debates são tanto mais importantes se tivermos em conta que o Programa só poderia ser modificado por um congresso e que foi revogado pela Declaração de Março sem que tivéssemos sido consultados os militantes comunistas. A Declaração de Março, modificando não só a tática do Partido mas também a sua estratégia, foi aprovada em condições particulares, sem um amplo debate e tempo para fazê-lo, mesmo entre os dirigentes comunistas. Hoje, chegamos à conclusão que mesmo os que aprovaram não o assimilaram, outros não foi ganho para ela. Foi adotada a nova política num momento em que o Partido, na prática, com a revogação do Programa, se encontrava sem uma orientação concreta. Neste aspecto, a Declaração ajudou a unificar a ação dos comunistas em torno de uma orientação e consolidou num documento uma série de modificações que a prática vinha nos im-

possando: posição frente ao governo de JK, ao movimento nacionalista, possibilidade de um caminho não violento para a revolução brasileira, correção de posições esquerdistas e setoriais em relação à Constituição de 1946 e às possibilidades de aproveitamento da legalidade democrática, etc.

Esses são aspectos positivos da Declaração que, no entanto, tem graves falhas, constituindo, em sua essência, um documento oportunista de direita, reformista e não revolucionário. É difícil localizar o oportunismo seja de direita ou de esquerda. O primeiro se esconde sob a máscara da amplitude e o segundo sob a fraseologia revolucionária, mas um exame atento pode nos levar à essência dos fenômenos que aparecem na superfície. Tal ocorre com o exame da Declaração e das "Teses para discussão". Estas são uma continuação da Declaração embora tenham diferenças secundárias das quais não se faz autocrítica, apresentando-se os insucessos, falhas e erros como debilidades em sua aplicação, nas tendências de esquerda ou de direita de direção e do conjunto do Partido.

São as mesmas as teses básicas, essenciais, dos dois documentos. Ambos partem do processo de desenvolvimento capitalista do Brasil. A Declaração afirma que nos quadros dessa estrutura atrasada, foi se processando um desenvolvimento econômico nacional, que constitui o elemento progressista por excelência da economia brasileira. No passado, negávamos o desenvolvimento econômico do país, o que era um erro. O Brasil se desenvolve, cresce sua indústria básica e a de bens de uso e consumo que já supre, no fundamental, as necessidades do mercado interno, bastante acanhado, aliás, pela existência de uma enorme massa, sobretudo no campo e que constitui a maioria da população, que não consome ou consome muito pouco dado o seu baixo poder aquisitivo. O capitalismo penetra no campo. Um dos seus aspectos mais importantes é o crescimento dos assalariados agrícolas, calculados em mais de 4 milhões e, também, uma maior utilização de máquinas e implementos agrícolas.

Não há dúvida que nas condições de uma economia atrasada o desenvolvimento capitalista é um processo, mas a Declaração superestima esse desenvolvimento. Daí o seu erro básico. Ao apresentar esse desenvolvimento como "capitalismo nacional", elemento "progressista por excelência", ela desliga o desenvolvimento capitalista no Brasil do conjunto do sistema capitalista, já caído e superado historicamente. A Declaração procura apresentar o capitalismo nacional como algo específico. Nas condições do socialismo vitorioso em boa parte do mundo, quando os trabalhadores de vários países capitalistas, coloniais e semicoloniais lutam pela sua completa emancipação nacional e social e as fileiras do socialismo ganharam a consciência da humanidade, embora em nossas condições o capitalismo ainda seja progressista, não tem o mesmo significado da época do capitalismo pré-monopolista. A atração do socialismo é tão forte que mesmo dirigentes de países capitalistas, como Nehru, apresentam o desenvolvimento de seu país como uma forma específica do socialismo. De nossa propaganda e agitação desaparecer em boa parte a divulgação do socialismo, dos êxitos dos países socialistas e da crítica às mazelas do capitalismo, o que não é casual, pois a Declaração apresenta todas as soluções da atual etapa da revolução brasileira dentro do regime vigente.

O processo de desenvolvimento econômico do Brasil é profundamente deformado. Boa parte de nossa indústria, e o que ela tem de fundamental (energia elétrica, indústria automobilística, produção de borracha, parte da siderurgia, etc.) encontra-se em mãos dos imperialistas, particularmente norte-americanos que aumentam incessantemente suas inversões de capitais. Tal processo de desenvolvimento econômico, agravado com a manutenção do monopólio da terra em mãos dos latifundiários e o enorme atraso do norte e do nordeste do país não significa um desenvolvimento independente e progressista da economia nacional. Somos ainda um país atrasado. A produção e a renda "per capita" é uma das mais baixas do mundo. Enquanto aumentam os lucros e as riquezas dos capitalistas nacionais e estrangeiros e dos latifundiários, o proletariado brasileiro se empobrece de forma absoluta e relativa. As classes dominantes procuram jogar nas costas da massa todo o peso das dificuldades do desenvolvimento econômico, levantando sempre a tese de que nossa geração sofre para que nossos filhos vivam na abundância de um Brasil rico e poderoso.

O desenvolvimento do capitalismo agrava a luta de classe em todos os seus aspectos, inclusive entre o proletariado e a burguesia, contradição que não precisa ser resolvida de forma radical na atual etapa da revolução brasileira, mas é antagonista, irreconciliável, o que não é expresso na Declaração que a subestima, não lhe dá a devida importância. Isto levou em muitos lugares a que as lutas de massas fossem freadas criando dificuldades à ampliação e fortalecimento da luta contra o imperialismo. Na luta contra o truste americano "American Can", por exemplo, de forma justa buscamos aliança com os industriais nacionais do ramo, que exigiram como condição não levantarmos em suas fábricas as reivindicações dos trabalhadores. A aceitação dessa posição levou a que os operários dissessem que estavam vendidos aos patrões.

(Continua no próximo número)

— Nenhum erro de nossa atividade, isoladamente, pode vencer a resistência das forças interessadas na conservação da dependência do país aos monopólios estrangeiros e na manutenção do monopólio da terra. (Tese 26).

— Nenhum erro de nossa atividade, isoladamente, pode vencer a resistência das forças interessadas na conservação da dependência do país aos monopólios estrangeiros e na manutenção do monopólio da terra. (Tese 26).

— Nenhum erro de nossa atividade, isoladamente, pode vencer a resistência das forças interessadas na conservação da dependência do país aos monopólios estrangeiros e na manutenção do monopólio da terra. (Tese 26).

— Nenhum erro de nossa atividade, isoladamente, pode vencer a resistência das forças interessadas na conservação da dependência do país aos monopólios estrangeiros e na manutenção do monopólio da terra. (Tese 26).

— Nenhum erro de nossa atividade, isoladamente, pode vencer a resistência das forças interessadas na conservação da dependência do país aos monopólios estrangeiros e na manutenção do monopólio da terra. (Tese 26).

— Nenhum erro de nossa atividade, isoladamente, pode vencer a resistência das forças interessadas na conservação da dependência do país aos monopólios estrangeiros e na manutenção do monopólio da terra. (Tese 26).

— Nenhum erro de nossa atividade, isoladamente, pode vencer a resistência das forças interessadas na conservação da dependência do país aos monopólios estrangeiros e na manutenção do monopólio da terra. (Tese 26).

— Nenhum erro de nossa atividade, isoladamente, pode vencer a resistência das forças interessadas na conservação da dependência do país aos monopólios estrangeiros e na manutenção do monopólio da terra. (Tese 26).

— Nenhum erro de nossa atividade, isoladamente, pode vencer a resistência das forças interessadas na conservação da dependência do país aos monopólios estrangeiros e na manutenção do monopólio da terra. (Tese 26).

— Nenhum erro de nossa atividade, isoladamente, pode vencer a resistência das forças interessadas na conservação da dependência do país aos monopólios estrangeiros e na manutenção do monopólio da terra. (Tese 26).

— Nenhum erro de nossa atividade, isoladamente, pode vencer a resistência das forças interessadas na conservação da dependência do país aos monopólios estrangeiros e na manutenção do monopólio da terra. (Tese 26).

— Nenhum erro de nossa atividade, isoladamente, pode vencer a resistência das forças interessadas na conservação da dependência do país aos monopólios estrangeiros e na manutenção do monopólio da terra. (Tese 26).

— Nenhum erro de nossa atividade, isoladamente, pode vencer a resistência das forças interessadas na conservação da dependência do país aos monopólios estrangeiros e na manutenção do monopólio da terra. (Tese 26).

— Nenhum erro de nossa atividade, isoladamente, pode vencer a resistência das forças interessadas na conservação da dependência do país aos monopólios estrangeiros e na manutenção do monopólio da terra. (Tese 26).

— Nenhum erro de nossa atividade, isoladamente, pode vencer a resistência das forças interessadas na conservação da dependência do país aos monopólios estrangeiros e na manutenção do monopólio da terra. (Tese 26).

— Nenhum erro de nossa atividade, isoladamente, pode vencer a resistência das forças interessadas na conservação da dependência do país aos monopólios estrangeiros e na manutenção do monopólio da terra. (Tese 26).

— Nenhum erro de nossa atividade, isoladamente, pode vencer a resistência das forças interessadas na conservação da dependência do país aos monopólios estrangeiros e na manutenção do monopólio da terra. (Tese 26).

— Nenhum erro de nossa atividade, isoladamente, pode vencer a resistência das forças interessadas na conservação da dependência do país aos monopólios estrangeiros e na manutenção do monopólio da terra. (Tese 26).

— Nenhum erro de nossa atividade, isoladamente, pode vencer a resistência das forças interessadas na conservação da dependência do país aos monopólios estrangeiros e na manutenção do monopólio da terra. (Tese 26).

— Nenhum erro de nossa atividade, isoladamente, pode vencer a resistência das forças interessadas na conservação da dependência do país aos monopólios estrangeiros e na manutenção do monopólio da terra. (Tese 26).

— Nenhum erro de nossa atividade, isoladamente, pode vencer a resistência das forças interessadas na conservação da dependência do país aos monopólios estrangeiros e na manutenção do monopólio da terra. (Tese 26).

— Nenhum erro de nossa atividade, isoladamente, pode vencer a resistência das forças interessadas na conservação da dependência do país aos monopólios estrangeiros e na manutenção do monopólio da terra. (Tese 26).

— Nenhum erro de nossa atividade, isoladamente, pode vencer a resistência das forças interessadas na conservação da dependência do país aos monopólios estrangeiros e na manutenção do monopólio da terra. (Tese 26).

— Nenhum erro de nossa atividade, isoladamente, pode vencer a resistência das forças interessadas na conservação da dependência do país aos monopólios estrangeiros e na manutenção do monopólio da terra. (Tese 26).

— Nenhum erro de nossa atividade, isoladamente, pode vencer a resistência das forças interessadas na conservação da dependência do país aos monopólios estrangeiros e na manutenção do monopólio da terra. (Tese 26).

— Nenhum erro de nossa atividade, isoladamente, pode vencer a resistência das forças interessadas na conservação da dependência do país aos monopólios estrangeiros e na manutenção do monopólio da terra. (Tese 26).

— Nenhum erro de nossa atividade, isoladamente, pode vencer a resistência das forças interessadas na conservação da dependência do país aos monopólios estrangeiros e na manutenção do monopólio da terra. (Tese 26).

— Nenhum erro de nossa atividade, isoladamente, pode vencer a resistência das forças interessadas na conservação da dependência do país aos monopólios estrangeiros e na manutenção do monopólio da terra. (Tese 26).

— Nenhum erro de nossa atividade, isoladamente, pode vencer a resistência das forças interessadas na conservação da dependência do país aos monopólios estrangeiros e na manutenção do monopólio da terra. (Tese 26).

EUGENIO CHEMP

Frente Unica Nacionalista e Democrática

Diz um trecho: «A experiência demonstra que, na fase atual do movimento revolucionário, o grau de unidade atingido pelas forças nacionalistas e democráticas não permite reunidas em uma organização única, embora não esteja excluído que isto ocorra no futuro».

Realmente é um fato a dispersão de diversas forças e correntes nacionalistas no cenário político nacional. Atualmente temos uma colcha de retalhos e não se unem nacionalmente quando é necessário. A sua unidade é por assim dizer mais espiritual, ficando a cargo de poucos e nos principais centros urbanos o que poderia ser de todas as forças nacionalistas do país, se para isso existissem unidas e organizadas e tivessem uma direção e uma plataforma única.

Diz ainda o documento: «No momento atual, essa coordenação pode ser efetuada por várias formas indicadas pela experiência, no mesmo tempo que se desenvolve cada uma das correntes que constituem a frente única».

Estou plenamente de acordo que esta coordenação pode ser efetuada e urge mesmo a necessidade de fazê-lo. As grandes massas nacionalistas só passam a defender o programa nacionalista, a medida que sentirem que existe uma direção capaz, unitária, representativa e provada nas lutas destes últimos anos, direção de frente única, com estatutos e regime interno adequados à sua atuação, que sem ser um partido, possua um mínimo de organização.

Sugiro, pois: A NECESSIDADE DE REALIZAR — O MAIS BREVE POSSÍVEL — UMA CONVENÇÃO POLÍTICA DE TODAS AS FORÇAS NACIONALISTAS, PATRIÓTICAS DO PAÍS.

— Uma organização de tal tipo, saída de uma Convenção Política de caráter nacional, poderia dar início a um efetivo reagrupamento nacional de todas as forças nacionalistas, hoje dispersas e isoladas em todo território nacional. E contribuiríamos sensivelmente para modificação da correlação de forças no país, que já tarda.

A oportunidade desta Convenção se refletiria também pelo fato de estarmos no ano de 1960 — ano de eleições presidenciais — onde dois candidatos se destacam, um nacionalista (Lott) e outro entreguista (Jango). Se realizarmos em fins de agosto ou início de setembro do corrente ano, permitiriam dar maior coesão e confiança às forças nacionalistas e darmos um passo decisivo para a vitória da CHAPA LOTT-JANGÓ, unificando nacionalmente estas forças, criando confiança e abrindo horizontes para milhares de elementos desorientados e politicamente vacilantes e esparsos em todo território nacional.

Do ponto de vista político, também lucrariamos um tanto, pois seja qual o candidato eleito, entraríamos para o ano de 1961 com uma força nova, de novo tipo, organizada e tendo por base uma plataforma nacionalista e uma direção capaz de se sobrepor aos elementos e correntes entreguistas dentro e fora do governo.

Seria necessário constituir uma Comissão Organizadora, preparatória do Conselho (Convenção) nacionalista, tendo por base as forças mais interessadas, como partidos e alas nacionalistas, movimento sindical, mov. estudantil, Clube Militar, UAB, etc.

Delegados seriam designados pelas organizações interessadas através de assembleias, reuniões nos locais de trabalho, etc.

SUKARNO NO CONGRESSO DO PCI:

"Sou Uma Mistura de Nacionalismo, Socialismo e Muçulmanismo"

Publicamos a seguir trechos do discurso do presidente Sukarno, da Indonésia, na sessão final do 6º Congresso do Partido Comunista Indonésio, realizada a 16 de setembro do ano passado. Apesar de já pouco afastado no tempo, o discurso do dirigente asiático conserva ainda grande interesse e releve a situação existente na Indonésia.

Caros irmãos

Prezados companheiros:

Liberdade! (Aplausos)

Em princípio de julho o companheiro Aidit perguntou-me: está em vigor, atualmente, uma lei que proíba as atividades políticas. «Você acha que se permitirá ao Partido Comunista da Indonésia realizar brevemente seu Congresso?» Respondi, então, ao companheiro Aidit: «Realize o Congresso. (Aplausos e aciações). Celebre-o depois do 1º de agosto». Por isso, em fins de julho, antes do 1º de agosto, convidei o tenente-coronel Umar, comandante militar de Jacarta, para tomar o café da manhã comigo, e disse-lhe: «Tenente-coronel Umar: o Partido Comunista da Indonésia realizará um Congresso após o 1º de agosto. É necessário que o Congresso transcorra normalmente, porque a República da Indonésia é uma República Democrática». (Aplausos).

E, neste instante, lembro-me de um Congresso do PCI realizado há quase 40 anos, em Bandung, lá pelos anos 1922 ou 1923. Não me lembro de que concluiu-se a reunião, mas muito deixava a desejar quanto à beleza. O Congresso se celebrava numa escola particular, na Rua Pungkur, em Bandung. Tratava-se de uma cerimônia bastante modesta. O número de presentes era muito menor do que o de hoje, e recordo-me de que no lugar destinado aos dirigentes (chamavam-no, na época, de Hoofbestuur (risos) havia 15 cadeiras, mas nove vagas, porque aqueles que deviam ocupar-las estavam padecendo na prisão. (Aplausos). Assim sendo, aquela reunião era dirigida apenas por seis líderes. Era uma situação bastante diferente da de hoje, em que vejo o companheiro Aidit com muito bom aspecto, os companheiros Lukman, Njoto, Sudisman e Sakirman assentados juntos ao companheiro Njono, candidato a membro do Birô Político, e mais adiante vejo duas mulheres, em seguida mais uma, e além mais duas, — tudo retratando uma condição muito diferente em que estavam há 40 anos.

E, então, eu assistia ao Congresso em Bandung, mais ou menos como um jovem «penetra» (risos e aplausos). Muito diferente de hoje, em que assisto a este Congresso como Presidente da República da Indonésia. (Prolongados aplausos).

Sim, amigos, talvez eu seja no mundo o único presidente de uma nação não considerada país socialista que tenha comparecido a um Congresso do Partido Comunista. (Prolongados aplausos). E por que não, companheiros! Que motivos haveria para que aqui não estivesse? Vocês, também, são indonésios, cidadãos indonésios, que lutam pela independência da Indonésia e contra o imperialismo, e que deferem a independência de que ora gozamos. (Tempestuosos aplausos). Vocês são os representantes de um setor do povo indonésio, o mesmo que todo o resto de nós, indonésios. Na realidade, prefiro usar o provérbio javanês para dizer que «Vocês são parentes consanguíneos, meus irmãos e, se morrerem, sei eu o mutilado. (Tempestuosos aplausos). (1)

Sim, companheiro, a situação é totalmente diversa, e é por isso que me senti feliz quando ouvi, ao percorrer o caminho desde o palácio até este recinto, ladeado por fileiras de jovens, provavelmente a juventude comunista (aplausos e risos) todos gritarem a uma só voz: «Gotong Rojong, Gotong Rojong, Gotong Rojong... ho-lapis-cuntul-baris, ho-lapis-cuntul-baris, ho-lapis-cuntul-baris...» (2) (Todos os presentes cantam em coro). Fiquei arrebatado de satisfação porque, se quisermos completar nossa Revolução Nacional, não há outro caminho além de Gotong Rojong e ho-lapis-cuntul-baris. (Aplausos).

Há, atrás de mim, a inscrição: «VI Congresso Nacional do PCI. Pela Democracia e um Gabinete Gotong Rojong». Afirma categoricamente perante vocês, companheiros, que um gabinete Gotong Rojong é ainda a aspiração de Bung Karno. (Prolongados aplausos). Isso porque, como acabo de afirmar, para coroar nossa Revolução

Nacional, em particular agora, após ingressado em sua fase social e econômica de realização de uma sociedade justa e próspera, pela qual aspira nosso povo sofredor, não há outro caminho além de Gotong Rojong e ho-lapis-cuntul-baris. É por esse motivo, irmãos, que venho de dizer que ainda ambiciono um gabinete Gotong Rojong. Todos são, além disso, testemunhas de que organizei o Conselho Consultivo Supremo e o Conselho Nacional de Planificação com base nos princípios Gotong Rojong e, graças ao Deus Todo-poderoso, também estabeleci a Assembléia Consultiva do Povo, firmada nos mesmos preceitos. (Prolongados aplausos).

Tenho estado muito satisfeito com o PCI, em particular ultimamente — e quando digo «ultimamente» não me refiro a dias, mas a anos (risos) — porque ele afirma categoricamente ser indispensável haver unidade nacional, como o companheiro Aidit acaba de ressaltar pela décima vez em seu discurso, o que está perfeitamente de acordo com o que afirmei na época de Jogjacarta (Nota: Época em que Jogjacarta era o capital da República da Indonésia, durante o primeiro ano após 1945 — N. do T.). Desde então tenho repetido várias vezes, aqui em Jacarta, que apesar de que sempre haverá, através de toda a história, luta de classes, tradições de classe, — como diz o Manifesto Comunista, — e embora contradições e luta de classes sempre existam, não devemos, durante uma Revolução Nacional, aguçar os conflitos de classe e a luta de classes dentro de nossa própria nação. (Aplausos). Devemos, muito ao contrário, construir toda unidade revolucionária e todas as forças revolucionárias em poderosa vaga que varra nosso inimigo principal, o imperialismo político e econômico. (Prolongados aplausos).

Eu me sinto como um pedaço de lenha no monte pronto para a fogueira, entre centenas de milhares de toras de madeira empilhadas e em fogo. Contribui um pouco para essa fogueira, mas, por outro lado, também fui consumido pelo fogo. (Aplausos). Consumido pelo fogo. Todos nós não nos sentimos assim, companheiros? Cada um de vocês, irmãos, — e em particular os do PCI, — levou lenha à fogueira da Revolução, mas cada um de vocês foi gasto pelo fogueira da Revolução. Gasto no sentido de que vocês são parte da dinâmica da revolução, (aplausos), de que possuem impulso, vigor, o espírito da revolução, cujas chamas agora ardem furiosamente.

Só assim, companheiros, poderemos levar a cabo a revolução nacional, por meio de ho-lapis-cuntul-baris e Gotong Rojong. Que nenhum de nós se sinta apenas participante ou benemérito da Revolução. Que nenhum de nós se sinta como o imperador Hamurabi, que afirmou: «Sou descendente de Aburumada. Fiz os rios regarem os campos de arroz, e os tornei férteis». Quando as águas do rio correram pelos campos e os tornaram férteis, considerou isto como sua própria obra, e de acordo com suas ordens. Jamais deveremos nos guiar por tais sentimentos, por mais elevada que seja nossa qualidade de líderes. Devemos sempre nos considerar parte de uma poderosa massa, a nação indonésia, com o poder de 88 milhões, e mesmo parte da humanidade de todo o mundo, como também da grande revolução mundial, ao mesmo tempo em que, por outro lado, somos consumidos por essa revolução.

Sim: como afirmei em meu discurso de 17 de agosto de 1959, estamos passando por uma poderosa revolução, não apenas na Indonésia, mas também no exterior. Afirmei que 3/4 de humanidade se encontram agora em processo revolucionário. É a revolução da independência, em que 2 bilhões lutam pela libertação, pela fraternidade universal, por uma vida decente, por uma sociedade justa e próspera, etc. Somos parte dessa grande revolução, cabendo-nos completá-la no seio indonésio, em nosso próprio estilo pátrio.

Pois bem, irmãos: eis-me aqui, um ser humano que alguns consideram ser, de fato, bastante estranho. Eu, de minha parte, considero-me uma «mistura». Sou uma mistura de três características: sou nacionalista, socialista e muçulmano. (Risos). Todos estes três traços estão misturados em meu ser. Alguns até mesmo se surpreendem: como pode o irmão Sukarno, um muçulmano, ser materialista histórico? Sim, companheiros, novamente repito: sou, de fato, materialista histórico. Assim sendo, como é possível, então, ser muçulmano, acreditar em Deus, orar, jejuar, e tudo o mais?

Não sou materialista filosófico — sojamos francos, para que nos conheçamos bem uns aos outros! (Aplausos). Não sou materialista filosófico. Não! Sou materialista histórico! O materialismo histórico é uma ciência, um

método de interpretar a história, um método de analisar a história que afirma que todas as idéias, ideologia, etc., em qualquer fase da história, são determinadas pelas relações econômicas e sociais vigentes na época. Se as relações econômicas e sociais estiverem plenamente desenvolvidas, a ideologia será madura; se as relações econômicas e sociais forem atrasadas, a ideologia será obscurantista; se as relações econômicas e sociais forem revolucionárias, a ideologia será, então, melhor. (Aplausos). É a ciência chamada materialismo histórico, e sou um dos adeptos dessa teoria; sou, portanto, materialista histórico.

Sim, e se vocês me ouvem dizer que sou nacionalista, socialista e também muçulmano, então para compreender e ser complexo que sou, devemos nos lembrar do materialismo histórico. Sou produto da história. (Aplausos). Sou nacionalista, o que é perfeitamente natural. Sou patriota, e como pátrio de minha Pátria foi colonizada durante centenas de anos; porque perdeu sua independência por centenas de anos, e mesmo mais; porque tem sido subjugada, insultada, oprimida, e porque durante centenas de anos, e mesmo mais, nem mesmo pôde declarar seu próprio nome. Tal nação não pode deixar de engendrar sentimentos de patriotismo e nacionalismo. (Aplausos). E eu nasci nessa nação. Vocês poderão, assim, interpretar meu nacionalismo como o fruto de um processo histórico dentro de nossa própria nação.

De que espécie é meu socialismo? Sou filho de uma nação que foi, logo de início, explorada economicamente e oprimida pelo imperialismo. Uma nação que, segundo a expressão do Dr. Bleindor, — e que tenho repetido várias vezes, — se tornou «uma nação de coolies e um coolie entre nações; uma nação que tem vivido com 2,5 centavos por capita por dia, nação que se alimenta hoje mas não sabe de onde virá a alimentação de amanhã, nação vestida de andrajes, vivendo em choças, nação cujos filhos sempre choram com fome, nação, em suma, que vive na pobreza e na indigência. Só o socialismo pode inspirar a uma nação desse tipo. (Aplausos). E sou filho dessa nação, que com ardor espera por uma sociedade justa e próspera, em que todos sejam felizes, em que todos tenham moradia decente, vestuário e alimento, e em que tudo corra bem; tal nação deve, historicamente deve, ser uma nação com ideais socialistas, e tem havido muitas nações assim, além da Indonésia.

É por tudo isso que de modo algum me surpreendo diante do fato de surgirem países socialistas por toda a parte. (Aplausos). O representante da Polônia acaba de dizer que o número de habitantes dos países socialistas é de 1 bilhão. Penso haver erro de cálculo. (Risos). Não são 900 milhões e sim, segundo meus cálculos, mais de 1 bilhão. (Prolongados aplausos). Assim sendo, como disse, é um fenômeno do século XX, e mais do que isso, é uma característica do século XX. O primeiro fenômeno é a primeira característica do século XX é o advento de Estados independentes na Ásia e África. O segundo fenômeno é a segunda característica do século XX é o aparecimento de países socialistas que, se não me engano, já chegam a 15, com uma população de mais de 1 bilhão. Este fenômeno ocorreu porque não só na Indonésia o povo tem vivido na pobreza e penúria, mas também em outras partes, e por isso, finalmente, surgiu um movimento que deu origem a 15 países socialistas, com uma população de mais de 1 bilhão.

É o caso de vocês perguntarem: «E que relação há entre tudo isso e ser muçulmano?» (Risos prolongados). Encarando-se do ponto de vista social, encarando-se do ponto de vista da história de nossa nação, que está numa fase chamada período agrário em que tem estado há centenas de anos, — provavelmente há milhares de anos! — ou, mais precisamente, está justamente saindo da fase agrária, em que primeiramente se cultivava a terra, tal nação não pode deixar de ser religiosa, crente em milagres. Os que trabalham nas fábricas sabem que o pano é produzido pela máquina e, desde que esta funciona bem, não há dúvida de que produzirá o tecido. Os que trabalham em eletricidade sabem, com precisão, que se o gerador funcionar haverá corrente elétrica. O camponês, porém, planta uma semente de arroz e o mais que lhe resta a fazer é rezar para que a chuva caia e dê vida à sua plantação, rezar ao descorcheado para que a terra não seque e a semente não morra; rezar a um ser que ele não vê, para que sua planta cresça vigorosamente e produza frutos. Tudo isso é encarado do ponto de vista social e histórico. Uma nação dessa espécie não pode deixar de ser religiosa. Vocês me devem considerar também desde árabe social e histó-



SUKARNO

(Risos e prolongados aplausos). Mesmo assim, tudo isto assume um aspecto mais profundo. (Risos e prolongados aplausos). Tirem-me, por exemplo, da sociedade e da história, e procurem saber mais profundamente porque eu, Bung Karno, acredito em Deus. (Risos). Por que Bung Karno é muçulmano? Poderemos discutir o assunto em outra oportunidade, se Deus quiser. (O presidente sorri, aplausos). Mas vocês, irmãos, (O presidente usa aqui a forma familiar do vocativo, «engkau» — N. T.) — desculpem-me por usar a palavra engkau — como materialistas históricos naturalmente compreendem que os sentimentos de nacionalismo, e até mesmo mais, os sentimentos de socialismo, assim como os sentimentos religiosos, são, como a disse, fruto de condições históricas e sociais. Os sentimentos de nacionalismo e os sentimentos religiosos são fatores objetivos em nossa sociedade atual. (Aplausos). Assim sendo, afirmar não ser materialista histórico, não ser comunista todo aquele que — desculpem-me por usar a palavra «engkau»; afinal de contas estamos em camaradas (risos) — não queira aceitar o fato de que há nacionalismo na Indonésia e que há sentimentos religiosos na Indonésia. (Aplausos).

E, realmente, só com a unidade

nacional poderemos completar a revolução nacional por uma sociedade justa e próspera. Acaba de afirmar que até mesmo na revolução nacional existem contradições de classe, a luta de classes está latente e que existirá sempre, através de toda a história, — veja-se o Manifesto Comunista — que não devemos a qualquer coisa as contradições de classe dentro de nossa própria nação. Embora o afirmemos, não quer dizer, porém, que não devemos tomar os trabalhadores e os camponeses conscientes de sua classe. Não quer dizer que não devemos dar consciência de classe aos operários e aos camponeses. Não, de forma alguma! Devemos elevar a consciência de classe dos operários e dos camponeses (aplausos), porque são justamente eles que devem se tornar a força matriz da conquista de uma sociedade justa e próspera, da qual são o estio. Constituem mais de 90% do povo indonésio e são a base da sociedade socialista de tipo indonésio. Devemos, por isso, despertar a consciência de classe dos operários e dos camponeses. Devemos ter consciência de caber a cada um deles um dever histórico, o de serem o sustentáculo, como o acaba de dizer, de uma sociedade justa e próspera, e o estio da sociedade socialista de tipo indonésio.

Teoria e Prática Lenin e a Luta Pela Democracia

Damos abaixo o tópico do manual FUNDAMENTOS DO MARXISMO-LENINISMO, recentemente editado na União Soviética, por iniciativa do PCUS — «Lenin e a necessidade da luta pela democracia nas condições do capitalismo».

Como ninguém mais, V.I. Lenin viu as limitações e o caráter condicional da democracia burguesa e soube desmascarar implacavelmente seus defeitos e suas chagas. Entretanto, a logo da crítica leninista dirigia-se contra a democracia burguesa, e não contra a democracia em geral, como tentaram fazer crer os inimigos do marxismo-leninismo. Lenin lutou contra as ilusões pequeno-burguesas quanto à possibilidade de, sob o capitalismo, ser alcançado o Poder autenticamente popular. Demonstrou que, sob a fachada democrática de qualquer república burguesa, encobria-se o mecanismo da dominação de classe do capital, e que a burguesia procura colocar a serviço dessa dominação todas as instituições da democracia.

Mas, criticando aqueles que se acham prisioneiros das ilusões democráticas pequeno-burguesas e os que se dispõem a renunciar os grandiosos objetivos da classe operária, Lenin via com clareza as vantagens que a classe operária pode obter das liberdades, frequentemente parciais, por ela conquistadas ao preço de enormes sacrifícios e de sangue e contra as quais investia a burguesia. Considerava Lenin que a democracia tem enorme significação na luta da classe operária contra os capitalistas, por sua emancipação.

Lenin foi, por isso, intransigente em face das concepções e tendências retrógradas, cujos portadores afirmavam que a classe operária nada tem a ver com a democracia e que a luta pela democracia só podia dificultar a luta do proletariado por seus interesses de classe.

Contestando semelhantes confusões «esquerdistas», Lenin indicava a importância, do ponto-de-vista de princípio e do ponto-de-vista prático, da luta pela democracia, no curso da qual o movimento operário cresce e se fortalece, melhorando as condições de sua atividade. Não defendendo em face da burguesia, e não consolidando em seu benefício, determinados direitos políticos, a classe operária não poderá conseguir tornar vitoriosas mesmo as suas reivindicações econômicas. «Nenhuma luta econômica — ensina Lenin — pode trazer aos operários melhorias efetivas, nem ser aproveitada em larga escala, se os operários não dispuserem do direito de livremente realizar suas assembleias, organizar suas uniões, possuir seus jornais e enviar seus representantes às assembleias populares...»

Mas a importância da democracia para a classe operária não é determinada apenas pelo fato de que dela dependem as condições de sua luta. Lenin ressaltou mais uma vez que a exigência da democracia corresponde aos objetivos finais do movimento operário e à sua vocação histórica, que consiste na extinção da dominação de classe em geral. Exortando a classe operária a realizar uma completa revolução econômica, necessária à edificação de uma sociedade nova, socialista, Lenin indicava ao mesmo tempo que o proletariado será incapaz de realizar a revolução econômica se não for educado na luta pela democracia.

Sindicato Nacional dos Tafeiros, Culinários e Panificadores Marítimos
Por ocasião da passagem do 1º de Maio, data internacional dos trabalhadores, o Sindicato Nacional dos Tafeiros da Marinha Mercante saudou os seus associados e os trabalhadores em geral, fazendo votos para que se fortaleça a unidade da classe operária e que nossa Pátria se desenvolva, possibilitando aos trabalhadores e ao povo dias mais felizes.
A Diretoria
Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico do Rio de Janeiro
PALACIO DO METALURGICO - Rua Aim Neri, 152 - Telefones: Depto. Jurídico - 34-1471, Depto. Médico - 48-2270, Secretaria - 34-1175.
CIRCULAR Nº 31/60.
REUNIAO DE DELEGADOS
A Diretoria deste Sindicato convida todos os Delegados e associados em geral, para a reunião do Conselho Geral de Representantes em Fábricas e Oficinas a realizarse no próximo dia 29 do corrente (sexta-feira), às 18.30 horas, em 1ª convocação ou às 19 horas em segunda, na sede social, Rua Aim Neri nº 152 para tratar da seguinte:
ORDENEM-DO-DIA
a) - Leitura, discussão e votação da ata da reunião anterior; e
b) - Informes da Diretoria e dos Delegados.
COMEMORAÇÕES DO DIA DO TRABALHADOR
Programa:
Dia 30-4-60 - às 19 horas: Grande concentração dos trabalhadores (Ganharemos em nosso Palácio, com a presença do Governador do Estado);
Dia 1-5-60 - às 11 horas: Sessão Cívica com pronunciamentos sobre a data Internacional dos Trabalhadores;
às 15 horas: «Show» artístico;
às 17 às 21 horas: Grande Baile Social.
Aguardando a presença dos Delegados e associados para participarem com o seu concurso nas programações acima, a Diretoria agradece com as
Sindicatos Trabalhadores
BENEDITO CERQUEIRA
Presidente
Rio, 22-4-60
NOTA: O programa radiofônico A Voz da Metalurgia, está agora sendo transmitido pela Rádio Rio de Janeiro, todas as das, horas, de 21 horas



— Éta, cidade bacana; a gente pode saltar papagaio à vontade que não tem fio para atrapalhar.

O garoto vibrou com Brasília.

A cidade apresenta a todos um quinhão de satisfação. As donas-de-casa podem ficar cuidando de seus afazeres domésticos sem preocupação com a ida de seus filhos à escola, pois eles não atravessarão ruas que propiciem acidentes; os motoristas não têm necessidade de freiar a cada esquina, porque inexistem cruzamentos, passando os carros em níveis diferentes nas transversais; quem está em casa ou no trabalho não respira óleo e gasolina dos veículos, que passam muito afastados dos prédios, etc.

Mesmo quem não entende de urbanismo e arquitetura, a maioria de nós, sente que a função primeira de uma cidade é servir ao homem, facilitando-lhe as atividades. Brasília, embora uê a impressão de que estamos passeando dentro de um monumento, cumpre essa finalidade. É uma cidade pensada e construída para o homem.

Respira-se. São amplos os horizontes. Tudo está à mão. Inclusive o céu, que pode ser visto por todos, da rua ou de dentro de casa, necessidade frustrada em nossos grandes centros urbanos.

A tal ponto chega o bem-estar na cidade de Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, que seus mais ferrenhos inimigos ao conhecê-la perdem a argumentação, tartamudeiam, emudecem. Quando não passam para posições favoráveis à cidade que «cria soluções e não problemas», como a definiu famoso arquiteto francês.

As festas que inauguraram a vida oficial de Brasília atraíram ao planalto central gente de todos os cantos do país. Milhares e milhares de quilômetros foram percorridos de automóvel ou avião.

De tudo que se fez e se fará em Brasília, o candango é, sem dúvida, o herói principal. Embora a maioria deles ja-

Candango Vibrou Com Sua Obra

Reportagem de LUIZ FERNANDO



nhando a miséria que oscila entre dezoite e vinte e cinco cruzeiros por hora, os construtores da cidade foram tomados de verdadeiro entusiasmo com a sua entrega na data prevista.

— Vamos rapaz, força. Olha que dia 21 é quinta-feira.

Frases como esta se tornaram comuns entre os candangos às vésperas da inauguração, uns estimulando os outros para assegurar um ritmo de trabalho até então desconhecido no Brasil. Para dar um exemplo de como trabalham os operários na nova capital, é interessante citar o comentário entre dois visitantes:

— Puxa, como são rápidos os candangos! Enquanto você estava ali na fila para passar o telegrama, eu os vi erguerem aquela parede!

As comemorações do dia 21 foram a festa dos trabalhadores. As evoluções da banda dos fuzileiros navais, as piruetas da esquadilha da fumaça, o garbo da parada militar, nada disso conseguiu superar o entusiasmo dos assistentes ao verem o desfile dos trabalhadores que presentearam ao mundo um monumento arquitetônico num lugar onde antes dava, até, medo penetrar.

O mais empolgante, contudo, foi a festa popular realizada na noite do dia 21, quando milhares de visitantes estavam bebendo e comendo milhões em perus e «whiskys» no Alvorada. Libertos da presença embaraçosa de autoridades e turistas, os candangos promoveram o primeiro carnaval em Brasília, ao som de três orquestras à sua disposição no Eixo Rodoviário.

Por ocasião da entrega da chave da cidade ao presidente da República no Palácio do Planalto, respondendo à interpelação de um popular, ele afirmou que não havia perigo de que os trabalhadores que ergueram a nova capital fôssem esquecidos. Que ele cumpria a promessa, para Brasília não perder o sentido.

